D. Martyn Lloyd-Jones

Salvos desde a Eternidade

Certeza Espiritual



VOLUME 1

CERTEZA ESPIRITUAL: Volume 1

Salvos desde a Eternidade

D. Martyn Lloyd-Jones

Editado por Christopher Catherwood

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287 – 01059-970 – São Paulo, SP
www.editorapes.com.br

Título Original:
Saved in Eternity

Editora:
Kingsway Publications, Ltd

Primeira edição em inglês:
1988

Copyright:
Lady Catherwood e Sra. Ann Beatt

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Cooperador:
Luís Christianini

Capa:
Wirley dos Santos Corrêa

Primeira edição em português:
2005

Impressão:
Imprensa da Fé

Índice

1. A Oração Pessoal do Senhor 9
2. Por que Orar? 24
3. A Glória de Deus no Plano de Salvação 41
4. Nossa Segurança em Deus 56
5. O Senhor Jesus Cristo, o Senhor da Glória 70
6. Antídoto para a Introspecção 85
7. Está Consumado 101
8. É Chegada a Hora 115
9. "Para que Dê a Vida Eterna a Todos Quantos Lhe Deste" 130
10. O Único Deus Verdadeiro 145
11. Um Novo Princípio 159
12. Cheios de Nova Vida 172
13. A Salvo em Seu Reino Eterno 186

Prefácio

Os sermões deste livro formam a primeira parte de uma série sobre João, capítulo 17, que o Dr. Lloyd-Jones pregou nas manhãs dominicais na Capela de Westminster entre 1952 e 1953. (Os volumes subseqüentes serão publicados nos próximos poucos anos.) Estes sermões particulares foram pregados entre abril e julho de 1952, período no qual o Dr. James Packer achava que Lloyd-Jones estava "num planalto de suprema excelência". Muitos outros endossariam essa opinião atualmente, razão pela qual estes sermões estão sendo publicados.

Christopher Catherwood
Editor
1968

1

Oração Pessoal do Senhor

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti." – João 17:1

É costume referir-nos à oração que vemos registrada no Sermão do Monte e em Lucas, capítulo 11, como a Oração do Senhor; mas, na realidade, naturalmente, essa foi a oração que Ele deu como uma espécie de modelo para os Seus discípulos e para outros, ao passo que aqui temos o que verdadeiramente pode ser chamado a oração do nosso Senhor, pois aqui O vemos fazendo Sua oração pessoal ao Pai. As circunstâncias nas quais Ele veio a fazê-la são conhecidas de todos nós. "Jesus falou assim", são palavras que se referem ao grande discurso registrado nos capítulos 14, 15 e 16 deste Evangelho. Depois, tendo proferido as palavras sobre o Espírito Santo que deve ser dado aos crentes, sobre o que Ele pode operar neles e sobre os resultados da Sua vinda, o nosso Senhor elevou Seus olhos ao céu e começou a orar.

Um curioso pregador do século dezessete disse qual é, creio eu, a verdade eterna acerca desta oração: "É a maior oração já oferecida na terra, em seguida ao maior sermão já pregado na terra". Num sentido não há o que acrescentar a isso. Aqui vocês têm este sermão nesses três capítulos e

depois, imediatamente no fim do sermão, o nosso Senhor eleva esta oração. É uma das mais ricas e mais sublimes declarações que se acham em qualquer parte, mesmo nas Escrituras. E há um sentido em que pregamos sobre ela com temor e tremor, receando detrair da sua grandeza e do seu valor. No passado havia aqueles que achavam que aqui tratamos de uma coisa tão sagrada, porque significa abrir o próprio coração do nosso Senhor, que a única coisa que podemos fazer com esta oração é lê-la. Houve um grande homem que viveu na Alemanha no século dezessete cujo nome é Stein (líder em muitos aspectos do grande movimento pietista praticado pelos Irmãos Morávios e outros), que dizia que não ousava pregar sobre João, capítulo 17, e havia muitos outros que concordavam com ele.

Todavia, parece-me que isso é um erro, pois afirmo que o nosso Senhor nunca teria proferido esta oração audivelmente se não tivesse a intenção de que a ouvíssemos, pudéssemos estudá-la e, acima de tudo, para que pudéssemos compreender o seu ensino. Ele não orou meramente a Deus, orou audivelmente a Deus, e os discípulos O ouviram. Assim, a oração foi preservada, e me parece que nisto nós temos uma maravilhosa ilustração da bondade do nosso Senhor em permitir que os Seus discípulos ouvissem esta oração e em providenciar para que fosse registrada desta maneira.

E, naturalmente, quando vocês examinarem a história da Igreja, verão que esta oração tem sido usada pelo Espírito de maneira verdadeiramente excepcional para suster as pessoas e dar-lhes suporte quando elas enfrentam dificuldades na vida, especialmente quando lhes chega a hora de morrerem. O exemplo mais notável, talvez, é o de João Knox, o grande líder da Reforma Protestante na Escócia e poderoso homem de Deus. Conta-se que durante os últimos dias da sua vida, percebendo que estava prestes a morrer, pediu a sua

esposa que lesse para ele João, capítulo 17, e foi realmente enquanto ela estava lendo este capítulo maravilhoso que ele passou do tempo para a eternidade. Isso de maneira nenhuma é surpreendente, quando chegamos a aperceber-nos da riqueza aqui existente para nós.

Estou chamando a atenção para isso agora porque cada vez me convenço mais de que a metade das nossas dificuldades são devidas ao fato de que não compreendemos exatamente o que nos é oferecido nas Escrituras. Todos os nossos problemas e ansiedades, todas as nossas incertezas e hesitações, e grande parte da nossa infelicidade em nossa vida espiritual devem ser rastreadas e buscadas simplesmente no fato de que não nos damos conta do que nos está provido. O apóstolo Pedro, em sua Segunda Epístola, não hesita em dizer que "tudo o que diz respeito à vida e piedade" nos é dado (2 Ped. 1:3). E a alegação feita constantemente nestas Epístolas do Novo Testamento é que não há nenhuma condição concebível que possamos conhecer, não há nenhum estado de alma no qual possamos entrar para o qual já não tenhamos sido preparados. Há ensino concernente a isso, e o propósito é que o povo de Deus esteja sempre se regozijando no Senhor. Espera-se que conheçamos a plenitude e o triunfo, que experimentemos a glória mesmo aqui na terra.

Mas a questão que se levanta é esta: então, por que é que não estamos, todos nós, gloriando-nos e nos regozijando nesta grande salvação? Por que será que tantas vezes como que pedimos desculpas e damos a impressão de que estamos derrotados? Por que tantas vezes ficamos com medo do mundo e do futuro, preocupados com a causa de Deus e com a Igreja? Por que é que, com esta preocupação mórbida, muitas vezes recorremos freneticamente a coisas que freqüentemente são indignas? Pois bem, eu sugiro que a explicação de todas estas coisas é a nossa incapacidade de

compreender o que foi providenciado para nós, a nossa incapacidade, se o preferirem, de compreender a nossa posição em Cristo, e de entrar em nossa herança. Claro está que estamos inteiramente sem escusa, porque, como lhes estive lembrando, está tudo aqui para nós. Se não tivéssemos nada senão João, capítulo 17, certamente teríamos mais que o suficiente para nos sustentar, porque aqui o nosso Senhor nos concede uma percepção profunda da nossa posição e de tudo o que é de importância e de valor para nós, enquanto estivermos neste mundo limitado pelo tempo. Portanto, não podemos fazer nada melhor do que examinar esta oração e considerar o que Cristo nos tem para dizer.

Eis a situação: Ele estava para deixar os discípulos, sabia quão perturbados eles estavam, porque eles já o tinham demonstrado, e Ele começou o Seu sermão dizendo: "Não se turbe o vosso coração". Eles estavam inquietos porque Ele lhes estivera dizendo que estava prestes para partir do meio deles, e isso lhes veio como uma informação estraçalhante. Ali estavam eles, tinham-nO seguido durante três anos, tinham ouvido Seu ensino, tinham observado Seus milagres, tinham passado a pôr nEle a Sua confiança, e Ele lhes havia dado certos poderes. Se tinham um problema ou uma dificuldade, eles O buscavam imediatamente, e Lhe faziam perguntas; Ele sempre estava pronto a responder--lhes, e era muito paciente. E agora, após esses três anos maravilhosos e após toda aquela santa intimidade e aquele companheirismo tão rico, Ele lhes conta que está prestes a deixá-los. Eles ficam completamente abatidos e emudecidos, e Ele pode ver isso só de olhar para eles. Ele lê a mente e entende o espírito deles, e então começa dizendo: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim". Depois Ele passa a desdobrar para eles esta doutrina maravilhosa, esta, para eles, surpreendente idéia, que era bom para eles que Ele partisse, que eles iriam estar numa

situação melhor, não pior, em conseqüência de Sua partida, porque Ele ia preparar lugar para eles. Não somente isso, Ele ia enviar-lhes outro Consolador, que estaria neles, e que Ele, Jesus, viria habitar neles pelo Espírito Santo – essa extraordinária doutrina da habitação de Cristo, da permanência do Pai e do Filho na vida do crente. Ele prossegue e vai desenvolvendo e explicando essa abençoada e maravilhosa doutrina.

Mas Ele não pára aí. Agora Ele intercede por eles no sentido de que saibam que quando os deixar aqui na terra, quanto tiver partido para estar com Seu Pai, continuará intercedendo por eles. No versículo 11 Ele diz: "E eu já não estou mais no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste...". Ele não só lhes fala em doutrina e ensino, Ele quer que aqui eles vejam que os está confiando ao Pai, para que saibam que nunca serão deixados entregues a si mesmos, porém que em todas as circunstâncias e condições Ele estará olhando por eles. Ele será o seu grande Intercessor, na verdade o próprio Pai está interessado neles. Esse é Seu objetivo e propósito em fazer esta oração audivelmente, que venham a saber, enquanto Ele ainda está com eles, do Seu interesse em cuidar deles, o qual continuará a ter, apesar de partir e ficar fora da vista deles.

Essa é a essência desta oração, e o que eu quero fazer agora é apresentar uma vista geral da oração. Posteriormente espero considerar isso com mais detalhes, e expor e desdobrar seu rico, glorioso e inestimável ensino. Permitam que eu lhes faça algumas perguntas antes de prosseguir. Quantas vezes vocês leram este capítulo? Qual tem sido o valor deste capítulo para vocês até aqui? Quantas vezes vocês exploraram as suas riquezas? Quantas vezes o buscaram quando em suas tristezas. Vocês entendem o que João Knox sentia quando pediu que lhe fosse lido este capítulo?

Parece que muitos de nós somos culpados de colocar esta grande oração de lado, por assim dizer, com uma espécie de falsa humildade. O nosso maior perigo – de fato sinto que é o meu maior perigo – é ler as Escrituras de maneira geral demais, em vez de examiná-las mais, ouvir cada frase, tomar posse de cada pronunciamento, fazer perguntas concernentes a cada declaração. Cada uma destas declarações tem um sentido rico e profundo, bastando que nos demos ao trabalho de pesquisá-las.

Comecemos, então, a fazer isso juntos. Procuremos ter uma visão panorâmica das lições óbvias que estão aqui, logo na superfície. A primeira coisa que eu penso que devemos aprender é como orar. Afinal de contas, trata-se de uma oração modelo, não no sentido em que a chamada Oração do Senhor (Pai-nosso) é uma oração modelo, mas no sentido de que é desta maneira que o nosso Senhor orava pessoalmente, e esta é um exemplo, ou uma ilustração na prática. Podemos estar sempre certos de que a maneira correta de orar é a maneira como Ele orava. Toda a Sua vida era, num sentido, uma vida de oração. Muito embora sendo o Filho de Deus, Ele passava muito do Seu tempo em oração, e este era seu modo de orar.

Pois bem, todos nós precisamos receber instruções sobre este assunto. Às vezes pensamos que orar é simples, mas não é. Os grandes santos de todos os séculos são concordes em dizer que uma das coisas mais difíceis é saber orar. Se algum irmão ou irmã se sente abatido por achar difícil orar, ele ou ela não deve desanimar-se, porque essa é a experiência comum dos santos. A pessoa por quem me lamento é a que não tem nenhuma dificuldade com a oração; certamente há algo de errado com ela. A oração é a mais elevada realização do santo. Não significa apenas "dizer uma oração" – diga-se de passagem, que frase horrível é essa! – as pessoas em geral falam em "dizer uma oração", porém

isso é muito diferente de orar. É relativamente fácil dizer ou ler uma oração, porém o principal é orar, e aqui vemos o nosso Senhor orando.

Vocês verão que há uma grande seqüência lógica nas diversas petições; o nosso Senhor não Se limita meramente a proferir algumas petições ao acaso; há um arranjo definido, há uma ordem muito precisa, de modo que temos que compreender que na oração nós devemos exercer disciplina, em certa medida. Sempre, na oração, a primeira coisa é recolher-nos – é o ato de recolhimento – uma pausa para meditar e considerar exatamente o que havemos de fazer. Começamos a dar-nos conta da Pessoa a quem vamos dirigir-nos, e isso leva a uma certa conseqüência inevitável que emergirá à medida que analisarmos esta grande oração.

O capítulo 17 de João é, pois, uma esplêndida ilustração do modo como devemos orar. Entretanto, ao mesmo tempo, ela nos leva logo a um entendimento de quem é esta Pessoa que Se põe a orar. Não há, talvez, nenhum outro capítulo que propicie maior discernimento sobre a Pessoa do nosso bendito Senhor do que justamente esta oração que estamos considerando juntos. Ele Se dirige a Seu Pai: "Glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti"; Ele fala sobre a glória que tinha com o Pai antes da fundação do mundo. De imediato nos é feito lembrar que estamos na presença, não de um mero homem, e sim na presença do Filho de Deus – o Deus-homem – Aquele que compartilhava a glória do Pai antes da fundação do mundo, desde toda a eternidade, e, ao darmos seqüência à nossa consideração desta oração, seremos levados a penetrar algumas das mais ricas e mais profundas doutrinas concernentes à Pessoa e à obra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Pois bem, eu já dei ênfase ao ponto segundo o qual não há nada que seja tão maravilhoso acerca das Escrituras

como a maneira pela qual elas variam a sua apresentação da verdade. Há um grande pronunciamento objetivo e dogmático da verdade concernente à Pessoa e à obra do Senhor Jesus Cristo, porém algumas vezes vocês verão essa doutrina ensinada mais perfeitamente, com ilustração e na prática, nas coisas que Ele próprio diz de Si mesmo, ou nas coisas que Ele assume, e, ao considerarmos esta oração, pomo-nos face a face com esta rica doutrina concernente a esta Pessoa bendita. Oxalá pudéssemos tão-somente agarrar-nos com firmeza a ela e voltar a compreender que o Filho de Deus desceu a este mundo limitado pelo tempo – que estamos encarando aqui todo o mistério e glória da encarnação, do nascimento virginal, da humilhação do Filho de Deus! Todavia, o espantoso é que esta Pessoa que está orando ao Pai era igual ao Pai. Ele assumiu a natureza humana, veio em carne, viveu como homem na semelhança da carne pecaminosa, e aqui está Ele, orando. Na verdade, lemos noutra passagem sobre Ele clamar, com forte brado e lágrimas, a Seu Pai. É coisa estupenda, maravilhosa de se contemplar, que Deus desceu em carne a fim de nos resgatar e de nos redimir, e que aqui Ele abre o Seu coração para mostrar o Seu maravilhoso interesse por nós e o Seu admirável amor com respeito a nós; e, conforme avançarmos, penetraremos esta rica doutrina concernente à Sua Pessoa.

E de maneira muito específica vemos aqui, em Sua abordagem, a razão completa pela qual Ele veio a este mundo. E Ele nos diz que tinha sobre Si uma certa incumbência, que veio para cumpri-la, e, coisa ainda mais gloriosa, que Ele a cumpriu. Mas, quando O ouvimos orar, temos, se nunca a tivemos antes, uma percepção da Sua razão para fazê-lo – começamos a ver o plano de salvação. Ora, aqui há de novo uma coisa que nós, cristãos modernos, perdemos da memória, e que perda é para nós! Os nossos pais, nos grandes dias de evangelização, costumavam falar

sobre o "plano de salvação", "o esquema da salvação". Ouvimos muito pouco sobre isso hoje em dia. Somos por demais subjetivos, estamos por demais interessados em benefícios particulares, muitíssimo raramente paramos para observar o imenso alcance do plano de salvação. No entanto, aqui vocês encontram tudo isso, vocês o vêem quando Ele fala da glória da eternidade anterior à fundação do mundo. Vocês O vêem levar-nos passo a passo e depois indo de volta àquela glória. Vocês não podem ouvir ou ler esta oração sem começar pela glória e terminar na glória, e, nesse ínterim, sem irem diretamente às maiores profundezas da degradação e vergonha da cruz, e depois à ressurreição. Está tudo aqui: o grande plano com relação a nós; este grande propósito de Deus com respeito a algumas pessoas que Ele deu a Seu Filho como o objeto especial de salvação, e tudo o que deve ser feito a fim de conduzi-las à consumação final.

Não conheço nada que seja mais animador e que cause maior júbilo. Não há neste mundo limitado pelo tempo maior base de segurança do que sentir-nos parte do grande plano e propósito de Deus. Nenhuma destas coisas é acidental, nenhuma delas é fortuita. Não importa o que possa acontecer no futuro, nada pode perturbar este plano. Meu amigo, se você é cristão, acaso sabe que era objeto do interesse e do cuidado de Deus antes da fundação do mundo? Todas estas coisas operaram na eternidade, antes de existir o tempo, e por isso devemos sempre lembrar que nada pode acontecer no tempo que faça a mais diminuta diferença.Esse é o argumento que encontramos constantemente nas Escrituras. Jamais devemos cansar-nos de citar estas grandes palavras: "Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de

Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rom. 8:38,39) E se você tem alguma dúvida sobre isso, leia esta oração e veja a segurança delineada por Ele aqui.

Passamos, a seguir, a examinar o que Ele fez por nós – "...tendo consumado a obra que me deste a fazer", diz Ele, e, tomando isso como ponto de partida, vemos que Ele fez por nós algumas coisas que ninguém mais poderia fazer por nós, e que jamais poderíamos fazer por nós mesmos. Ele falou sobre isso aos Seus discípulos nos primeiros capítulos, e aqui faz um resumo. O que Ele fez por nós foi satisfazer à lei e a todas as suas exigências. Acho espantoso como as pessoas podem estudar e pregar sobre Cristo, Sua vida e Sua morte, e nunca mencionar a lei. Mas, se a lei de Deus não fosse satisfeita, não haveria salvação. A lei nos é oposta; ali está ela, e exige obediência perfeita, absoluta, e nos ameaça com a morte, se falharmos num só aspecto. Se Cristo não tivesse cumprido a lei, ainda estaríamos em nossos pecados, estaríamos arruinados, estaríamos condenados, estaríamos perdidos; mas Ele consumou a obra, os livros foram postos em dia, a lei foi satisfeita e, portanto, não há condenação para os que estão em Cristo Jesus. Porventura você sabe disso? Regozija-se nisso? Você está disposto a juntar-se a Toplady e a dizer com ele:

Os terrores da lei e de Deus
Nada mais têm o que fazer comigo;
A obediência e o sangue do meu Salvador
Todas as minhas transgressões
dos Seus olhos ocultam.

Que coisa magnífica é que aqui, justo antes de ir para a cruz, Ele antecipa isso tudo. Ele sabe o que vai fazer, e não há incerteza sobre isso. Diz Ele: "Consumei a obra que me deste a fazer". Já está feita, está completa. Portanto, nós pregamos uma salvação realizada completamente. Nada

nos resta fazer, senão recebê-la; não há boa obra nem qualquer mérito que devamos prover: está tudo em Cristo, e somente em Cristo. E, conforme prosseguirmos nesta oração, teremos uma visão maravilhosa disso.

Portanto, a próxima coisa é a percepção de algumas das coisas que nos são possíveis, mesmo neste mundo e nesta vida. Eu gostaria de lembrar-lhes mais uma vez que, por causa desta doutrina bendita, devemos regozijar-nos. Todos os frutos do Espírito devem manifestar-se em nossas vidas – alegria e paz, longanimidade, benignidade, bondade, mansidão, temperança e fé, todas estas coisas devem ser posses presentes. Conforme esta doutrina, o cristão não está esperando ser salvo, não está constantemente demorando-se em mistérios, às vezes melhor, às vezes pior; não, ele se regozija em Cristo Jesus – ouçam Paulo: "Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos" (Fil. 4:4). Mas estaríamos nós nos regozijando? Damo-nos conta da possibilidade de regozijar-nos? Se tão-somente captarmos o que esta oração está dizendo, e entendermos este ensino, seremos capazes de sorrir em face do mundo e do inferno. O apóstolo pretende que nos regozijemos, que conheçamos esta plenitude que Deus providenciou para nós em Cristo, e, digo e repito, que vergonha se nós, irmãos e irmãs cristãos, não tivermos parte nisso, se não participarmos disso, e se não nos regozijarmos inteiramente nisso!

Aqui, em Sua oração, o Senhor nos deixa ver algo desta possibilidade maravilhosa, e então, como já dei a entender, Ele nos mostra a fonte de segurança e de poder neste mundo. Poderiam vocês imaginar algo que seja mais confortador do que o Senhor ter orado por vocês: "Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim"? Vocês se dão conta de que, quando estava fazendo esta oração, o Senhor Jesus Cristo estava orando por *vocês*? Se somos cristãos, é bem

provável que haja pessoas na vida cristã hoje porque alguém orou por elas, um pai ou uma mãe piedosa, talvez, que orou através de anos e anos de desapontamento, e continuou orando. E Deus ouviu a oração e elas se tornaram cristãs. Existiria alguma coisa que dê maior consolação do que saber que há pessoas orando por você? Não conheço nada que me encoraje mais, em meu trabalho e em meu ministério, do que saber que há pessoas orando por mim. Elas recorrem a Deus, que é a fonte de todo poder, e Lhe pedem que me encha de poder.

Assim, pois, se você crê na oração de uma pessoa piedosa, quanto mais deve crer na oração do Filho de Deus por você. Aqui Ele nos faz saber que orava por nós e que vai continuar orando por nós, e, o que é a coisa mais maravilhosa, o que Ele faz é colocar-nos nas mãos de Deus. Diz Ele: "Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste... Mas agora vou para ti" (versículos 11-13). "Pai", diz Ele com efeito, "Eu os devolvo a Ti; guarda-os." Se tão-somente pudéssemos apoderar-nos de algum modo desta verdade maravilhosa, que o Senhor Jesus Cristo, pessoalmente, colocou-nos sob a segura proteção de Deus e que, portanto, estamos sob a segura proteção de Deus! O nosso Senhor nunca Se cansou de expor esta doutrina. No Sermão do Monte, por exemplo, o que Ele fica dizendo é praticamente isto: "Insensatos, se vocês apenas conhecessem o Seu interesse por vocês, se tão-somente pusessem no coração a lição das aves e das flores! Observem como Ele cuida delas – quanto maior é o Seu cuidado por vocês, oh gente de pequena fé!" E aqui, em Sua derradeira oração, Ele nos entrega aos cuidados do Pai e diz: "Pai, guarda-os". Oh, é um pensamento maravilhosamente consolador e reconfortante, saber que Deus o Pai olha por nós,

cuida de nós e nos guarda nos dias atuais!

E, finalmente, vamos aprender desta oração qual é a nossa relação com este mundo, e qual é o nosso dever nele. Não fomos salvos só por amor de nós; fomos salvos para passarmos estas boas novas a outros. "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envio ao mundo" – Ele os estava deixando no mundo com uma mensagem, e os estava enviando para fazerem algo, como Deus O tinha enviado antes.

Temos, pois, feito um apressado exame de algumas das coisas que se vêem logo na superfície desta oração. Vocês verão que há algumas divisões naturais: nos versículos 1 a 5 o nosso Senhor ora principalmente por Si e sobre Si; depois, nos versículos 6 a 9, Ele ora pelos discípulos em particular, por aqueles que estavam ao Seu redor; e nos versículos 20 a 26 Ele ora pela Igreja universal de todas as épocas e de todos os lugares. Ocorre a divisão lógica à qual me referi a pouco. Ele começa pela adoração e pelo serviço de culto, Sua oração por Si mesmo, depois ora pelos discípulos, e depois por aqueles que irão crer por intermédio da demonstração dos discípulos. Noutras palavras, é uma grande oração, uma oração que abrange toda a era cristã e o inteiro curso da Igreja Cristã. Por conseguinte, ao estudá-la, devemos observá--la com muita atenção, e especialmente a maneira pela qual o nosso Senhor Se aproxima de Seu Pai.

Há algumas coisas das quais sempre devemos estar certos, coisas das quais Cristo estava certo. A primeira é: "Pai", diz Ele. Ele não tem dúvida sobre o Pai. Ele se dirige a Deus como Pai seis vezes – Ele conhece a relação, Ele era um com o Pai desde toda a eternidade. Deus é Seu Pai no sentido de que é o Pai na Trindade santa e bendita, que consiste em Pai e Filho e Espírito Santo. Deus é também o Pai no sentido de que Jesus agora se fez homem

e então olha para Deus como Seu Pai. Ocorre ainda que agora Deus é Seu Pai porque Ele, o Filho, é o representante de muitos irmãos que Ele veio salvar e pelos quais veio morrer. Assim como Ele é o primogênito de muitíssimos irmãos, assim também Deus é Seu Pai nesse sentido, na relação dos filhos com Deus, seu Pai celestial.

Notem, porém, que Ele não Se dirige a Deus só como "Pai". No versículo 11 Ele Se dirige ao Pai como santo: "Pai santo". Como é vital lembrar isso – que Deus é santo! Ele é o Pai nosso que está nos céus, e, portanto, deve ser santificado. Sempre devemos aproximar-nos dEle com reverência e santo temor, pois o nosso Deus é um fogo consumidor. Apesar de que o nosso Senhor era um com o Pai, apesar de nada jamais ter-se interposto entre ambos, apesar dEle nunca ter precisado pedir perdão por pecados Seus, porque nunca pecou, apesar disso tudo, Ele ainda Se dirigiu a Deus como Pai santo. Quantas vezes nos esquecemos de que até o nosso bendito Senhor Se dirigia a Ele como Pai santo?

Por último, Ele Se dirige a Deus como "Pai justo" – "Pai justo", diz Ele no versículo 25, "o mundo não te conheceu; mas eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste a mim". Este pensamento é maravilhoso, e, quando Ele diz isso, está Se referindo ao caráter de Deus, à fidelidade de Deus. Noutras palavras, o nosso Senhor está praticamente dizendo: "Eu sei que o que prometeste, cumprirás. Tu me fizeste algumas promessas concernentes a estas pessoas pelas quais eu realizei esta obra, e sei que nunca falharás em nenhum aspecto, com relação a todas essas promessas. Tu és um Pai justo".

Se não nos lembrarmos de mais nada deste estudo, queira Deus conceder-nos que aprendamos isto – que quando oramos em nome de Jesus Cristo, estamos orando ao *Pai nosso*. Sim, Ele é o grande, todo-poderoso e eterno

Pai, mas Se fez nosso Pai em Cristo. Ele é um Pai santo, nenhuma coisa indigna deve ser mencionada em Sua presença; não devemos apresentar desejos indignos, nem pensamentos egoístas, diante do nosso Pai santo. Contudo, graças a Deus, Ele é um Pai justo, fiel e justo, e, se realmente confessarmos os nossos pecados, Ele nos perdoará todos os nossos pecados e nos purificará de toda injustiça. Quando você se puser diante dEle, cônscio dos seus pecados e talvez duvidoso e hesitante, lembre-se disto: Ele é justo, Ele prometeu perdão em Cristo. Lembre-se da Sua justiça e lembre-se de que toda promessa que Ele fez, com absoluta certeza e seguramente Ele cumprirá.

Oh, como devemos agradecer a Deus o fato de que o nosso Senhor elevou esta oração audivelmente, e como devemos dar graças a Deus por ter sido registrada! Examinemos bem estas coisas. Meditemos nelas. Não conheço lugar mais rico que este. Entremos ali. Recebamos destas riquezas, para que possamos compreender que, enquanto vivermos neste mundo limitado pelo tempo, há certas coisas que são absolutas e que nos cercam e nos incluem, e que estamos nas mãos dAquele que disse: "Não te deixarei, nem te desampararei" (Heb. 13:5).

2

Por que Orar?

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti." – João 17:1

Devo examinar uma vez mais João, capítulo 17, num sentido mais ou menos geral, não tanto do ponto de vista sob o qual já o consideramos, mas, antes, para ver que este capítulo e esta oração têm algumas lições para ensinar-nos acerca do assunto geral da oração propriamente dita. Às vezes penso que não há, talvez, nenhum assunto, ligado à vida cristã, que cause a tanta gente a perplexidade que este causa; penso que todos nós entendemos muito bem os sentimentos dos discípulos quando se voltaram para o nosso Senhor, em certa ocasião, e Lhe disseram "Senhor, ensina-nos a orar", porque, por alguma razão peculiar, a oração tende a ser um problema para as pessoas. Penso que qualquer pastor de almas concordará comigo quando digo que esta questão de oração é das que sempre são levadas à sua atenção. Quem quer que leve a sério a vida cristã, provavelmente se preocupa com a sua vida de oração, e dificuldades e perplexidades muitos grandes freqüentemente rodeiam esta questão.

É óbvio que no espaço de um sermão não posso esperar

tratar de todos os problemas; na verdade, não estou me propondo entrar em detalhes – isso exigiria toda uma série de sermões especificamente sobre a oração. Estou simplesmente interessado em juntar algumas lições gerais que, ao que me parece, desta ou daquela forma nos são ensinadas logo na superfície da oração do nosso Senhor registrada neste capítulo particular. Para que concentremos a atenção nisto, permitam que eu lhes exponha o ponto desta forma: entendo que há duas principais dificuldades que tendem a apresentar-se às pessoas quando meditam nesta questão geral da oração, e estas perplexidades em geral se devem a duas posições extremas, as quais têm sido assumidas por cristãos no passado, e ainda hoje por alguns.

Primeiramente, há a posição extrema daqueles que parecem não ter nenhuma dificuldade na oração, pessoas que dão a impressão de que não há nada tão fácil ou tão simples. Eles gostam muito de usar a frase "a oração muda as coisas", e nos dão a impressão de que, seja qual for o problema deles, a resposta vem, e tudo fica bem. Eles estão certos e seguros de que ninguém deve estar com problema acerca destas questões, que a oração é a coisa mais natural do mundo, não envolvendo esforço algum, nenhuma dificuldade; eles a fazem com muita facilidade e falam levianamente sobre ela.

Essa, penso eu, é uma posição que suscita problemas e indagações na mente de muitos outros cristãos que acham muito difícil conciliá-la com alguns dos claros ensinamentos das Escrituras. Aqueles amigos que acham a oração muito fácil parecem esquecer todas as condições que estão ligadas a todas estas promessas e a estas grandes ofertas. Há muitas almas que, tendo dado ouvidos a esse ensino e tendo tentado honesta e genuinamente pô-lo em prática, viram que a coisa não funciona assim com elas. Em conseqüência, decepcionadas, começam a questionar a bondade de Deus.

Questionam todo o ensino das Escrituras relacionado com a paternidade de Deus e com toda a questão da oração. Essa perplexidade surge de exageros da parte da particular escola que acabei de descrever.

Mas, por outro lado, há outra posição que é assumida por alguns e a qual também leva a toda espécia de dificuldades e perplexidades. Essa é a posição daqueles que mais ou menos negam o valor e a validade da oração. Seu argumento é que Deus conhece todas as coisas e que tudo o que acontece, acontece como resultando da vontade de Deus e, portanto, certamente, não adianta orar. Deus é onisciente, dizem eles. Ele sabe tudo; Ele é o soberano Senhor do universo; nada acontece nem pode acontecer fora da Sua vontade ou do Seu controle. E por isso eles questionam o propósito da oração. Essa é a posição às vezes descrita como determinismo. É uma atitude que considera a vida e tudo o que acontece neste mundo como fazendo parte de um processo rígido e hermético, e, evidentemente, se isso fosse verdade, não adiantaria orar. Além disso, há muitos que exageram tanto a doutrina da soberania de Deus, ou dela extraem deduções tão erradas, que tornam os que aceitam seus argumentos e seus ensinos quase incapazes de orar com algum sentimento de confiança e de certeza.

Aí estão, pois, as principais posições. Escolhi essas duas simplesmente porque são os dois extremos, mas muitas outras se acham entre elas. Levanta-se, pois, a questão sobre como abordar isso tudo. Como tentar chegar à verdadeira posição quanto à oração, à luz dessas duas posições extremas que nos levam a tantos problemas e perplexidades? Bem, eu firmo como um princípio neste ponto – um princípio aplicável não somente a esta questão da oração, mas também a muitos outros problemas – que o que precisamos fazer numa situação como esta é evitar deixar-nos escravizar por nossas próprias teorias e idéias, e por

nosso entendimento pessoal da verdade. No empenho por evitar esse perigo, devemos ir às Escrituras e examinar o claro e óbvio ensino da Bíblia com mente aberta, tão aberta e desapaixonada quanto nos for possível. Devemos fazer isso, repito, não só quanto a este problema da oração, porém quanto a qualquer outro problema que surja em nossa experiência espiritual. Há algumas doutrinas ensinadas com muita clareza nas Escrituras, mas então nos vemos contra algo que não podemos enquadrar bem em nosso esquema doutrinário, e o perigo nesse ponto é nos fixarmos em nossa doutrina pessoal e tentar defender-nos em detrimento das Escrituras. Se encontrarmos um ponto que parece estar em conflito com a nossa clara compreensão da doutrina, parece-me que, provisoriamente, a essência da sabedoria será deixar a nossa doutrina em seu lugar. Não é que a negamos, apenas a deixamos no momento; voltamos às Escrituras e observamos o que elas, em toda parte, têm para dizer sobre essa questão particular. Depois tendo feito isso, procuramos relacionar este óbvio e claro ensino das Escrituras com a doutrina da qual estamos igualmente certos.

Esse é o tipo de coisa que devemos fazer com a questão geral da oração, e, afortunadamente, há uma grande riqueza de material à nossa disposição na Bíblia. Vou meramente selecionar alguns pontos dos quais podemos estar absolutamente certos, coisas que estão fora de dúvida e de incerteza. Não tenho a pretensão de poder resolver todos os problemas relacionados com a oração; há certas dificuldades aqui, como em muitos outros pontos concernentes à nossa relação com Deus, que talvez nunca vamos entender plenamente nesta vida e neste mundo. Mas é nosso forçoso dever ir tão longe quanto pudermos para entender o ensino.

O primeiro ponto óbvio é que é dado um lugar muito proeminente à oração nas Escrituras. Segundo as Escrituras, a oração é um importante e essencial elemento da vida

piedosa. Na verdade, as Escrituras nos ensinam ativamente a orar, tanto por preceito como mediante exemplo. Somos exortados a orar; o nosso Senhor exortava as pessoas a fazê-lo. Ele dizia que os homens devem orar sempre e não esmorecer. Ele ensinou Seus discípulos a orar, e os concitou a não desistirem. Vocês poderão ver essa mesma coisa também nas Epístolas. "Perseverai na oração", é seu argumento, sempre nos estimulando a orar. Ora, seja qual for a sua idéia da soberania de Deus e da relação do homem com Ele, vocês têm que levar em conta este óbvio e claro ensino das Escrituras, no sentido de que a oração deve constituir uma parte importante da vida de toda e qualquer pessoa piedosa deste mundo.

Além disso, não é só mediante preceito que recebemos ensino sobre a oração. Também o recebemos mediante exemplos. Se vocês lerem o Velho Testamento, verão que os patriarcas falavam com Deus e conversavam com Ele – isso é oração. Examinem os Salmos; na maior parte, são orações. Considerem, por exemplo, o Salmo 74; é típico dos salmistas e de como estes homens oravam a Deus. Depois vocês podem ver as orações dos livros proféticos; o fato é que vocês as têm em toda parte no Velho Testamento. Também vêem os apóstolos orando, porém, acima de todos, como constatamos neste grande capítulo, o nosso Senhor mesmo orava, e todos estes fatos nos concitam a orar. Vemos, então, que a Bíblia nos ensina a orar, concita-nos a orar, e num sentido pleiteia conosco que oremos.

Mas eu posso fazer uma segunda dedução, também ensinada claramente nas Escrituras: quanto mais santificada é a pessoa, quanto mais piedosa, mais tempo passa em oração. Tomem qualquer exemplo que quiserem nas Escrituras, e o verão absolutamente invariável. Com efeito, se eu e vocês discutíssemos princípios gerais, poderíamos chegar à conclusão oposta. Poderíamos considerar um

homem muito piedoso por sua vontade conformar-se à vontade de Deus, por meditar nestas coisas e porque o seu supremo desejo é viver para a glória de Deus. Bem, vocês poderiam dizer, tal homem teria muito menos necessidade de orar do que qualquer outro, mas não é o caso. Observem os mais destacados homens e mulheres piedosos, quantas vezes ocorre que eles passam muito mais tempo em oração do que qualquer outra pessoa. Eles não ficavam apenas esperando passivamente que a vontade de Deus fosse feita; não, ao contrário, mais do que quaisquer outras pessoas eles procuravam conversar com Deus. E quando vocês forem ler a história da Igreja através dos séculos, encontrarão a mesma coisa. Pertença à igreja católica romana ou à Igreja Protestante, a marca distintiva do santo é que ele é um grande homem de oração. João Wesley costumava dizer que ele tinha uma pobre opinião do cristão que não passa ao menos quatro horas em oração todos os dias, e essa é tão-somente uma declaração típica dos proeminentes servos e servas de Deus ligados à Igreja através dos séculos.

No entanto, e isto naturalmente nos traz diretamente a João, capítulo 17, a coisa mais importante e mais notável de todas é o fato de que a oração desempenhou um papel muito importante na vida do nosso Senhor. Pois bem, eu pergunto se alguma vez paramos para meditar nisso. Naturalmente, nós todos sabemos que Ele orava. Dizemos que já lemos os Evangelhos e que sabemos disso desde a nossa infância. Mas não estou falando de um conhecimento intelectual do fato, estou perguntando se já entendemos esse fato e se meditamos nele, porque, quanto mais vocês pararem para pensar nisso, mais verão que uma das coisas mais estupendas das Escrituras é o fato de que o Senhor Jesus Cristo sempre orava. O fato é, porém, que Ele orava, e não apenas orava, mas orava constantemente; na verdade se vê que Ele orava durante longos períodos. Certa ocasião Ele passou a noite

toda em oração – o Filho de Deus orando durante a noite inteira! Constantemente nos é dito que Ele Se levantava bem antes do raiar do dia e subia a um monte nalgum lugar para orar.

Os Seus discípulos sempre notavam que Ele estava orando, e em certo sentido foi essa uma das coisas que os moveram a pedir-lhe: "Senhor, ensina-nos a orar". Eles achavam que Ele estava fazendo alguma coisa que eles não entendiam bem; eles se perguntavam qual seria o motivo do deleite e prazer que Ele sentia no ato de orar, e por que isso significava tanto para Ele. Os discípulos não podiam dizer que se sentiam como Ele. Mas sabiam que não havia ninguém como Ele. Eles viam algo em Seu semblante e em Seu proceder, viam os Seus milagres, e diziam: ah, certamente há algo nessa vida de oração; oh, se pudéssemos ter isso!

Eles notavam especialmente o fato de que Ele sempre orava muito, e de maneira excepcional, em tempos de crise e em tempos de grande importância. Lembrem-se de que foi antes de escolher Seus doze discípulos que Ele passou a noite toda em oração. Essa era uma decisão muito importante e vital, e por isso Ele passou a noite toda em oração a Deus antes de selecionar estes homens. Houve outra ocasião em que Ele orou desse modo; lemos sobre isso em João, capítulo 6. Ele acabara de alimentar os cinco mil, e algumas dessas pessoas ficaram tão profundamente impressionadas que chegaram à conclusão de que Ele era o Messias e que deviam levá-lO a Jerusalém e coroá-lO rei. Todavia, quando o nosso Senhor viu que iam tomá-lO à força e faze-lO rei, subiu a um monte, sozinho, e ali ficou em comunhão com Deu e orou a Ele. Foi um dos momentos críticos da Sua vida e da Sua experiência. Ali estava uma grande tentação – Ele já a enfrentara no deserto – para que introduzisse o Seu reino num sentido político e humano, e a tentação foi tão forte que Ele Se retirou sozinho para ficar com Deus em oração.

Vocês podem vê-lO fazer isso também junto ao túmulo de Lázaro. Essa foi também uma ocasião momentosa, tremenda – Ele ia ressuscitar o morto – então orou e deu graças a Deus porque sabia que Deus ouvira Sua voz, e sempre a ouvia. Depois por certo vocês se lembram de que Ele orou quando tinha subido para Jerusalém para enfrentar a cruz – vocês vêem isso registrado em João 12:27,28 – e também O vêem orar no Jardim do Getsêmani, estando Ele a orar ao Pai numa agonia que produziu suor que escorria em gotas de sangue. Temos depois esta grande oração sacerdotal, emSuas últimas horas com os Seus discípulos antes de ir concluir a obra na cruz, e aqui Ele ora audivelmente na presença deles.

Que será, então, que tudo isso nos ensina? Poderíamos muito bem passar muito tempo deduzindo certas coisas acerca da Pessoa do nosso Senhor. Não vamos fazer isso agora, porém devemos ao menos notar que isso tudo nos diz muita coisa sobre Ele. Se alguma vez você tiver dificuldade sobre a encarnação, só esta oração, a oração da vida do nosso Senhor em geral deveria colocá-lo imediatamente em paz, e mantê-lo em paz. Ele é verdadeiramente homem. Não é o caso de Deus numa espécie de corpo de fantasma, não é uma teofania, é a encarnação, a Palavra feita carne e habitando entre nós. Ele é verdadeiramente Deus, sim, mas é verdadeiramente homem. Aqui vocês começam a entender do que é que Paulo fala em Filipenses, capítulo 2, quando diz: "Ele esvaziou-se" (ver a Versão Revista Inglesa, "RV"). O que Paulo quis dizer é que, enquanto esteve aqui, na terra, o nosso Senhor não fez uso dos Seus poderes como Deus. E, porque viveu como homem, a oração Lhe era essencial – nem mesmo podia seguir adiante sem oração. Noutras palavras, Sua vida de oração nos ensina o que Ele muitas vezes disse de Si mesmo, que dependia inteiramente de Seu Pai. Disse Ele: "As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" (João 14:10).

É isso que é estupendo acerca da vida do nosso Senhor. Aqui Ele é verdadeiro Filho de Deus e homem perfeito, e, por assim dizer, recebe todas as Suas ordens de Deus. Deus Lhe dá as palavras que deve falar, Deus Lhe diz o que fazer e Lhe dá poder para fazê-lo – por isso Ele orou antes de chamar os Seus discípulos. Ele buscou Deus para receber luz e direção, homem perfeito, porém na completa dependência de Seu Pai. Como Deus, Ele não tinha necessidade de orar. Como Deus, Ele era co-igual a Deus, era onisciente e todo-poderoso, mas aqui, na terra, nós O vemos em Seu verdadeiro papel, o mediador, o Deus-homem. E quando O observamos enquanto ora, vemo-lO ali como o mediador adrede designado, Aquele que foi enviado por Deus para realizar certa obra e completá-la na terra em nosso favor. Portanto, observar o nosso Senhor enquanto ora é talvez uma das portas mais maravilhosas de entrada ao grande mistério da Sua bendita Pessoa. Reitero que, se houver alguém em dificuldade acerca da Pessoa de Cristo, acerca do Deus-homem, oh, simplesmente observe-O quando Ele está orando, e você terá que incluir isso em sua doutrina sobre a Pessoa dEle. São muitos os que pensam nEle somente como Deus que estivesse usando uma espécie de roupa de carne. Isso é um erro, porque, se Ele fosse somente Deus, não teria necessidade de orar. Não, devemos insistir em Sua humanidade também – Deus-homem.

A seguir eu quero também extrair algumas deduções mais gerais acerca da oração propriamente dita, e penso que podemos extraí-las muito definidamente dos pontos que estabeleci. Observem os patriarcas, observem o rei Davi, observem os profetas, todos orando, e, quanto mais santos eram, mais oravam. Observem os apóstolos, vejam-nos orar, e, acima de todos, observem o Filho de Deus em oração. Então, que é oração? Qual será a explicação disso tudo? Sugiro que temos que, inevitavelmente, chegar à conclusão de que, para o cristão, para o homem de Deus, a oração é

algo natural e quase instintivo; a oração é algo que expressa muito bem a relação entre o filho e o Pai. Pois bem, acho isso um argumento muito importante. Mostrem-me um homem que não ora muito, e eu lhes direi qual é o real problema desse homem. É que ele não conhece Deus, não conhece Deus como seu Pai. Esse é o problema. O problema não é que ele não é um homem de boa moral, ou que não é um bom homem. Ele pode ser altamente moral, pode ser muito fiel na obra da Igreja Cristã, pode ser que não haja nada que ele não esteja disposto a fazer, porém, se não ora, digo-lhes que o problema desse homem é que ele não conhece Deus como seu Pai. Pois os que conhecem Deus melhor são os que falam mais com Ele.

Não há necessidade de provar uma coisa como essa – o filho pequeno sempre fala com seu pai. Vocês já não notaram muitas vezes que o filho de um grande homem fala com ele livremente, ao passo que outro homem fica nervoso na presença dele? Não se dá isso com o filho; ele lhe fala livremente, porque conhece a relação e assim fala com seu pai. E é por isso que as pessoas mais santas são as que mais oram; é por isso que o Senhor Jesus Cristo orou mais que ninguém, porque Ele conhecia Deus como ninguém mais O conhecia. Essa é, então, a maneira de abordar esta questão de oração. Todo o problema das pessoas que estão em dificuldades sobre a oração é que começam pelo fim, e não pelo começo. Não se começa pelo desejo de obter respostas, e sim pela adoração, e é porque nos esquecemos deste importantíssimo ponto que tendemos a entrar nessas perplexidades. Orar é a coisa óbvia, natural, para o filho fazer, e não há nada que expresse mais eloqüentemente ou mais convincentemente a relação do homem com Deus como a oração. Essa é a primeira coisa. Assim, pois, eu penso que os santos e, supremamente, o nosso Senhor, oravam a Deus primariamente, não para pedir coisas, mas para firmar

seus corações e para manter contato com Deus, e assegurar-se do seu contato e da sua comunhão com Deus.

A nossa idéia geral da oração é falsa. Pensamos na oração só como meio de orientação e de pedidos. Bem, se vocês tivessem que pôr esse conceito em prática nas relações humanas, vocês considerariam isso ultrajante. Não, o que o santo quer saber acima de tudo é se tudo está bem entre a sua alma e o Pai. Não há nada em que o crente mais se deleite do que em conhecer Deus como seu Pai. Ele gosta de manter contato e comunhão com Ele, de firmar seu coração diante de Deus e na presença de Deus. O santo acha-se neste mundo difícil, há tentações que lhe vêm de fora, o mundo inteiro está contra nós, e o santo é tentado – as vezes quase se desespera. Então ele vai imediatamente a Deus, não para pedir isto e aquilo, mas simplesmente para certificar-se de que está tudo bem, de que o contato não foi rompido e continua perfeito, para que ele possa firmar seu coração e saber que está tudo bem.

É isso que o nosso Senhor está fazendo em João, capítulo 17, e é isso que sobressai mais vezes nesta oração. O nosso Senhor está firmando o Seu coração na presença de Seu Pai. Já vimos que Ele fez isso quando estava ressuscitando Lázaro dos mortos; na verdade ele colocou isso em palavras para nós: "Tiraram pois a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai" – Ele está orando" – "graças te dou, por me haveres ouvido" – Ele está sempre seguro em Seu coração – "Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão..." (João 11:41,42). Ele simplesmente Se volta para Deus, Ele sabe que está tudo bem, mas está firmando o Seu coração na presença de Deus.

Permitam-me colocar as coisas nestes termos: os santos sempre oravam a Deus, e o nosso Senhor o fazia supremamente, porque eles criam no poder de Deus, criam na capacidade que Deus tem de ajudar, e, acima de tudo, porque criam na disposição e prontidão de Deus para ajudar. Isso é

tremendamente importante. Eles, dentre todos os demais, conheciam o poder de Deus, sim, mas o mundo e suas tribulações tendem a abalar a nossa confiança nEle, e não há melhor maneira de lembrar-nos do poder e da grandeza de Deus, da Sua capacidade e prontidão para ajudar, do que buscá-lO e falar com Ele; por isso os santos sempre se refugiam na oração. "Torre forte é o nome do Senhor; para ela correrá o justo, e estará em alto retiro" (Prov. 18:10). Noutras palavras, o santo recorre depressa a Deus em oração e se lembra destas coisas.

Em muitos aspectos a oração é a suprema expressão da nossa fé em Deus e da nossa fé e confiança nas promessas de Deus. Não há nada mais que o homem faça que proclame tanto a sua fé como quando dobra os joelhos e olha para Deus e fala com Deus. É uma tremenda confissão de fé. Quero dizer com isso que ele não corre levando apenas súplicas e petições, mas, se realmente espera em Deus, se realmente olha para Deus, ele diz: "Sim, eu creio nisso tudo, eu creio que Tu és o galardoador dos que Te buscam, diligentemente, eu creio que Tu és o Criador de todas as coisas, e que todas as coisas estão em Tuas mãos. Sei que não há coisa alguma que esteja fora do Teu controle. Venho falar conTigo porque estás em tudo isso e eu encontro paz, repouso e tranqüilidade em Tua santa presença, e agora Te dirijo esta oração porque és o que és". Essa é a abordagem geral da oração que você encon-tra no ensino das Escrituras.

E, finalmente, posso dizê-lo desta maneira, que é evidente que os santos e o nosso Senhor oravam a Deus com o fim de descobrirem a Sua vontade. Eles estavam muito mais interessados em descobrir a Sua vontade do que em seguir seu próprio caminho e em que se fizesse a sua própria vontade. "Ah", eles diziam, "o que importa nesta conjuntura é saber qual é a vontade de Deus", e por isso queriam estar na Sua presença. Se vocês lerem as maravilhosas orações dos

santos, como a que temos em Daniel, capítulo 9, por exemplo, vocês aprenderão muita coisa sobre como orar. O profeta não entendia bem o que Deus estava fazendo. A coisa toda o deixava perplexo, e ele foi ter com Deus e Lhe falou a respeito daquilo tudo. Disse a Deus algumas coisas das quais estava certo e depois praticamente disse: "Não entendo bem isso, mas eu quero fazer a tua bondosa vontade e entender o que estás fazendo".

Jeremias fez exatamente a mesma coisa. Deus lhe disse que fosse comprar um determinado campo (Jer. 32:7, ARA). A primeira reação de Jeremias foi que isso era impossível, porque Deus também lhe estava dizendo que os filhos de Israel iam ser levados para um cativeiro. Se isso havia de acontecer, que adiantava comprar um campo? Mas depois ele se lembrou do grandioso caráter de Deus e, lembrando-se disso, disse, com efeito: "Esclarece-me em minha perplexidade, permite que eu veja o que estás fazendo, explica-me Tua santa vontade".

Chegamos agora ao ponto no qual podemos deduzir algumas conclusões gerais, e aqui estão elas: seja o que for que eu não entenda acerca da oração, penso que agora entendo isto: Deus decidiu realizar Sua obra neste mundo dessa maneira, por meio de pessoas que oram. Ele não precisava disso, podia realizá-la sem elas, porém está perfeitamente claro que Deus ordenou e decretou realizar Sua obra no mundo por intermédio de homens e mulheres como eu e vocês, e por intermédio das suas orações. Ele nos chama à oração. Insiste conosco que o façamos e depois nos responde às orações – se bem que poderia tê-lo feito sem nossas orações.

"Ah", alguém dirá, "é isso que eu quero saber – por que Ele faz isso?"

Meus diletos amigos, quem pode responder tal pergunta? Eu não posso, mas dou graças a Deus que Ele age dessa forma. Não sei porque Ele preferiu agir assim, entretanto eu sei que

Ele o faz. Esse é Seu método, e eu o aceito. E sou grato por esta razão: é dessa maneira que Ele Se revela a nós. Leiam sobre a oração nas Escrituras, e especialmente observem estas pessoas em oração, e o próprio Senhor, e penso que vocês verão que, como resultado da oração, todas estas pessoas vieram a conhecer Deus melhor do que jamais O teriam conhecido sem isto. É desta maneira que Deus Se nos mostra e nos revela a Sua paternidade. Há, por exemplo, esta circunstância difícil na qual acaso me encontro. Não sei o que fazer. Inclino-me a tornar-me infeliz e a ficar em condições miseráveis. Todavia, então eu recorro a Deus, espero nEle, e Ele começa a mostrar-Se e a mostrar o Seu propósito a mim; Ele Se revela a mim. Se você não tem aprendido mais sobre Deus por meio da oração, há algo errado em sua vida espiritual. É aí que Ele nos ensina coisas e desta forma leva adiante a nossa fé. Assim, pois, sendo esta uma das maneiras pelas quais Deus Se revela à humanidade e leva a efeito os Seus propósitos, todo o problema e toda a questão da onipotência de Deus são removidos. Vocês nunca devem ficar perplexos por isso. Deus escolheu esta forma de realizar coisas, pelo que a Sua onisciência não deve constituir problema. E de igual modo eu posso dizer que isso de maneira nenhuma afeta a soberania de Deus. Essa é uma das maneiras pelas quais Deus manifesta a Sua soberania. Não há conflito entre a soberania de Deus e a oração, pois foi o soberano Deus que decidiu realizar Sua obra neste mundo por meio de homens e mulheres que oram. Longe de serem contraditórias, ambas trabalham juntas.

E, finalmente, podemos fazer algumas maravilhosas deduções práticas deste ensino, especialmente deste capítulo. O supremo objetivo da oração deve ser glorificar e engrandecer Deus, e é por isso que sempre devemos começar por adorá-lO. A oração modelo faz isso: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino...". Não é:

"atende este meu pequeno pedido...". Não, você começa pela adoração. É a relação pessoal; você ora porque gosta da pessoa, porque você quer mostrar seus respeitos a essa pessoa, porque se deleita em estar na presença da pessoa – essa é a essência da oração.

Podemos depois extrair outra coisa como dedução prática – e sou agradecido por isso – é que Deus Se deleita em ouvir coisas que Ele já sabe. Dirijo-me a certos intelectuais que gostam de caçoar das pessoas que em suas orações contam certas coisas a Deus. Vocês terão ouvido a crítica. Mas dizer a Deus o que Ele sabe é uma parte essencial da oração. Leiam a Bíblia, e verão, por exemplo, João dizer a Deus coisas que Ele já sabia. Os escritores dos Salmos faziam a mesma coisa – por quê? Porque Deus é Pai. Deus não é uma máquina, se podemos falar assim, com reverência. Ele é nosso Pai, e como Pai Ele Se deleita em ouvir estas coisas ditas por Seus filhos. É Seu propósito que nós Lhe falemos; portanto, não tenhamos medo de dizer a Deus coisas que Ele já sabe. Não diga: "Deus é onisciente, e, visto que Deus conhece todas as coisas, devo simplesmente esperar em Sua presença". Não, diga-Lhe estas coisas, Ele gosta de ouvir, Ele quer estar em comunhão com você. Ele Se deleita em Seu companheirismo com você.

A próxima coisa que eu gostaria de dizer é que o nosso objetivo na oração nunca deve ser o de mudar o coração ou a vontade de Deus. Jamais há necessidade de fazer isso, pois, se vocês pensarem que precisam mudar o coração de Deus, estarão insultando Deus. A vontade de Deus é sempre perfeita, e Ele é um Pai amoroso. Antes, venham a Ele para descobrir a Sua vontade, para ver que ela é reta e para regozijar-se nela – esse é o objetivo da oração. Mas isso não significa que vocês não Lhe levam os seus pedidos. De novo, como seu Pai, Ele espera que vocês façam isso e quer que o façam; Ele está pronto a ouvir suas súplicas e petições.

Digam-lhe, pois, tudo sobre elas. Façam o que estes homens faziam e o que o nosso Senhor fez no Jardim do Getsêmani – "Se é possível... todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres". Faça conhecidas as suas petições, conte-Lhe os seus desejos, mas sempre diga imediatamente: "Eu sou tão pequeno e finito! Não entendo. Eu gostaria disto, mas, se não for da Tua vontade, bem, não pedirei; fico contente com a Tua vontade, qualquer que seja" – uma atitude de completa resignação. Se você começou retamente a sua oração, terá começado glorificando Deus e dizendo: "Santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade", e assim por diante, e você já estará dizendo: "Ó Deus, o meu desejo supremo é que a Tua vontade seja feita em mim como no mundo inteiro". Dessa forma, quando for apresentar as suas petições, você estará preparado para dizer: "Se esta for a Tua vontade". Eu recebi do Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, a autoridade para afirmar que sempre devemos dizer: "Se esta for a Tua vontade". É a vontade *de Deus* que tem que ser feita; portanto, faça-Lhe conhecidos os seus pedidos e desejos, mas sempre se sujeitando completa e absolutamente à vontade de Deus.

E o último ponto de que trato é que alegações, argumentos e solicitações são perfeitamente legítimos na oração. Vocês têm observado estes homens de Deus quando estão orando? Eles sabiam que Deus é onisciente, sim, e, no entanto, não só faziam suas petições a Ele, mas também pleiteavam com Ele. E o que eu gosto de ver acima de tudo mais é a maneira como eles argumentavam com Ele. Moisés, por exemplo, fazia isso. Certa ocasião ele desceu do Monte e encontrou o povo em rebelião, e quando viu que Deus ameaçava rejeitar Seu povo e deixá-lo entregue aos seus desejos, Moisés disse a Deus: não podes fazer isso. Vejam também o homem do Salmo 74, que praticamente diz: "Senhor, por que permites que os homens façam estas

coisas?" Acredito que Deus, como Pai, Se deleita em ouvir tais alegações, arrazoados e argumentos. Esta flébil geração de cristãos parece que esqueceu aquilo em que os nossos pais costumavam deleitar-se quando falavam em "reclamar as promessas". Eles não consideravam isso ofensivo. Eles não tinham nenhum tipo de falsa modéstia, porém sentiam que, em consonância com este ensino, tinham direito de ir a Deus, como fez o salmista, e lembrar-Lhe Suas promessas. Eles diziam: "Senhor, eu não entendo, sei que é imperfeição minha, mas estou certo destas promessas. Senhor, ajuda-me a ver como estas promessas se hão de relacionar com estas perplexidades".

É, pois, perfeitamente certo pleitear com Deus; o nosso Senhor pleiteou com Ele. Nesta grande oração Ele argumentou com Deus apresentando-Lhe estas petições. Ele lembrou-Lhe Suas promessas, e Seu caráter. Acredito que Deus Se deleita nisto, como Pai, e quando nós fizermos estas coisas desta maneira, o nosso coração será tranqüilizado diante dEle, e muitas vezes ficaremos admirados e estupefatos com as respostas que recebemos. Seja o que for que aconteça, a oração sempre nos colocará mais perto de Deus e nos fará mais ligados a Ele, se orarmos do modo certo e verdadeiro.

Temos, então, examinado juntos esta grande oração e algumas das grandes lições que são óbvias logo na superfície; queira Deus que as aprendamos e as executemos na prática. Meus caros amigos, pensem antes de orar. Compareçam à presença de Deus cientes de que Ele está no céu e que vocês estão na terra. Examinem estes grandes exemplos, e, acima de tudo, examinem o seu bendito Senhor. Lembrem-se de que Ele sofreu contra Si mesmo a contradição dos pecadores, que Ele resistiu até ao sangue na luta contra o pecado, e que Ele orou com brados de agonia e com suor, e foi ouvido por causa da Sua reverência e do Seu santo temor, apesar de ser verdadeiramente o Filho unigênito de Deus.

3

A Glória de Deus no Plano de Salvação

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti." – **João 17:1**

Até aqui, ao considerarmos esta grande oração, estivemos examinando o tema em geral. Podemos agora passar a examinar os assuntos fatuais dos quais o nosso Senhor tratou em Sua oração, os pensamentos que ocupavam predominantemente a Sua mente quando orava dessa forma a Seu Pai celestial. Permitam-me lembrá-los de que a oração pode ser dividida em três partes principais: a primeira é constituída dos versículos 1-5, na qual o nosso Senhor ora por Si; depois, nos versículos 5-9, temos a Sua oração por Seus discípulos imediatos, aqueles que estavam perto dEle e ao Seu redor; e daí em diante Ele ora pela Igreja universal.

Na primeira parte, onde o nosso Senhor ora por Si, vemos que a essência da Sua petição é que o Pai O glorifique, para que Ele também glorifique o Pai: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti". Noutras palavras, Seu principal interesse neste ponto é glorificar a Deus. Esse é o interesse supremo, mas, notem, Ele nos diz o porquê disso, e o diz em termos do grande propósito de Deus na questão da nossa

salvação. A idéia geral aqui expressa é que o nosso Senhor está desejoso de que a glória de Deus seja manifestada, e manifestada especialmente na salvação dos homens.

O resultado é que nestes cinco versículos temos uma das mais maravilhosas demonstrações do evangelho de salvação e do plano de salvação que se encontram em toda e qualquer parte das Escrituras. Não há coisa alguma que seja tão característica das Escrituras do que a maneira pela qual elas nos dão aqui e ali uma espécie de sinopse completa, ou um compêndio, de doutrina e de teologia. Nesta oração, em particular, o nosso Senhor abre os nossos olhos e nos instrui com relação a alguns pontos vitais e fundamentais da nossa fé. E como bem se pode antecipar, em vista do fato de que é o nosso Senhor que esta falando e orando, não há nenhuma declaração do evangelho mais gloriosa do que a que se vê nestes cinco versículos.

Por que será, vocês decerto ficam pensando, que ouvimos tão pouco hoje sobre o plano de salvação, sobre o esquema, sobre todo o seu objetivo e o seu propósito? Eu uso a frase que era utilizada com muita freqüência por nossos pais, porém que, por alguma razão, é tão infreqüentemente empregada hoje em dia. Nossos pais se deleitavam em examinar ou em contemplar, ou, para usar as palavras de Isaac Watts, em *ter uma ampla visão*, do plano de salvação. Não hesito em dizer que a maioria dos nossos problemas como cristãos, e do estado geral da Igreja atual, pode ser explicada mormente por não considerarmos competentemente o plano de salvação em geral.

O nosso problema, como nunca me canso de assinalar, é que somos completamente subjetivos. Essa é a essência do problema desta geração moderna à qual eu e vocês pertencemos. Pois bem, não estou falando sobre pessoas de fora da Igreja, e sim sobre nós, que estamos dentro da Igreja. Pode ser que todos nós tenhamos sido influenciados pela

atmosfera do pensamento atual e por este mórbido interesse pela psicologia e pela análise de nós mesmos, entretanto, seja o que for, nós nos tornamos egocêntricos, e essa é a maldição desta geração. Estamos sempre olhando para nós mesmos, desejando ver como as coisas nos afetam e o que queremos para nós. Ora, há muitas explicações para isso, às quais não precisamos dar atenção agora, mas o fato é que somos escravos dos nossos hábitos, estados e desejos, do que gostamos e do que não gostamos, e o resultado é que abordamos tudo do ponto de vista do que isto ou aquilo significa para *nós*. E o trágico é que somos propensos a abordar o evangelho de Jesus Cristo dessa maneira particular, resultando em que não conseguimos compreender a verdade, nem acerca de nós, nem acerca desta maravilhosa salvação que temos, porque particularizamos os pontos de interesse. Só vemos o que o evangelho tem para dizer "para mim", como o evangelho pode "me ajudar", e, por isso, não conseguimos ouvir o que o evangelho tem para dizer sobre nós, como também não conseguimos compreender o escopo, a grandiosidade e a imensidão do próprio evangelho.

O escritor da Epístola aos Hebreus descreveu o evangelho como "uma tão grande salvação". O meu parecer é que, aparentemente, estamos perdendo de vista esta grandiosidade na presente hora, e que ocorre isso simplesmente porque, em vez de o examinarmos como ele é, e como é exposto aqui, olhamos para nós mesmos e para o que ele tem para nos dar. O evangelho é apresentado puramente desta maneira pessoal e esquecemos a grandeza que descobrimos quando estudamos o plano divino de salvação em geral, e quando deixamos que o evangelho o coloque diante de nossa extasiada contemplação. Vocês poderão ver em muitos dos nossos hinos esta idéia de grandiosidade expressa vigorosa e magnificamente.

Charles Wesley diz: "É tudo misericórdia, imensa e de

graça", e, todavia, quantas vezes a impressão que se tem é que o evangelho é uma coisa subjetiva e diminuta, uma coisa que apenas faz isto ou aquilo. Graças a Deus ele faz essas coisas também, quanto a mim, mas não é somente isso. Se você for subjetivo em sua abordagem, muitas vezes vai sentir-se infeliz; se pensar no evangelho como algo que vem a você, ou que acontece em sua vida, imediatamente soçobrará, e não terá em que se apoiar. A tragédia da abordagem subjetiva é que ela é essencialmente tão egoísta que acabará falhando conosco.

No entanto, se começarmos por esta abordagem objetiva para depois passarmos à subjetiva, obteremos tudo; começaremos num plano e esquema tão vasto que nos absorveremos nele, e quando algo der errado conosco, relacionaremos isso com o todo. Portanto, para evitar esse perigo do subjetivo, devemos estudar o grande assunto que temos nestes cinco versículos. Não que devamos estudá-lo só por essa razão. É nosso dever estudá-lo, e eu quero inculcar isso em todos nós. Costumamos alegar que somos tão ocupados que não temos tempo para ler. Sabemos que os nossos antepassados costumavam ler as doutrinas, mas nós não temos tempo. Queremos tudo resumido, e queremos passar por todo o Evangelho de João num só discurso. Queremos ter uma visão panorâmica da Bíblia toda, e o resultado é que deixamos de ter a doutrina. Todavia, aqui ela está desfraldada, e porque está desfraldada para nós aqui, é nosso dever estudá-la, para que possamos encontrar algumas das grandes possibilidades que aí estão abertas diante de nós. É uma tragédia a nossa tendência de viver como mendigos na esfera espiritual, quando o que Deus pretende é fazer-nos príncipes. Mas, acima de tudo, estudamos isto a fim de podermos estabelecer confiança, certeza e perseverança em nossa vida cristã.

Pois bem, vocês verão, se analisarem estes cinco versículos, que as principais coisas que eles exibem para a nossa extasiada contemplação, são estas: primeiro, eles nos mostram algo da origem e do plano da salvação; depois dirigem a nossa atenção Àquele por quem o plano tem sido efetuado, e isso nos leva a uma consideração das coisas que Ele fez, e, finalmente, mostram-nos o propósito e o objetivo disso tudo. Aí está, pois, todo o propósito e plano da salvação. E agora, naturalmente, devemos começar pela primeira coisa. Parece uma observação vulgar, quase ridícula, e, todavia, como venho tentando mostrar, é essencial começar pelo começo. Por estranho que pareça, o evangelho cristão – permitam-me dizê-lo com reverência, não suceda que eu seja mal compreendido – o evangelho não começa nem mesmo pelo Senhor Jesus Cristo, começa por Deus o Pai. Sempre e em toda parte a Bíblia começa por Deus o Pai, e nós devemos fazer o mesmo, porque essa é a ordem presente na Trindade santa e bendita: Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo. Vocês vêem essa mesma coisa salientada e estampada aqui, pois a declaração é que a salvação é toda de Deus; esta é a primeira coisa que devemos dizer sempre que começamos a considerar este assunto da salvação. A salvação é inteiramente de Deus, é dom de Deus: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste" – está tudo ali.

Lembremo-nos, pois, antes de dar mais um passo, que o evangelho anuncia, logo no começo, que o homem é absolutamente desvalido no que se refere à salvação, não pode fazer coisa alguma acerca disso. O evangelho não é um esquema ou um projeto cujo objetivo fosse habilitar os homens a se salvarem, como tampouco é um programa delineado por Deus, um exemplo de cuja execução foi dado na Pessoa do Filho de Deus, dizendo-nos como podemos

levantar-nos e elevar-nos aos céus. Não, ele começa dizendo-nos que não podemos fazer isso, que estamos todos mortos em ofensas e pecados, que somos completamente incapazes, e que, quando estávamos sem forças, Cristo morreu pelos ímpios. Foi quando o homem estava num estado de completa escravidão, como escravo do pecado, de satanás e do inferno, que Deus fez algo a respeito. Pois bem, essa é a essência mesma desta mensagem. Isso nos é inculcado aqui, no início, e de fato vemos que o nosso Senhor o repete seguidamente. O evangelho é tão-somente a boa notícia que nos conta o que Deus fez acerca de nós homens, e acerca da nossa salvação. Espero que ninguém continue pensando na salvação como algo que ele ou ela tem que obter por seus próprios esforços. Espero que ninguém ainda pense que a freqüência à igreja, por exemplo, vai conquistar para os freqüentadores a salvação perante Deus. Isso é uma falácia completa, pois esta mensagem começa dizendo que isso é obra inteira e completamente de Deus, e vem unicamente dEle.

"O salário do pecado é a morte" – isso é uma coisa que eu e vocês temos – "mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor" (Rom. 6:23). É assim que Paulo o diz, porém o nosso Senhor o diz igualmente aqui: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". Este Evangelho de João vem dizendo isso desde o começo, constituindo a essência da palavra dita a Nicodemos; você tem que ser *recebido*, e depois tem que nascer de novo – é tudo de Deus. "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito...". As citações não têm fim. Mas devemos dar ênfase a isto logo no começo. É só quando nos damos conta disto que podemos captar algo da grandiosidade essencial desta salvação, compreendendo que o grande, onipotente e eterno Deus haveria de fazer alguma coisa quanto a isso. Todavia, a mensagem é que Ele fez algo, e da maneira que agora vamos considerar.

É, então, devido a tudo isso, que o nosso Senhor, em Sua oração aqui, no momento crucial, está interessado, acima de tudo mais, em glorificar a Deus. "Pai", diz Ele, "glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti." Pois bem, o Seu maior interesse não é simplesmente em que *Ele* seja glorificado. Seu interesse por isso é devido a esta coisa maior: Ele está tão ansioso por glorificar o Pai que Ele quer que o Pai O glorifique, Ele quer que o Pai Se glorifique. Esta é, naturalmente, uma das coisas mais estupendas que já pudemos contemplar. O grande desejo do nosso Senhor em toda a Sua vida na terra era glorificar Seu Pai. Ele fica repetindo isso. Ele não veio para fazer a Sua própria vontade, mas para fazer a vontade de Seu Pai, que O enviou. Ele diz as palavras do Pai, Ele realiza as obras do Pai, e Sua única preocupação é que nunca Lhe falhe, que nunca vacile na grande tarefa que Lhe coube fazer. Ele vive inteira e exclusivamente para glorificar o Pai. Ele não veio para exibir-Se ou para glorificar-Se. Ele "humilhou-se", escreveu o apóstolo Paulo, e esse é todo o significado do termo, pois, em Seu aviltamento Ele Se colocou como o Filho na Trindade Eterna, Ele glorificou o Pai; nisso consistiu todo o propósito da Sua vinda, e tudo o que Ele fez foi designado para esse único e supremo objetivo – a glória do Pai, e, aqui, é em favor disso que Ele ora.

Naturalmente, eu não posso dizer uma coisa como essa sem deduzir e acrescentar que o propósito geral da minha salvação e da sua é que *nós* glorifiquemos o Pai. Oh, se pudéssemos captar isso! Sei que todos nós somos culpados neste ponto – e eu sou tão culpado quanto qualquer outro – da propensão para pensar em Deus e na salvação cristã em geral como algo que visa resolver os nossos problemas. Há pessoas que vêm falar comigo, e em geral perguntam: "Que é que a salvação fará por mim?" E a resposta freqüentemente

dada em nossa evangelização é: "Creia no evangelho, e ele fará coisas maravilhosas por você". Eu digo: graças a Deus, isso é verdade, porém, meus prezados amigos, não devemos pôr isso em primeiro lugar. O alvo, o objetivo supremo da nossa salvação é que glorifiquemos a Deus. A essência do pecado é que não glorificamos a Deus – entendamos bem isto; a essência do pecado não está nos atos e ações particulares dos quais eu, você e os outros podemos ser culpados. Ora, é aí que erramos. Pensamos no pecado em termos de pecados particulares, e é por isso que as pessoas respeitáveis acham que não são pecadoras. Deixam completamente de compreender que a essência do pecado é não glorificar a Deus, e que todo aquele que não glorifica a Deus é culpado de pecado da mais sórdida espécie. Muito embora você nunca tenha ficado bêbado, nunca se tenha feito culpado de adultério, se vive para si e para a sua própria glória, é um pecador em condições tão desesperadoras como aqueles outros que você considera pecadores. O profeta Daniel colocou isso em termos bem claros para o rei Belsazar, em Daniel, capítulo 5, quando assinalou para ele que a essência do pecado não foi que ele encheu de vinho os vasos de ouro do templo e bebeu deles com suas mulheres e concubinas, mas que ele não se havia humilhado diante do Senhor, que ele se havia exaltado e não dera glória a Deus.

Podemos expor resumidamente este princípio desta maneira: a primeira pergunta do Breve Catecismo da Confissão de Fé, de Westminster, é: "Qual é o fim principal do homem?" e a resposta é: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lO para sempre". Por isso eu assevero que a essência da salvação é colocar-nos no estado no qual realmente glorificamos a Deus. Não importa o que esteja acontecendo, ou o que esteja dando errado para nós, fomos destinados a glorificá-lO e, assim, a viver para a Sua glória. Esse é o objetivo da salvação, e disso, por conseguinte,

eu deduzo este princípio final, que a suprema prova do fato de que somos cristãos é que desejamos fazer isso. A prova final da nossa salvação não é que somos felizes, ao passo que anteriormente éramos infelizes. A Ciência Cristã ou as seitas podem fazer isso, como também a psicoterapia. Elas podem pegar os que estão em situação miserável, e os que estão tensos em suas preocupações e em sua ansiedade, e podem dar-lhes um tratamento que os leva a ver desaparecerem todos os seus problemas e a se sentirem perfeitamente felizes e satisfeitos; simplesmente podem esquecer os seus problemas e passar por alguma mudança em sua vida. Se a prova da salvação fosse só essa, bem, eu não teria nada para dizer às seitas ou à psicologia.

Mas a prova essencial da salvação não é isso. A prova essencial é que, agora, o supremo objetivo e ambição da vida do cristão é viver para a glória de Deus. Se dissermos que quando um homem é salvo ele se torna participante da natureza divina, que ele nasceu de novo e que Cristo habita nele, segue-se, então, que o cristão é alguém, que se torna progressivamente, cada vez mais, semelhante ao Senhor Jesus Cristo. E quando eu olho para Ele, o que vejo é isto: que Ele foi um varão de dores, que sabia o que é padecer. Ele foi premido por grandes e terríveis tentações, mas vejo que em todas as circunstâncias e em todos os lugares Ele só tinha um grande desejo, que era viver para a glória de Deus. O cristianismo não é algo leviano e superficial que apenas faz certas coisas por você e lhe inspira certos sentimentos agradáveis. É algo que o introduz numa relação com Deus. Você começa a fixar seu olhar nEle, e a Sua santidade o move ao temor. Você se aproxima dEle com reverência e com santo temor, você não se deixa estar levianamente em Sua presença. Não, você se dirige a Ele, como fez Seu Filho, como Pai, Pai santo, Pai justo, e, além e acima do que possa acontecer, e além

e acima dos seus sentimentos sobre a salvação, está este desejo profundo de viver para a Sua glória, de demonstrá-la, de entregar-se a ela – à glória de Deus.

Quero dar mais um passo, desta maneira – o fim principal da salvação é, como eu disse, que Deus seja glorificado e que a Sua glória seja desfraldada e reconhecida. O resultado disso é que é o evangelho de salvação que realmente nos revela a *glória* de Deus. O nosso Senhor expressou isso na forma de uma petição. Ei-lO aqui, pouco antes da cruz; aproxima-se o momento crucial. Ele conhece algo da agonia e do suor do Getsêmani, e este é o Seu desejo: Pai, capacita-Me a prosseguir, dá-Me forças para suportar isto, dá-Me tudo o que necessito para fazê-lo, a fim de que a Tua grande glória nesta questão da salvação possa ser revelada e se torne manifesta. Eu vim para fazer isto, capacita-Me a fazê-lo, para que o Teu nome seja glorificado. Essa é a Sua petição, esse é o Seu pleito.

Como será então que o evangelho de Jesus Cristo manifesta assim a glória de Deus de um modo que nenhuma outra coisa o faz? Volto a lembrar-lhes que esse é o Seu principal propósito. Antes até de preocupar-Se em salvar-nos, Ele Se preocupa em revelar a glória de Deus. Vocês compreenderam isso, ou sempre pensam no evangelho de salvação somente como uma coisa que visa salvar homens? O evangelho visa isso, claro, mas antes disso visa ostentar a glória de Deus, e o faz primeiramente revelando o caráter de Deus. O evangelho de Jesus Cristo exibe, de um modo como nenhuma outra coisa o faz, *a santidade e a justiça* de Deus; todo o plano e esquema da salvação proclama o fato de que Deus não pode ignorar o pecado. Deus não pode dizer: "Bem, vou fingir que não vejo isso; os homens pecaram, desviaram-se e se rebelaram contra Mim, mas Eu sou um Pai amoroso, não vejo tais coisas, está tudo bem, quero trazê-los de volta". Não, o plano de salvação do

evangelho diz-nos que Deus – digo-o com reverência – não pode fazer isso. A santidade e a retidão do Seu ser eterno e do Seu caráter significam que Ele não pode ignorar o pecado. O pecado é uma realidade, um problema (digo-o novamente com reverência), até para Deus. É uma coisa que Ele vê e da qual tem que tratar, e assim manifesta a glória do Seu ser em Sua santidade e justiça.

Contudo, graças a Deus, o evangelho não pára aí, pois a próxima coisa que faz é revelar *a benignidade, a misericórdia e a compaixão* de Deus. Vocês começam pelo pecado do homem e pela santidade de Deus, porém, se deixarem a coisa nesse ponto, se isso fosse tudo, haveria bem pouca dificuldade quanto a saber o que Deus teria feito. Ele teria simplesmente eliminado o homem do mundo. Ele poderia fazê-lo com a maior facilidade – poderia consignar o mundo inteiro, e todos os seus desígnios, à perdição e ao tormento eterno, e seria plenamente justificado ao fazê-lo. Mas o evangelho nos diz que, em vez de fazer isso, Ele fez exatamente o oposto – por quê? – é devido à Sua benignidade, à Sua misericórdia, o que significa Sua piedade de nós, Sua tristeza por nós, graças à Sua compaixão.

Veremos mais adiante como o nosso Senhor demonstrou tudo isso em Sua vida pessoal. Quantas vezes os evangelistas nos dizem que Ele notou uma pessoa sofredora e teve compaixão dela? Porque Ele era como o Seu Pai, a glória do caráter de Deus é revelada dessa forma no evangelho. Ele não destrói o nosso mundo, faz outra coisa – e isso me leva à Sua sabedoria. Paulo gostava de salientar isso quando falava aos filósofos de Corinto e também a outros. Cristo, diz ele, é o poder de Deus e a sabedoria de Deus, e em parte alguma a sabedoria é tão gloriosa e magnificamente demonstrada como neste evangelho cristão. Permitam-me explicar isto: aqui está o homem, lá está Deus, nos céus. Deus necessariamente reconhece isto e, todavia, devido ao Seu caráter, não nos

elimina. Ele faz algo a respeito disto por causa da Sua misericórdia e da Sua compaixão. Como o faz? A resposta é o plano de salvação, o método empregado por Deus, em Sua maravilhosa sabedoria. Ele enviou Seu Filho, e o Filho veio mediante o total milagre do nascimento virginal; Ele assumiu a natureza humana e viveu como homem – a sabedoria:

Oh amorosa sabedoria do nosso Deus!
Quando tudo era pecado e vergonha,
Um segundo Adão ao combate veio,
E para resgatar-nos e salvar-nos.
– J. H. Newman

Estou simplesmente anotando de passagem estas coisas. Alguma vez você ficou a contemplar extasiado a amorosa *sabedoria* do nosso Senhor exposta e revelada no plano de salvação? Oh, devemos voltar a estar coisas! Devemos vir examinar o plano, sua concepção geral e sua efetivação, e contemplar a perfeição dele, meditar nele, demorar-nos nele, refletir sobre ele, esquecer por um pouco todas as outras coisas e dedicar-nos a isto.

Não somente isso, porém; eu desejo dar ênfase à maneira pela qual o evangelho desfralda o *amor* de Deus. Observem que eu traço uma distinção entre a benignidade, a misericórdia e a compaixão de Deus, por um lado, e o Seu amor, por outro. Sinto que devemos fazer isso porque, afinal de contas, o amor de Deus é exposto em particular nesta questão de salvação, em Seus atos pelos quais Ele envia o Filho, dispensa--O, se posso dizê-lo assim, das palacianas mansões celestiais. Meus diletos amigos, Deus não é um conceito filosófico! Deus é uma Pessoa e, como pessoa, Deus é, Deus ama, e a essência da vida da Trindade santa e bendita é o amor do Pai pelo Filho e pelo Espírito, o amor do Filho

pelo Pai e pelo Espírito, e o amor do Espírito pelo Pai e pelo Filho. Não podemos conceber essa unidade perfeita, essa beatitude perfeita, esse amor absoluto, e, contudo, vê-se tudo isso na salvação: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu..." – sim, e eu o digo em termos negativos também, como o fez Paulo escrevendo aos romanos: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou". Aí está, vocês vêem, o amor de Deus em que Ele enviou o Filho do Seu amor, o Filho unigênito, a este mundo pecaminoso e cruel; deixou que, dessa forma, Ele vivesse como homem, e permitiu que Ele sofresse "tais contradições dos pecadores contra si mesmo". E colocou sobre Ele os meus pecados e os seus na cruz de tal maneira que naquele momento o Pai e o Filho foram separados, e o Filho bradou: "Deus, meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Quando eu creio que é possível ocorrer isso dentro do coração paterno de Deus, não posso crer na doutrina da impassibilidade de Deus. Eu digo que Deus em Seu amor, sofreu em Seu Filho, e é aí que eu vejo desfraldado o maravilhoso amor de Deus. E este grande evangelho manifesta igualmente a glória de Deus ao revelar dessa maneira o Seu caráter.

Mas devemos ver também a maneira pela qual este plano de salvação revela a *justiça* de Deus. Uma vez que Deus é justo e santo, não pode, nem em Seu amor, fazer nada que seja injusto. Deus, diz o apóstolo Paulo em Romanos, capítulo 5, precisava encontrar um meio de salvação que O habilitasse a ser ao mesmo tempo justo e justificador dos ímpios. Se Deus perdoasse o pecado sem contudo ministrar Sua justiça, deixaria de ser Deus. A maravilha deste plano é que Deus, ao colocar os nossos pecados sobre Cristo e ao tratar deles punindo-os em Cristo, pode perdoar-nos e ainda ser justo. Ele puniu o pecado, não o esqueceu, não o ignorou. O que acontece na salvação não é que Deus diz: ah, eles pecaram, eu deveria puni-los, mas, afinal, isso

seria duro demais. Não, Ele o faz por meio de Seu Filho, da maneira que esbocei, e Ele é justo. Portanto, o plano de salvação nos manifesta a glória do ser de Deus mostrando-nos a justiça e a retidão absoluta do Seu caráter santo.

E, finalmente, o plano de Deus nos expõe, também como nenhuma outra coisa o faz, o *poder* de Deus. O poder de Deus manifestou-se na encarnação, quando Ele preparou o corpo para Seu Filho e operou o milagre do nascimento virginal – que estupendo poder! Entretanto não somente isso. Eu até prefiro pensar nisso nestes termos: é quando vemos Deus em Cristo e em tudo o que Ele fez nEle, mediante este plano de salvação, que visualizamos o Seu completo poder de dominar tudo quanto se Lhe opõe, tudo quanto se opõe aos melhores interesses do homem, e tudo quanto se opõe aos melhores interesses deste mundo.

Sim, pois o fato é que todo o problema surgiu desta maneira: um dos seres angélicos mais brilhantes que foram criados por Deus rebelou-se contra Deus e se levantou contra Ele. Essa é a origem de satanás. Ele é uma potestade, uma pessoa, um anjo de grande poder. Ele é tão grande que iludiu o homem e o derrotou, fazendo-se com isso o deus deste mundo e o "príncipe das potestades do ar" (Ef. 2:2). Nunca jamais houve um homem neste mundo que tenha sido capaz de levantar-se e batê-lo numa luta e num combate. O poder do diabo é algo que nós gravemente subestimamos, pois é um poder tal que ele não sente nem vergonha nem dó de si mesmo contra o próprio Deus. Ele verdadeiramente acreditou que tinha arruinado toda a obra de salvação quando o Filho de Deus foi para a cruz.

Mas, diz Paulo em Colossenses, capítulo 2, foi aí que ele cometeu seu maior erro, pois, pela cruz Deus, "despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (versículo 15). Cristo enfrentou satanás face a face, num combate singular, e o derrotou; na

cruz Ele cumpriu a promessa feita ao homem no princípio, quando foi dito a Adão que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente – isso estava no plano de salvação. Supremamente, pois, o poder de Deus é um grande poder, capaz de derrotar satanás e todos os seus exércitos, e isso nos dá a certeza de que finalmente ele será lançado no lago de fogo e de que todo o mal será destruído pelo fogo e será eliminado da existência.

Vemos assim que, logo no começo desta oração, o objetivo primário deste grande e estupendo evangelho é manifestar a glória de Deus. "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti." Quanto tempo nós passamos contemplando e examinando esta glória? Oh, tratemos de estudá-la! Esqueçamo-nos de nós mesmos, do nosso temperamento e dos nossos estados e sentimentos e desejos, e simplesmente nos detenhamos por um momento e meditemos nisso. Contemplemos o plano e esquema da salvação, e nos sentiremos perdidos em encanto, amor e louvor.

4

Nossa Segurança em Deus

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste para fazer. E agora glorifica-me tu, o Pai, junto a ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." – **João 17:1-5**

Em nosso estudo deste grande capítulo estivemos concentrados particularmente na grande doutrina da salvação como revelada e exposta nestes cinco versículos. Até aqui vimos que toda a glória pela salvação só pode ser atribuída a Deus, e estivemos examinando esta verdade em geral. Vimos que o plano de salvação manifesta o grande caráter de Deus, Sua santidade, Sua misericórdia, Sua sabedoria, Seu amor, Sua justiça e Seu poder. Apenas fizemos observações sobre estas coisas, mas sabemos que quando nos pusermos a seguir o que nos é dito aqui e o particularizarmos um pouco mais, veremos a glória de Deus de maneira ainda mais maravilhosa. Ora, espero em que ninguém esteja duvidando da importância desta consideração. Espero que ninguém esteja

pensando: "Tudo isto seria excelente, se uma pessoa só tivesse lazer e nada mais. É perfeitamente correto considerar a glória de Deus e meditar nela, mas, dizendo por mim, acho a vida difícil e penosa. Sinto-me fortemente pressionado. Todas as minhas energias têm que ser aplicadas na luta pela vida. Tenho problemas em minha vida pessoal. Tenho enfermidade na família. Vivo literalmente cercado por dificuldades de todas as espécies e formas. Que é que tudo o que estamos considerando tem a ver comigo?"

Muitíssimas vezes, em sua ignorância e loucura, os homens assumem essa posição. Consideram esta maravilhosa doutrina da glória de Deus como algo teórico e remoto. Mas, meus diletos amigos, não existe maior falácia que essa! O simples fato de que o nosso Senhor elevou essa oração prova em si e por si que essa idéia é completamente estulta. Por que Ele elevou essa oração, e especialmente por que a fez audivelmente? Há somente uma resposta a essa pergunta: Ele estava preocupado com os Seus discípulos. Ele tinha que deixá-los. Ele não estaria mais com eles na carne, e, nesta oração, Ele lembrou a Seu Pai o que Ele tinha feito por eles enquanto estava com eles. Agora, porém, continua Ele, "Eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti" (versículo 11), e dá a conhecer o Seu desejo quanto a eles. Seu desejo quanto a eles é que entrem num tal conhecimento da relação deles com Deus que, apesar do fato de que vai deixá-los, e apesar do fato de que o mundo vai odiá-los e persegui-los, não se abalem.

Nunca houve nada mais prático do que isto, porque a única e suprema força e esperança e consolação que o evangelho oferece a quem quer que seja neste mundo é tão-somente a de que entendamos o plano de salvação e conheçamos a nossa relação com Deus. E não há como questionar isso na prática. Certamente eu tenho observado durante muitos anos no ministério cristão e como pastor que, falando em termos

gerais, a maior parte dos problemas e dificuldades que as pessoas têm são devidos ao fato de que elas não se apegam firmemente a esta grande doutrina. Como já vimos, é a subjetividade que explica os nossos problemas, porque só olhamos para nós mesmos. Mas, assim que o homem se vê como parte deste grande plano, muitos dos seus problemas são solucionados quase automaticamente. É por isso que vamos considerar alguns dos aspectos detalhados do plano de salvação como vêm revelado particularmente nestes cinco versículos.

Tendo dito que o plano de salvação revela o caráter de Deus, quero apresentar-lhes, como minha próxima proposição, que a salvação é algo que foi planejado inteiramente por Deus, e que é algo que é dado a entender aqui, logo na superfície: Tu "lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna... tendo consumado a obra que me deste a fazer". Essa é, pois, a primeira coisa da qual temos que nos apoderar. A salvação, se podemos dizê-lo assim, é inteiramente idéia de Deus; ela tem sua fonte e sua origem em Deus o Pai, de quem emana. Pois bem, esse é um pensamento estonteante! Quan-tas vezes eu e vocês sentimos que temos que aplacar Deus por causa do pecado, o pecado em nós, o pecado em nossa mente, em toda perspectiva e em todo pensamento, e o pecado no mundo. Inclinamo-nos a pensar em Deus como estando em oposição e em antagonismo contra nós, e, em decorrência disso, estamos sempre pensando nEle como Alguém a quem temos que apaziguar e aplacar. Consideramos Deus como Alguém que é avesso a ser bondoso e generoso para conosco e a amar-nos. Pensamos nEle como Alguém que está numa imensa distância de nós, em Sua glória eterna e em Sua absoluta justiça, e que Ele não tem boa disposição para conosco. Achamos que temos que pôr em ação estes grandes esforços a fim de conseguirmos que Ele nos olhe favoravelmente.

Isso é uma falácia completa. A salvação originou-se na mente de Deus – é propósito pessoal de Deus. Vou longe, a ponto de dizer que nem mesmo o Senhor Jesus Cristo tem que aplacar Deus. As vezes os nossos hinos podem ser até perigosos, e há alguns deles que podem levar-nos à conclusão de que o Filho de Deus tem que pleitear com o Pai para que tenha misericórdia e piedade de nós. Mas isso é uma grosseira incompreensão do termo "Advogado", é uma coisa absolutamente alheia ao ensino bíblico. Ao contrário, a Bíblia ensina que "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados" (2 Cor. 5:19); "Deus amou o mundo de tal maneira que *deu* o seu Filho unigênito..." (João 3:16). Tudo vem de Deus. Portanto, essa idéia de que o Senhor Jesus Cristo tem que lutar para conseguir a duras penas persuadir Deus o Pai a nos perdoar e a nos aceitar é completamente antiescriturística e inteiramente falsa; a fonte e origem da salvação é o grande e eterno coração de Deus.

No entanto, vamos partir deste para mais outro ponto. Não é só idéia de Deus; aqui nós vemos que isso foi planejado perfeitamente desde o primeiríssimo passo até o finalíssimo. Aqui chegamos a algo que é a fonte da mais profunda segurança e consolação que qualquer pessoa jamais pode conhecer neste mundo limitado pelo tempo. O que poderia ser mais consolador e mais reconfortante que o fato de que na salvação nada é contingente, nada é acidental, nada necessita de modificação? É um plano perfeito. Deus planejou a salvação na eternidade, antes da fundação do mundo, está eternamente na mente de Deus. Não há, pois, nada que seja acidental nele. Não precisa ser modificado nem mudado nem alterado, em nenhum aspecto. Aqui de novo é um ponto no qual muitos se têm extraviado. Há aqueles que acreditam, e até ensinam – vocês podem ver isso no caso de certa Bíblia muito conhecida – que Deus enviou

Seu Filho a este mundo para fundar e estabelecer um reino, mas, porque os judeus O rejeitaram, Deus teve que modificar Seu plano; teve que introduzir este plano de salvação, e por isso a Igreja foi trazida à existência e, finalmente, nalgum tempo futuro, o reino será introduzido. Eles acreditam que o que foi feito foi toda uma modificação do plano original de Deus. Mas isso, digo eu, é uma teoria sem o mínimo vestígio de base nas Escrituras. As Escrituras, ao contrário, ensinam que este plano foi elaborado antes da fundação do mundo, antes de nascer sequer um homem. E aqui vemos isso nas palavras "Pai, é chegada a hora". Que hora? A hora determinada por Deus. Vejam vocês que todo o propósito pode-se ver nesta única palavra, "a *hora*". Voltaremos a isto, e assim, no momento só faço uma observação de passagem, a fim de deduzir daí esta grande verdade, que o plano de Deus é absolutamente completo, era completo mesmo antes de ter sido criado o mundo.

Olhemos, porém, de relance, para este fator de tempo a fim de que o tenhamos fixado em nossa mente. O plano estava lá, mas foi revelado por partes, e a grande ênfase está sempre e absolutamente no tempo certo, sem jamais um segundo ou um momento de atraso. Cada item foi fixado, tudo acontece em seu momento próprio. A promessa feita no princípio foi feita no momento certo, o Dilúvio veio num ponto particular do tempo, e fora feita esta advertência à humanidade: "Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem" (Gên. 6:3). Ele continua fazendo a mesma coisa agora, porém há um fim, há um limite para isso. Vem a hora em que Deus julgará o mundo, e Ele fixa um tempo em que isso vai acontecer. A vocação de Abraão não foi acidental, foi feita num momento preciso. Foi a Abraão que foi feita a declaração de que certas coisas não aconteceriam enquanto a iniqüidade dos amoritas não estivesse completa. A descida ao Egito não foi acidental, foi profetizada, e a Abraão foi

dito exatamente quanto tempo seus descendentes ficariam lá – 430 anos – e lhe foi dito muito antes de acontecer. Todas estas coisas foram planejadas perfeitamente porque Deus tem o Seu tempo, Deus tem o Seu momento exato.

Mas vamos até Moisés, a quem foi feita a promessa exatamente no tempo em que ela era necessária, e a promessa foi feita também a Davi no seu tempo. Certamente vocês vêem este argumento empregado nos escritos dos profetas. Eles predisseram estas coisas com minudências e com uma exatidão totalmente surpreendentes para o homem natural, mas quando compreendermos que foi Deus que lançou esse grande plano na eternidade – que tudo foi determinado e tudo foi planejado de modo que as coisas acontecessem com vistas a este grande desígnio – não haverá nenhuma dificuldade nisso tudo. Para quem compreende isso é antes o que se esperaria, e é exatamente o que se vê nas Escrituras. E depois, naturalmente, há o conhecido versículo na Epístola de Paulo aos Gálatas: "Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gál. 4:4).

Ora, muitas vezes pessoas me perguntam – "Por que Cristo não veio mais cedo? Por que veio nesse particular ponto do tempo?" Bem, embora não possamos responder esta pergunta em detalhe, podemos dizer que há muitas razões pelas quais esse foi o tempo certo. Deus tinha dado a Sua lei a Seu povo. Os homens sempre querem alegar que podem salvar a si mesmos, e assim Deus lhes deu tempo para verem e entenderem que não podem fazê-lo. Deu-lhes uma lei perfeita e disse: se vocês cumprirem isto, serão salvos; serão justos aos meus olhos. Ele permitiu que os homens tentassem fazer isso durante ao menos catorze séculos, porém eles falharam completamente. Também permitiu que aquela grande sucessão de filósofos viessem e apresentassem os seus pensamentos ao homem. Os homens

diziam: "Dá-nos a idéia certa e nós a efetuaremos". Tentaram fazê-lo, mas falharam. A mesma coisa aconteceu com os romanos e seu sistema jurídico – tudo isso tinha sido tentado e tinha falhado antes de chegar a hora de Deus, a hora que fora planejada na eternidade.

Recomendo a você isto como um fascinante estudo, além da maravilhosa verdade espiritual que ele veicula. Quando ler o Velho Testamento, procure colocar-se na situação daquela raça antiga, e muitas vezes vai achar que Deus tinha esquecido Seu povo e Seu plano de salvação. Mas, toda vez que você começar a pensar isso, verá que Deus faz algo novamente, e que não só é o momento exato, porém é também a coisa exata para o momento exato. É sempre esse o caso – e não há nada tão reconfortante como este pensamento – "O Senhor reina, regozije-se a terra", "O Senhor reina; tremam as nações" (Sal. 97:1; 99:1). Devemos apegar-nos a esta verdade, que o plano todo já está feito na mente de Deus. Por isso o Filho de Deus pode voltar-Se para Seu Pai neste particular ponto e dizer: "Pai, é chegada a hora"; a hora originariamente aprazada está às portas. Ele estivera preparando os Seus discípulos para ela, conforme temos visto tanto em João, capítulo 12, como ainda antes disso, nas bodas de Caná, quando Ele disse: "Ainda não é chegada a minha hora". O tempo estava todo determinado, e planejado.

Não paremos aqui, porém – graças a Deus por isso – pois o fim foi igualmente planejado e é certo. Atualmente muitos cristãos fazem perguntas. Por que Deus permite que a Igreja esmoreça? Por que permite que aconteçam certas coisas na Igreja? Por que permite esta crítica liberal da Bíblia que já dura cem anos? Por que Ele não põe um fim nisso tudo? Bem, esse não é o método de Deus, mas há uma coisa acerca da qual podemos estar certos, e é que Deus reina; e aqueles que talvez estejam perplexos sobre o estado da Igreja, aqui ou em qualquer lugar debaixo do sol,

não precisam perturbar, aborrecer e atormentar suas almas justas. Deus reina! Deus continua assentado nos céus, e os moradores da terra Lhe parecem gafanhotos. O que Ele determinou vai sendo levado a efeito; a hora e o fim da história e do mundo estão determinados. Deus sabe qual é a hora, mas ninguém mais a sabe, diz Cristo, não, nenhum homem, nem mesmo o Filho, mas somente o Pai – Ele sabe. E se você não se sente reconfortado e animado por esse fato, bem, duvido que você seja cristão, afinal. A consolação das grandes afirmações bíblicas – que nem a morte nem a vida nem qualquer outra coisa podem separar-nos do amor de Deus – funda-se no fato de que tudo está projetado e planejado na mente de Deus, que vê o fim desde o princípio e cujo poder é tal que ninguém pode resistir-lhe. Ele pode até pegar um homem como Faraó e usá-lo como barro para fazer cumprir-se o Seu grande propósito.

Vamos, então, com reverência, examinar este plano um pouco mais detalhadamente. Eu gostaria de ter um vislumbre dele, e agora vou fazer algo que alguns de vocês poderão considerar estranho e esquisito. Peço que venham comigo e adentremos o Conselho reunido na eternidade, o grande Conselho que foi mantido entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. De que se tratou lá? Desta mesma questão de salvação, e o que aconteceu lá foi que ao Filho, a segunda Pessoa da Trindade santa e bendita, foi dada uma incumbência: Ele foi designado herdeiro de todas as coisas. Vejam-nO lembrar aqui a Seu Pai aquele Conselho eterno: "Assim como lhe deste (ao Filho) poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". Examinemos estas coisas com extasiada contemplação, com admiração e espanto, e, quando fizermos isso, lembremo-nos de que, num sentido, ainda estamos pensando sobre nós mesmos, porque o Conselho foi realizado com respeito a nós.

Assim, a primeira coisa que vemos aqui é que,

contemplando o que ia acontecer com o homem e com o mundo, vendo a entrada do pecado e a Queda, este Conselho eterno decidiu o que deveria ser feito a respeito. E a primeira grande decisão foi que esta questão deveria ser passada especificamente às mãos do Filho. O propósito de Deus, diz Paulo em Efésios 1:10, era que todas as coisas fossem concluídas em Cristo, para o Pai "tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos" – vocês vêem de novo o fator tempo – "tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nele, digo". Noutras palavras, naquele Conselho o Senhor Jesus Cristo foi designado para ser o Cabeça da humanidade. Ele foi feito responsável pelo mundo, uma espécie de chefe e representante de toda a terra e seus povos. Ele mesmo nos informa disso no fim, depois de haver ressuscitado, quando Ele disse aos discípulos: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mat. 28:18).

Pois bem, este é um daqueles princípios cruciais que jamais devemos deixar de entender, um princípio que lança grande luz sobre muitos incidentes obscuros do Velho Testamento que de outro modo não podem ser entendidos. Vejam, por exemplo, aquelas aparições do chamado Anjo do Senhor aos homens. Não se pode questionar o fato de que aquelas aparições são do Senhor Jesus Cristo – as quais são chamadas "teofanias". Já então Ele estava interessado no mundo; tudo Lhe tinha sido dado; por isso o mundo veio a ser criado, e o foi nEle, por meio dEle e por Ele. Ele é Aquele a quem, foi delegada esta tarefa particular. E o registro é, num sentido, um registro que mostra o nosso Senhor efetuando esta grande tarefa que Lhe fora confiada. Essa é também a explicação da visão de João em Apocalipse, capítulo 5. João fica perplexo por não haver ninguém suficientemente grande e suficientemente forte para abrir os livros – os livros de história – e então, de repente, ele vê o Leão da tribo de Judá adiantar-Se, e todo o céu parece aplaudi-lO.

Afinal há Alguém suficientemente grande e suficientemente forte para encarregar-Se da história e romper os selos e abrir os livros. Ele é o Senhor da história, sim, esta já Lhe foi dada e Lhe pertence.

Assim, pois, devemos ver isso desta maneira, que tudo o que diz respeito a este mundo e ao homem foi confiado ao Senhor Jesus Cristo. Foi-Lhe dada esta autoridade, este poder sobre toda a carne. Ele governa, reina e domina sobre tudo o que há neste mundo – o Sol, a Lua e os astros, os rios e as fontes – pelo que Ele pode reter ou enviar a chuva e os temporais tonitruantes. Ele pode produzir terremotos. Tudo está sob o Seu controle, porquanto tudo foi posto em Suas mãos. Ele é o Governador da terra. O reino está a Seu cargo, e a Seu cargo permanecerá até o fim, quando, segundo o que diz Paulo em 1 Coríntios, capítulo 15, Ele finalmente dará cabo do mundo e devolverá o reino a Seu Pai.

Mas eu não devo parar aqui. Naquele Conselho eterno Deus não somente havia confiado o mundo e seus poderes ao Filho; também Lhe dera um povo. Pergunto quantas vezes vocês se detiveram para considerar o versículo dois deste capítulo de João, e quantas vezes pelejaram para entender a sua tremenda doutrina. Pergunto o que vocês fizeram com ela. "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste." Diz Ele: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a toda a carne"? Não, mas – "para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". O universal e o particular estão ambos aqui, num só versículo. Esta é, na verdade, alta doutrina, tão alta que nenhum ser humano pode entendê-la, mas tão alta e tão gloriosa que todo homem que tem a mente de Cristo inclina-se diante dela com humilde reverência, encantamento e admiração.

O ensino escriturístico é que, embora Deus tenha dado a Seu Filho poder sobre toda a carne, sem limites de nenhuma

espécie, em particular Lhe deu um povo especial, que haverá de gozar as bênçãos da salvação cristã e a vida eterna. Cabe-lhe dar a vida eterna a todos quantos Deus o Pai Lhe deu, mas o que eu estou salientando aqui é que Deus o Pai Lhe deu esse povo. Ele Lhe deu estas pessoas particulares que vêm para a Igreja e vão para a vida eterna, do princípio ao fim. Todas elas foram dadas ao Filho, lá naquele Conselho eterno. É Deus quem as escolhe, e, conforme João, capítulo 6, é Deus quem as traz a Ele, pois, como disse Jesus, a não ser que Deus as traga a Ele, elas nunca virão. "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora... De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (João 6:37,40, ARA).

Isso é algo que vocês vêem percorrer as páginas destas Escrituras. Deus, já antes da criação do mundo, tinha escolhido estas pessoas. Ele dá estas pessoas particulares a Seu Filho, e diz: Eu as dou a Ti para que as salves para mim. "A todos quantos lhe deste" – essa foi outra grande decisão deste Conselho grandioso e eterno.

Talvez, vejam vocês, é até mais particular que isso, porquanto Deus o Pai prescreve a particular obra que cabe ao Filho realizar a fim de salvar estas pessoas. Diz o Senhor: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer". Proponho-me a voltar a isto e a examiná-lo mais detalhadamente, mas tudo o que estou salientando neste ponto é que a obra de salvar estes indivíduos foi dada pelo Pai ao Filho. E assim vemos o nosso Senhor dizer constantemente que não faz nada de Si mesmo. Com efeito, Ele diz: "Estou simplesmente realizando a obra que o Pai me mostrou e me deu para realizar". Tudo vem de Deus o Pai, que envia o Filho ao mundo para realizá-lo – para dar de volta ao Pai a glória que o Filho tinha com Ele antes de

ser enviado. Mas foi Deus o Pai que O enviou, pois "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" – o Seu Filho com poder para salvar. E o propósito disso tudo, lembro-lhes outra vez, foi que eu e vocês nos tornássemos filhos de Deus; que tivéssemos esta vida eterna que é conhecer Deus, o único Deus vivo e verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem Ele enviou ao mundo para nos conduzir a este conhecimento abençoado.

Meus caros amigos, acaso não somos nós culpados de negligenciar esta gloriosa doutrina da glória de Deus e do plano de salvação na eternidade? Cristãos evangélicos, quantas vezes *vocês* meditaram nestas coisas? Vocês não se acham culpados de julgar aspectos particulares da salvação, em vez de considerar este plano glorioso? É por isso que somos tão superficiais e que ficamos abalados em nossa fé quando a adversidade nos vem provar. A nossa fé não tem base suficientemente ampla – temos que ir de volta à eternidade.

Permitam que eu faça um sumário da mensagem dizendo o seguinte: o que eu deduzo desta doutrina é que o Deus eterno nos conhece, está interessado em nós e tem um plano para nós. Se isso não é suficiente para você, perco as esperanças! O espantoso que vejo aqui é que o Deus eterno e absoluto me conhece, que Ele pensou em mim antes da fundação do mundo, não somente antes de eu nascer, antes até de ser criado o mundo; que este Ser eterno e absoluto está interessado em mim, até em mim, como indivíduo e como pessoa, e que eu estava em Sua mente quando Ele concebeu este admirável plano que inclui a encarnação e a cruz, a ressurreição e a ascensão, e o reino de Seu Filho que está a Seu lado, reino que está em andamento agora. Que pensamento estonteante, sim, porém quão glorioso!

A próxima coisa que eu deduzo é que, por conseguinte, nada é incerto quanto a eu ser aceito por Deus, nem quanto

ao meu perdão, nem quanto à minha filiação. Quando me dou conta de que fui introduzido no plano de Deus, fico sabendo que nada pode frustrar isto. Pois bem, há muitos que falam acerca da Reforma Protestante e sobre a influência que ela teve sobre o mundo. Vocês certamente vêem alguns estadistas fazerem isso. Eles dizem que não se pode explicar a história da Inglaterra à parte da Reforma Protestante. Tampouco, dizem eles, é possível explicar os Estados Unidos da América à parte destas coisas, porque eles todos tiveram a sua origem naquela Reforma. Mas quão pouco essas pessoas realmente vêem o que isso tudo significa e o que a Reforma realmente representa, que é que estas grandes verdades são absolutas e certas. Vocês sabem por que os Pais Peregrinos fizeram aquela tentativa e cruzaram o Atlântico? Que foi que capacitou homens a fazerem coisas como essa, e a fazerem coisas até mais arriscadas? Foi que eles criam na chamada "Doutrina da Perseverança dos Santos", foi que eles se viam no plano de Deus que não pode ser rompido e que não pode falhar. É tão absoluto como o próprio Deus; Ele conhece o fim bem como o princípio. "Ninguém as arrebatará da minha mão", disse Cristo. Nem se pode imaginar que aconteça isso.

Assim, a próxima dedução é: se Deus fez tudo isso por nós em Cristo, e especialmente em Sua morte, podemos estar certos de que Ele continuará realizando Sua obra até for completa. Esse é o argumento de Paulo: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?" Rom. 8:32). "Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rom 5:10). Digamo-lo assim: Deus, que Se preocupou comigo o suficiente para enviar Seu Filho para morrer na cruz do Calvário por mim, não vai me deixar prostrado quando a

dificuldade ou a tentação me defrontar. Meus prezados amigos, vocês não têm *nada* a temer! Vocês pertencem a Alguém a respeito de quem nos é dito que todo o poder Lhe foi dado sobre toda a carne. Vocês estão nas mãos do Senhor Jesus Cristo, bastando para vocês tão-somente que o saibam e que o compreendam, e Ele domina tudo. Ele tem sob o Seu controle todos os seres humanos, todas as coisas próprias da natureza, até mesmo o próprio diabo. Todo o poder Lhe é dado, tronos, domínios, principados e potestades Lhe estão sujeitos, e então vocês não têm necessidade de temer! Eu e vocês não temos nada mais nada menos que compreender que estamos nessas poderosas mãos, que esse forte braço está empenhado em prover nossos interesses, que toda a carne está sob o Seu poder, e que toda a autoridade no céu e na terra Lhe foi dada.

Portanto, quando você estiver perturbado, perplexo e arrasado, e quando todas as coisas parecerem estar contra você e você se desesperar, quando orar a Ele, antes de dizer uma só palavra, lembre-se apenas da Sua autoridade e do Seu poder: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne...". Aquele que formou você tem esse poder, e, por conseguinte, por que temer homem ou fera ou os poderes da natureza ou do inferno? Simplesmente confie nEle, Ele tanto o amou que morreu por você, e o Seu poder, exercido em seu favor, é indiscutível.

5

O Senhor Jesus Cristo, o Senhor da Glória

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste para fazer. E agora glorifica-me tu, o Pai, junto a ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." – **João 17:1-5**

Estivemos considerando a maneira pela qual vemos nestes cinco versículos a glória particular do Pai sendo revelada na salvação, e agora damos mais um passo para a frente e passamos a considerar o meio pelo qual a nossa salvação foi de fato produzida. Nós a examinamos no Conselho eterno e como Deus a planejou, e como Ele pôs à parte e separou Seu Filho para a obra. Vejamos agora parte dos detalhes da maneira como isso foi planejado e concebido e foi posto em prática, de modo que vamos estudar especialmente a glória de Deus na salvação como revelada na Pessoa do Filho. E, novamente, a mesma coisa nos impressiona, a saber, esta ênfase à *glória*. Isso tudo se relaciona com a glória da Deidade eterna. Temos visto a glória do Pai, e agora vamos examinar

a glória do Filho, e aqui também, de maneira extraordinária, temos diante de nós este panorama prodigioso, por assim dizer, do movimento geral da salvação quanto ao Filho.

Bem, isso é algo estonteante, não só para a mente, mas até para a imaginação. Todo o mover-se da salvação é desdobrado aqui e é exposto diante de nós de glória em glória, e tudo isso está dentro dos limites destes poucos versículos. Por isso abordamos um assunto como este com um sentimento de temor, encanto e adoração.

E, ao fazê-lo, porventura não admitiremos honestamente que, talvez, uma das maiores lacunas do nosso cristianismo moderno – e aqui não falo somente da Igreja em geral, mas também, se havemos de ser inteiramente honestos, até mesmo de muitos de nós que nos dizemos evangélicos – que, talvez, a maior lacuna em nosso culto e em nossa prática da fé cristã seja a ausência de um sentimento de encantamento, de adoração e de serviço ao Senhor? Não tenho dúvida de que, em grande parte, o que explica isso é o fato de que somos demasiado subjetivos. Tenho dito isso desde quando comecei a considerar este capítulo, e me proponho a continuar a dizê-lo, porque me parece que essa é uma das grandes lições que temos necessidade de aprender, principalmente na hora presente. Todos nós estamos interessados demais em nossos temperamentos, estados e condições; somos todos muito psicológicos e introspectivos, e daí nos preocuparmos muito com os benefícios que o evangelho cristão e a salvação cristã têm para dar-nos. E o resultado disso é que perdemos algo destas grandes glórias do evangelho como este é desdobrado no próprio Novo Testamento. Isso nos virá à luz claramente, se prestarmos atenção uns nos outros. Estamos sempre contando aos outros o que nos acontece. "Testemunho" hoje significa, em geral, o que experimentamos, o que aconteceu conosco. Quão raramente falamos sobre Ele!

Aí estão a falta e a necessidade. Se vocês lerem as

biografias dos santos que viveram antes de nós neste mundo, verão que eles passavam a maior parte do seu tempo conversando sobre Jesus Cristo. Seu testemunho era testemunho a respeito dEle, e para o Seu louvor. Sua ênfase recaía nEle. Eles falavam sobre este Cristo maravilhoso e sobre a glória da Sua Pessoa, ao passo que sempre nos inclinamos a falar sobre nós mesmos, sobre as coisas que já encontramos, sobre a felicidade que descobrimos, ou sobre alguma experiência que tivemos. E eu penso que, se formos honestos, veremos que a ênfase que damos está sempre centrada, mais ou menos, no ego.

Nós, na verdade, nos desviamos muito do que caracterizava os santos ao longo dos séculos. Vejam também os seus hinários e leiam os grandes hinos, especialmente, talvez, os hinos que foram escritos antes de meados do século dezenove. (Parece que o elemento subjetivo entrou justamente naquele período). Comecem por Isaac Watts e vão descendo pela grande sucessão, e verão que eles têm esta gloriosa objetividade. Eles se regozijavam em suas experiências, sim, mas a nota que vocês verão sobressair nos hinos é sempre o seu louvor ao Senhor, e o seu gloriar-se *nEle*. Com Isaac Watts eles visualizavam a estupenda cruz na qual o Príncipe da glória morreu. Esse é o pensamento predominante. Eles sempre passavam o tempo servindo, adorando e glorificando o Senhor.

Parece-me que essa é a nota que devemos recapturar, e que não haverá nenhuma real esperança de avivamento e de um genuíno despertamento enquanto não retornarmos a isso. E o modo de fazê-lo é estudar as Escrituras, passar o nosso tempo lendo-as e meditando nelas, e então humilhar-nos prestando culto e adoração a Deus diante de uma verdade tão maravilhosa. Ora, estou dizendo isso, não meramente de forma teórica, pois desejo ser extremamente prático. Não, eu defendo isso porque, fora qualquer outra coisa, a cura real

para muitos dos nossos males subjetivos é, em última análise, deixar-nos arrebatar pela beleza e glória de Cristo para que nos esqueçamos de nós mesmos e não tenhamos tempo para pensar em nós mesmos. Ora, isso é um bocado de psicologia. O problema da nossa geração, e não sejamos duros demais com nós mesmos, é que vivemos numa época muito difícil. Temos que enfrentar problemas que a humanidade dificilmente teve que enfrentar de forma tão aguda, e uma época como esta tende a produzir morbidez, uma preocupação da pessoa consigo mesma. Estamos vivendo uma espécie de vida tão ridícula que os nossos nervos se desgastam e se esgotam e, em conseqüência, todos nós ficamos preocupados com o nosso próprio ser, e o grande problema é como sair disso. A via expressa para isso é deixar-nos absorver por alguma outra pessoa, por alguma coisa que esteja fora do nosso ego, o que é tão glorioso e tão maravilhoso que, sem percebermos, esquecemos tudo o que diz respeito a nós mesmos. Isso pode acontecer quando você contempla um cenário maravilhoso, ou se apaixona e se esquece de si mesmo; bem, multiplique isso pelo infinito e fixe o seu olhar no rosto de Jesus Cristo e capte algo da Sua glória, e lhe asseguro que muitos dos "males e misérias da alma" serão curados automaticamente, e você se verá numa condição saudável mental, espiritual e psicologicamente.

Contudo, ainda mais importante que isso é o fato de que podemos saber algo acerca desta grande salvação, "uma tão grande salvação", como o Novo Testamento a descreve em Hebreus 2:3. Pergunto se nós, cristãos modernos, compreendemos a grandeza desta salvação cristã como devemos, porque, se não, o jeito é aprender algo sobre a grandeza da glória da Pessoa do nosso Senhor Jesus Cristo. Essa é a maneira de avaliar a grandeza da salvação, não simplesmente por algo que nos aconteça. Livremo-nos disso! Pois, se formos avaliar a nossa salvação pelo que nos acontece, sugiro

que afinal não teríamos resposta nenhuma para dar aos próceres da Ciência Cristã, nem aos psicólogos. Se você age subjetivamente, ainda continua no passado. Não, o jeito de avaliar a grandeza desta salvação é examinar a grandeza da Pessoa e Sua glória, e dar-se conta de algo do que Ele fez.

Ora, é justamente isso que estes versículos nos mostram. Examinemos o movimento, começando no versículo 5: "E agora", diz Ele no fim da Sua vida terrena, "glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse". Esse é o ponto de partida. Procure você considerar e contemplar esta admirável e gloriosa Pessoa antes dEle ter vindo à terra. Não comece pelo bebê (na manjedoura) de Belém, que não foi esse o começo da Sua vida. Ele *veio* a este mundo, não nasceu nele da maneira como todo o mundo nasce. Ele veio da glória. Ele adentrou este mundo vindo de outro mundo, e o que Ele diz aqui é praticamente o que é dito em todas as outras partes das Escrituras, que Ele veio da glória eterna e sempiterna da Deidade. Diz Ele aqui também que compartilhava a glória essencial do Deus eterno, desde toda a eternidade – "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse".

Mais uma vez devemos admitir que estamos tentando examinar algo que transcende a razão e a percepção das nossas mentes finitas. Mas esse é o ensino das Escrituras – o Deus triúno e eterno, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, sendo contudo um só Deus, e este Filho de Deus, a segunda Pessoa da Trindade, participa dessa glória em toda a sua plenitude. Como a respeito se expressa o autor da Epístola aos Hebreus, "O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa", é como é descrito o Senhor Jesus Cristo. Ele é a refulgência da glória do Pai, a expressa imagem da Sua Pessoa. Paulo, em Filipenses, capítulo 2, expressa a mesma verdade quando diz: "Que, sendo em

forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus". Para usar uma frase antiga, Ele é auto-substancial, co-igual, co-eterno com o Pai. Ele é o Filho eterno do seio eterno do Pai, um com Deus, a segunda Pessoa da Trindade santa e bendita. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" – é isso. Ele compartilhou plenamente a inefável, indescritível, glória da Deidade eterna. É desse modo que se começa a pensar no Senhor Jesus Cristo.

Assim, pois, o próximo passo é, obviamente, este: Ele ora rogando a Deus o Pai que O glorifique novamente com aquela glória que tivera com Ele antes de existir o mundo, e a implicação é que algo aconteceu com essa glória. E esse é precisamente o ensino do Novo Testamento. Para fazer-Se homem Ele pôs de lado essa glória eterna que tinha com o Pai no céu. Sejamos cuidadosos aqui e procuremos certificar-nos de que sabemos exatamente o que estamos dizendo. Não estou dizendo que Ele pôs de lado a Sua Deidade, porque Ele não fez isso. O que Ele pôs de lado foi a glória da Sua deidade. Ele não deixou de ser Deus, mas deixou de manifestar a glória de Deus. Talvez a melhor maneira de entender isso é considerar o que aconteceu no Monte da Transfiguração, quando Ele Se transfigurou diante de Pedro, Tiago e João. Uma espécie de resplendor Lhe sobreveio, sobrepujando tudo o que aqueles discípulos já tinham visto. Contrastemos, então, isso com o que normalmente Ele parecia ser. Ou tomemos novamente o caso de Saulo de Tarso a caminho de Damasco. De repente Ele viu uma luz nos céus, uma luz mais brilhante que o brilho do próprio sol, e viu que esse brilho se irradiava de um rosto, o rosto deste glorificado Jesus de Nazaré (Atos, capítulo 9). Agora vocês vêem exatamente o que é descrito aqui.

Tornemos a contrastar essa glória com o que nos é dito sobre Ele quando esteve aqui na terra: "Nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos... homem de dores, e

experimentado nos trabalhos" (Is. 53:2,3). As pessoas olhavam para Ele e diziam: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria?" (Mar. 6:3). Ele tinha posto de lado a glória, não tinha posto de lado nada do Seu ser essencial ou da Sua Pessoa ou da Sua deidade essencial. Mas tampouco Se agarrara a isso; Ele não Se apegara à manifestação da Sua glória, tinha posto isso de lado como nós tiramos e pomos de lado uma capa, e tinha vindo na semelhança dos homens. Devo na verdade ir mais longe, porque aqui está a maravilha disso tudo. Ele decidiu que a Sua glória seria velada pela carne. Pensem nisso nestes termos: a glória continua ali, brilhando com toda a sua força, mas um véu de carne veio cobri-la para que a humanidade não pudesse vê-la. Vejamos uma ilustração tomada do Velho Testamento. No deserto Moisés subia ao Monte e falava com Deus, e quando descia seu rosto estava brilhando. O povo via a glória, e ela brilhava tanto que ele tinha que cobrir o rosto com um véu; a glória continuava ali, mas oculta aos olhos do povo. Algo parecido aconteceu com o nosso Senhor. Sim, mas Ele não veio apenas como homem, nem é verdade só dizer que a Sua glória foi velada pela carne. Não é verdade simplesmente dizer que o Filho eterno de Deus foi feito carne. Diz-nos a Bíblia que Ele foi feito "em semelhança da carne do pecado" (Rom. 8:3). De fato, Ele não veio a este mundo tão-somente como homem, Ele tomou "a forma de servo" (Fil. 2:7). Seria uma coisa maravilhosa e estupenda se este Rei eterno e Príncipe da glória viesse à terra e vivesse num palácio como um rei humano, com toda a pompa e glória de uma realeza terrena – entretanto, nada disso! Ele nasceu como bebê em circunstâncias muito pobres. Maria e José não tiveram dinheiro para fazer a oferta de costume. Só puderam oferecer duas rolas quando Ele nasceu. Ele trabalhou como carpinteiro e teve que ganhar a vida. Não tinha um lar que pudesse reivindicar como Seu, como tampouco tinha onde reclinar

a cabeça. Ele tomou a forma de servo e foi descartado e escarnecido pelos chamados grandes deste mundo limitado pelo tempo; Ele baixou o mais que pôde, descendo das alturas da glória da qual tinha vindo. Assim é que na terra, num sentido, Ele não teve aquela glória, e pediu ao Pai que Lhe restaurasse aquela glória.

Não há melhor modo de dizer tudo isso do que com as palavras do hino de Charles Wesley – e quão tolos seremos se pensarmos que tais hinos só se destinavam a ocasiões especiais do ano!

Velada na carne vede a Deidade!
Salve o Deus encarnado!

ou ainda:

Manso, Sua glória Ele em reserva põe;
Nasce, para que o homem não morra mais.

Observem estes paradoxos, estes tremendos contrastes, mas é tudo a verdade simples e literal. Assim Ele mansamente põe de lado Sua glória e desce direto à terra, assume a natureza humana, vive como homem na semelhança da carne pecaminosa e na forma de servo. Nestas coisas contemplamos a Sua maravilhosa descida da glória.

O que em seguida nos é dito é que devemos examinar Sua obra na terra, obra que é realmente a de glorificar o Pai. Ele realizou essa obra de muitas maneiras. Ele diz aqui: "Eu glorifiquei-te na terra" e, ao fazê-lo, naturalmente, num sentido, manifestou Sua própria glória, velada na carne. Ele revelou e proclamou o Pai simplesmente sendo o que Ele era. Certa ocasião Ele disse: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9); olhem para Ele e verão algo do glorioso Deus, do próprio Pai. Vocês verão o olhar de compaixão, a compreensão, a prontidão para ajudar e para abençoar.

Se tão-somente pudéssemos ver o Pai, disse Filipe uma

vez: "Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta".

E o Senhor voltou-Se para ele e disse: "Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai..." (João 14:8,9). Noutras palavras, em Sua vida, em todas as Suas atividades e em ser o que era, Ele manifestou o Pai e a glória do Pai.

Mas então, naturalmente, Ele faz também a mesma coisa com Seu ensino. Nunca houve ensino concernente a Deus o Pai como o que saiu dos lábios do nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo. As idéias que o homem faz de Deus são sempre incompletas e imperfeitas, e mesmo a revelação do Velho Testamento era insuficiente. Como diz o autor da Epístola aos Hebreus, Deus revelou esta verdade concernente a Si próprio por partes, aqui e ali – "antigamente... aos pais, pelos profetas" – porém agora Ele a revela em Seu Filho, perfeita, final, plena e completa. Está toda ali nesta Pessoa maravilhosa, o bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo – e em todo o Seu ensino e em todas as Suas informações concernentes ao Pai, vemos tudo isso revelado.

Contudo, acresce que Ele fez tudo isso de maneira ainda mais notável realizando a obra para a qual o Pai O tinha enviado – "glorifiquei-te... tendo consumado a obra que me deste a fazer" – e qual era essa obra? Primeiro e acima de tudo, Ele cumpriu pessoalmente a lei. Deus tinha dado Sua lei à humanidade e lhe dissera que a cumprisse, para glorificá-lO. Todo o espírito da lei é que devemos glorificar Deus; não é meramente observar um certo número de regras e regulamentos, fazer isto e não fazer aquilo. O real objetivo da lei é ensinar a humanidade e mostrar-lhe como glorificar Deus. Mas a humanidade tinha fracassado e, portanto, a primeira coisa que o Filho foi enviado para fazer era honrar e guardar a lei, e assim glorificar Deus, e Ele o fez perfeitamente. Essa foi uma parte essencial da Sua obra.

Não somente isso, Ele veio com o fim de ser um Sumo

Sacerdote perfeito para representar aquelas pessoas redimidas que o Pai Lhe tinha dado. Em Hebreus, capítulo 5, nos é dita uma coisa realmente extraordinária acerca do nosso bendito Senhor nesse aspecto – que Ele "aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu". O Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória, tinha que aprender certas coisas antes de poder tornar-Se um Sumo Sacerdote perfeito para nos representar na presença de Deus. Ele veio a este mundo para ser o Comandante da nossa salvação, o nosso Líder, e Ele teve que Se preparar para essa obra e para passar por este processo. Ele teve que ser tentado em todos os pontos, como nós, para poder socorrer-nos quando somos tentados, e ser um Sumo Sacerdote compassivo e compreensivo. Ele desceu dos domínios da glória e sujeitou-Se a tudo isso, e, ao fazê-lo, não só estava mostrando algo da Sua glória, mas também nos estava mostrando a glória do Pai, que planejara tal método de salvação.

Que coisa mais maravilhosa e estupenda! Oh, meus amigos, quando lemos estes Evangelhos, sempre devemos lembrar-nos disso. Examinem tudo em detalhe, observem a vida do nosso Senhor Jesus Cristo e lembrem-se de que este é o Senhor da glória. Lembrem-se de que este é Aquele que é o esplendor da glória do Pai, a expressa imagem da Sua Pessoa. Vejam-nO, porém, na manjedoura, ou no Monte, passando fome e sede; o Senhor da glória, mansamente pondo de lado a Sua glória e então vivendo a vida deste mundo como homem, preparando-Se para ser o Comandante da nossa salvação.

Mas agora chegamos a uma das coisas mais extraordinárias de todas. No versículo primeiro lemos: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti". Seria a mesma petição do versículo 5: "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse"?

Sugiro-lhes que não é a mesma coisa, e que as duas petições não se referem precisamente ao mesmo assunto. Penso que a petição do versículo primeiro significa que chegou a hora, Ele está prestes a morrer, está prestes a encarar a maior de todas as crises. Oh, foi uma coisa extraordinária, que transcende o pensamento e a imaginação, o fato dEle deixar aquela glória, nascer como bebê e assumir a natureza humana. Foi uma coisa tremenda o Filho eterno de Deus ficar no ventre de uma mulher. Todas as Suas tribulações e dificuldades nunca seremos capazes de captar e de entender neste mundo. E maior e acima disso tudo foi a provação que agora estava para suportar, a cruz e tudo o que ela significou. Portanto aqui, vivendo como homem, Ele ora ao Pai: "Pai, glorifica a teu Filho", com o que Ele quer dizer: fortalece-Me, capacita-Me a mostrar e comprovar o fato de que sou Teu Filho. De novo, em Hebreus, capítulo 5, nos é dito que Ele orou com grande clamor e lágrimas a Deus, rogando-Lhe que O sustentasse e O fortalecesse, e também nos é dito que Ele foi ouvido por Sua reverência e por Seu santo temor, e por Sua bela piedade.

E isto significa que Ele Se deu conta do que estava para fazer. Ele compreendeu que estava chegando a hora em que o peso dos pecados do mundo seria posto sobre Ele, em que Ele teria que suportar o estonteante fardo da culpa da humanidade toda, fardo que o Pai tinha colocado sobre Ele, e esse era um pensamento esmagador. Acaso Sua natureza humana arrebentaria, por assim dizer, sob tal peso? Poderia Ele agüentar esse fardo, poderia resistir à idéia de perder a visão do semblante de Seu Pai por ter sido feito pecado em favor do homem e por levar sobre Si o pecado e a punição do homem? Pai, diz Ele, fortalece-Me, sustém-Me, prova ao mundo que Eu sou Teu Filho, glorifica o Teu Filho neste mundo. Esse é o sentido da petição do versículo primeiro, e a oração foi respondida. Oh sim, Ele veio do

mais alto céu da glória, e, como lembrei a vocês, nasceu como homem, fez-Se carne, fez-Se semelhante à carne pecaminosa. Ele tomou sobre Si a forma de servo. Suportou a contradição dos pecadores contra Si mesmo. E, como Paulo diz em Filipenses, capítulo 2, foi obediente até à morte, e morte de cruz. Ele foi crucificado e cravado num madeiro, e não existe morte mais profundamente triste que essa –

Dos mais altos domínios da glória
Para a mais profunda miséria da cruz!

Ele pediu ao Pai que O habilitasse e O fortalecesse, e Seu Pai ouviu Sua oração. Ele foi glorificado, Ele foi fortalecido e foi habilitado, de modo que no fim pôde dizer: "Está consumado". Ele suportara tudo aquilo; não foi esmagado; Seu corpo não arrebentou sob aquele peso. A obra foi realizada, Ele tinha cumprido tudo: "Pai", disse Ele, "em tuas mãos entrego o meu espírito".

Depois, em segundo lugar, vem a petição do versículo 5: o Senhor continua olhando para o que está diante dEle, e essa é Sua oração. Tendo completado toda a obra, tendo feito tudo o que o Pai Lhe designara para fazer, Ele pede, por assim dizer: porventura não chegou a hora de Eu voltar a Ti, exatamente para onde eu estava antes? Eu realizei a obra. "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." Mas o que é espantoso e que devemos lembrar neste ponto é que Ele volta para a glória como Deus-homem, e como nosso representante, a glória momentaneamente posta de lado à solicitação do Pai Lhe é restaurada, e assim, como Deus- homem e Mediador, Ele volta a compartilhar esta inefável glória do Deus eterno.

E assim esta oração também foi respondida. Começou a ser respondida na ressurreição, o evento que finalmente

convenceu até os discípulos de que Ele era o Filho de Deus. Antes eles não tinham entendido isso, porém, como Paulo diz, escrevendo aos romanos, o nosso Senhor foi "declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos" (Rom. 1:4). Quem é este que venceu a morte e o sepulcro? Só pode ser, e é, o Filho de Deus. Considerem as aparições após a ressurreição. Vocês vêem os discípulos em Jerusalém, por trás de portas trancadas, porque estavam com medo dos judeus, e, de repente, Ele entra sem que a porta fosse aberta. Pensaram que era um fantasma. Mas Ele mostrou-lhes que não era pedindo-lhes que lhes dessem algo para comer. E eles Lhe deram "parte de um peixe assado, e um favo de mel". "Vejam que sou eu mesmo", disse Ele com efeito, "tenho carne e ossos, e posso comer" – a gloriosa Pessoa deste Senhor ressurreto!

Depois, talvez ainda mais extraordinariamente, vemos Sua glória na ascensão. Muitos de nós não observamos o *Dia da Ascensão*, não é? Somos um pouco incoerentes nisso; observamos o Natal, a Sexta Feira da Paixão, o Domingo da Ressurreição! Observamos o *Domingo do Pentecoste*, porém não observamos o *Dia da Ascensão*, e esta é uma parte realmente essencial de todo este movimento do plano de Deus. Seus discípulos estavam com Ele no Monte e, enquanto lhes falava, foi elevado e ascendeu aos céus. Sua glória foi manifestada de maneira sumamente maravilhosa ali. E depois Ele a manifestou ainda mais enviando o dom do Seu Espírito Santo no *Dia de Pentecoste*. É uma prova de que Ele é o Filho de Deus, o Messias, este glorioso ser. E ali está Ele agora, assentado à destra de Deus na glória, reinando até que todos os Seus inimigos sejam feitos o escabelo para os Seus pés.

E assim foi que eu tentei apresentar a vocês algo da glória que é retratada nestes cinco versículos, da glória às profundezas da cruz e do Hades, e de volta àquele glória

inefável, via ascensão; e Ele agora mantém conSigo a natureza humana. No entanto, porque Ele fez isso tudo? Posso imaginar alguém dizendo: "Meu caro senhor, isso tudo está muito bem, sabe. Se vivêssemos num mundo de puro lazer e não tivéssemos trabalho, cuidados, preocupações e tribulações, talvez pudéssemos tomar todas estas observações objetivamente. Mas queremos algo que nos ajude agora, aqui e agora, no presente imediato; você não tem algo para nos dizer?"

Espero que ninguém se sinta assim, depois do que acabamos de considerar. Simplesmente estive lembrando a você o que o Filho eterno de Deus fez por você, para salvá-lo da ira de Deus e do inferno, do pecado e de si próprio. Ele fez isso para que você pudesse tornar-se filho de Deus, para que pudesse começar a usufruir um "gozo inefável e glorioso", e para que você pudesse receber o Espírito Santo com todo o Seu poder e força. É do que trata tudo isso. Se você acha que tudo o que eu estive dizendo é algo teórico e remoto, é porque não entende, é porque você não está relacionado a isso, e porque não se dá conta de que tudo isso foi feito por você. Essa é a grandeza e a glória; Ele fez tudo isso por nós.

Dos mais altos domínios da glória
Para a cruz de sua mais profunda dor,
Tudo para remir cativos réus,
Flua meu louvor, para sempre flua.

Então me volto para Ele e digo –

Salvador Imortal, retorna, vai,
Teu escabelo deixa, toma o Teu trono,
E dele volta e reina para sempre,
E seja Teu o Reino, todo Teu.

Essa é a verdadeira reação às coisas que estivemos considerando juntos. Ele fez tudo isso para resgatar cativos culpados, e, se você está ciente de que Ele fez isso em seu favor, você concordará com Robert Robinson quando escreveu estas palavras: "Seu louvor está fluindo? Você louva o Senhor Jesus Cristo? Você O elogia para outras pessoas; você lhes fala sobre Ele?" Atualmente as pessoas falam sobre aqueles de quem elas gostam e a quem admiram. Leio sobre os elogios que fazem a atores e atrizes e a toda espécie de políticos e de pessoas; você vê isso nos jornais, e você tem que escutar isso quando está tentando ler numa cabine de trem. Mas, e nós, louvamos o Senhor Jesus Cristo? Se não o fazemos é porque não compreendemos o que Ele fez por nós. De novo concordo com Robert Robinson quando diz – "Solta a minha língua, (liberta-a) desse silêncio culposo".

Oh, meus caros amigos, se vocês não se apercebem da glória destas coisas, corram para Deus e confessem isso a Ele. Peçam-Lhe então que lhes dê Seu Santo Espírito para que os seus olhos sejam abertos para estas verdades preciosas e gloriosas. O Espírito Santo foi enviado com o fim de tornar reais estas coisas para nós. Se tão-somente compreendêssemos estas coisas, inevitavelmente estaríamos entoando louvores com todo o nosso ser, e toda a nossa vida seria dedicada ao Seu louvor. O Espírito Santo nos capacitará a aperceber-nos destas coisas gloriosas. Ele as imprimirá e as inculcará de tal modo em nossa mente, em nosso coração e em nosso entendimento que elas serão reais para nós, tão reais que finalmente seremos capazes de juntar-nos a Paulo e a dizer com ele: "Para mim o viver é Cristo".

6

Antídoto Contra a Introspecção

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste para fazer. E agora glorifica-me tu, o Pai, junto a ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." – **João 17:1-5**

Estivemos examinando juntos, um tanto detalhadamente, os cinco versículos iniciais deste capítulo porque sugeri que neles temos uma demonstração maravilhosa do esquema da salvação. Também sugeri que seria bom examinarmos isto porque é, indubitavelmente, a coisa mais importante que se pode aprender nesta vida e neste mundo. A única mensagem que o evangelho de Jesus Cristo tem para dar ao mundo de fora da Igreja é a mensagem concernente ao plano de salvação. Jamais devemos esquecer, porém, que ela é sempre a mensagem central da qual a própria Igreja necessita porque temos considerado juntos o fato de que, tendo crido no evangelho, muitas vezes nos vemos passando a nossa vida cristã naquilo que se pode chamar de "baixios e misérias".

Freqüentemente parece que estamos tendo uma vida cheia de problemas e perplexidades, sem muita felicidade e alegria, uma vida, digamos, de lutas com pouco sucesso e mal evitando a derrota. A principal explicação disso, quando é verdade, é que, de um modo ou de outro, deixamos de examinar e de compreender a verdade acerca deste grande plano de salvação como exposto na Bíblia.

Não se pode duvidar de que um dos mais tormentosos pecados e tentações que assediam o cristão mediano é a tendência de examinar-se de maneira errada. Pois bem, é certo que a Bíblia está repleta de exortações a que nos examinemos e nos provemos a nós mesmos, sim, mas há toda a diferença do mundo entre fazê-lo do jeito certo e tornar-nos introspectivos. Você é introspectivo quando passa o tempo todo olhando para si mesmo, olhando para dentro de si e preocupado única e supremamente consigo mesmo. O antídoto contra isso, eu sugiro, é que voltemos a examinar o plano de salvação como vem exposto na Bíblia. E aqui, neste capítulo, no breve espaço destes cinco primeiros versículos, vemos um claro sumário dele. Há muitas razões adicionais pelas quais devemos fazer isto sempre. Uma delas, que devemos lembrar aqui, e que é muito importante, é que é só quando nos lembramos deste plano, tanto em suas diversas partes como no todo, que não somente poderemos eliminar certas dúvidas que surgem em nossas mentes, mas, ainda mais importante, também poderemos responder àqueles que atacam a nossa posição e atacam de fora a fé cristã.

Ora, não é resposta final a um dos mais sutis ataques à fé cristã hoje simplesmente dizer que temos experimentado certas coisas, ou que agora ocupamos certa posição. Muitos usam esse argumento e muitas vezes imaginam que é um argumento convincente. Eles se voltam para o mundo e dizem: "Vocês podem dizer o que quiserem sobre a Bíblia,

podem criticar a fé cristã quanto quiserem, mas vocês não poderão fazer qualquer diferença para mim porque sou feliz. O evangelho fez isto e aquilo por mim, e o resultado é que estou completamente imune a todas as suas críticas". Eu sei o que esses amigos querem dizer quando dizem tais coisas, porém me parece que isso não só coloca a posição cristã no nível mais baixo, mas há também um sentido em que ela nem começa a fazer frente ao ataque movido contra a fé. Pois, naturalmente, o fato é que, se formos basear a nossa posição unicamente no que sentimos e no que somos neste momento, nada teremos para dizer em resposta ao ataque assim feito contra a fé cristã, especialmente pela psicologia.

Atualmente existem muitos que gostariam de explicar toda a nossa fé em termos da psicologia. Alegam que essa é uma forma muito inteligente e muito sutil de autopersuasão, simplesmente um meio de deslocar as suas dificuldades para outro plano. "É boa psicologia", dizem eles, "e qualquer coisa que faça mais feliz um homem é uma coisa boa em si e de si; os cristãos podem usar todas estas grandes expressões, contudo, realmente nada mais é que um bocado de psicologia. Como vocês sabem, existem muitos ensinos falsos, como por exemplo a Ciência Cristã, ensinos completamente injustificáveis, todavia que podem tornar felizes as pessoas."

Ocorre então que, se basearmos a nossa posição inteiramente na experiência não vamos convencer ninguém. A resposta ao argumento da boa psicologia é que estamos lidando com certos eventos e fatos históricos que não devemos permitir-nos esquecer. Na verdade estou disposto a ir o bastante longe para dizer que, seja o que for que eu sinta neste momento, ainda que me sinta num estado de escuridão e sombras e esteja completamente desanimado, a minha posição continua a salvo e segura, graças a estas

coisas que foram feitas na história, alheias a mim e antes mesmo de eu nascer. Graças a Deus eu não baseio a minha posição em como me sinto. Os sentimentos são traiçoeiros, vêm e vão, e quão pequeno é o controle que temos sobre eles! Todos nós temos tido a seguinte experiência, não temos? Acordamos certa manhã e nos sentimos cheios de paz, alegria e felicidade, e tudo parece correr bem. Temos um dia maravilhoso, lemos a Bíblia, temos liberdade na oração, e tudo está bem, e então esperamos que o dia seguinte seja mais maravilhoso ainda. Mas, por estranho que pareça, vemos que quando acordamos na manhã seguinte estamos sem vida e melancólicos. Se você basear toda a sua posição na experiência e nos sentimentos, será uma pessoa muito infeliz e a sua vida cristã vai ser muito instável. Todavia a resposta é, reitero, este maravilhoso plano de salvação. Naturalmente, é preciso que eu saiba que estou relacionado com esse plano – isso é essencial – mas o que defendo em meu argumento é que, se você deseja gozar estas bênçãos, e se deseja viver verdadeiramente esta vida cristã, fará isso examinando estas coisas, descansando nelas e dizendo, conforme as palavras de um hino:

Minha esperança está em nada menos
Que o sangue de Jesus e Sua justiça,
No melhor do meu ser confiar não ouso,
Mas de todo me apóio no nome de Jesus.
Em Cristo, a sólida rocha, me firmo,
Toda outra base é areia movediça.
– Edward Mote

É isso, então, que estamos fazendo, ao examinarmos juntos o plano e esquema como é revelado aqui. Até aqui vimos algo como o seguinte: já vimos que o grande objetivo e intento do plano de salvação é a glória de Deus,

e, se não vemos isso primeiramente e antes de tudo mais, há algo errado em nossa concepção geral da salvação. Se examinarmos a salvação somente em termos de nós mesmos ou de algo que nos aconteça, e não virmos nela, primariamente, a glória do Deus todo-poderoso, significa que o nosso conceito de salvação é grosseiramente inadequado, na verdade pode até ser falso. É a glória e a maravilha do Deus triúno que o nosso Senhor salientou, e Ele é a nossa autoridade suprema.

Pois bem, estivemos examinando o plano em suas diferentes partes. Vimos que ele tem sua origem no Pai. Ele o planejou e o projetou, e o pôs em operação no Conselho eterno. Depois vimos como foi dividida a obra, o Filho foi enviado, foi-lhe dada uma comissão, uma incumbência, e Ele realizou a obra para a glória de Deus o Pai. E Ele próprio, como consideramos em nosso estudo anterior, foi glorificado na ressurreição e na ascensão, mas a manifestação final da glória do Filho foi aquela dada no Dia de Pentecoste, quando o Espírito Santo foi enviado à novel igreja que se reunia em Jerusalém. Essa é a prova final do fato de que Jesus de Nazaré é o Filho unigênito de Deus. As Escrituras falam sobre a "promessa do Pai": o Pai tinha prometido aos filhos de Israel, na velha dispensação, que enviaria o Seu Espírito. Ele diz repetidamente que irá fazer uma nova aliança com eles, que virá o dia em que irá tirar deles o coração de pedra, irá dar-lhes um coração de carne e irá derramar Seu Espírito sobre eles. Era isso que eles aguardavam e, num sentido, a obra do Messias, o Libertador, o Salvador, era enviar esta promessa do Pai, enviar o que foi prometido pelo Pai. E foi justamente isso que aconteceu no dia de Pentecoste, quando o Senhor Jesus Cristo enviou o Espírito Santo.

As Escrituras fazem uso de duas expressões. Num lugar, diz-nos que o Senhor Jesus Cristo enviou o Espírito Santo,

e noutro, que Deus o Pai enviou o Espírito depois de ouvir a oração de Seu Filho, mas é a mesma coisa, visto que o Espírito procede do Pai e do Filho. O que eu desejo acentuar particularmente neste ponto, porém, é que este ensino está incluído até mesmo nestes cinco versículos de João, capítulo 17, que estamos estudando: "Estas palavras disse Jesus..." (VA), e depois começou a orar. "Estas palavras" são as registradas nos capítulos 14, 15 e 16 deste particular Evangelho e que se relacionam com esta promessa da vinda do Espírito Santo. O nosso Senhor começou a falar sobre isso no capítulo 14. Ele viu que os discípulos estavam de semblante caída, porque lhes dissera que ia deixá-los, pelo que lhes disse: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós (João 14:16,17). E passou a ensiná-los sobre a vinda do Espírito Santo.

Portanto aqui, em João 17:1, a vinda do Espírito Santo é apresentada como parte deste grande e vital plano de salvação, e, naturalmente, é um dos seus mais maravilhosos aspectos. Lá, no Conselho reunido na eternidade, como já vimos, Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo conversaram e planejaram a salvação do homem; o Pai reiterou o grande esquema, e o Filho aceitou a decisão de que a Ele caberia levar a efeito o plano, e depois foi igualmente decidido que o Espírito Santo completaria o que o Filho fizesse pela humanidade. Essa é a razão pela qual às vezes isso é chamado "economia da Trindade", a divisão da obra entre as três Pessoas, e é uma coisa que se vê muito claramente nas páginas das Escrituras. Consta, por exemplo, logo no princípio, em Gênesis, onde se nos mostra que a própria criação foi obra da Trindade – "No princípio Deus...". Depois nos é dito que "o Espírito se movia..."; tudo foi feito

por meio do Verbo, da Palavra, mas, num sentido, ainda pela ação do Espírito.

Todavia, o que estou desejoso de examinar agora é o modo como este versículo assinala o ponto. O Pai envia o Filho, e a grande atividade do Filho consiste em glorificar o Pai. Diz Ele: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer". Pois há um sentido em que o Senhor Jesus Cristo nunca glorificou a Si mesmo. Foi por isso que Ele pôs de lado a Sua glória, e foi por isso que Ele não nasceu num palácio real, e sim num estábulo. Foi por isso também que Ele tomou a forma de servo; tudo para glorificar o Pai. Toda a Sua vida como homem, num sentido, só foi vivida desta maneira a fim de que toda a glória e força fosse de Deus o Pai.

Mas aqui nos é dita outra coisa maravilhosa. Depois que voltou para o céu, Ele enviou para a Igreja o Espírito Santo, e a atividade do Espírito Santo consiste em glorificar o Filho. Pois bem, esta é uma declaração maravilhosa. Não vemos o Espírito Santo, Ele é invisível, e, num sentido, essaé a razão pela qual a Sua obra é glorificar o Filho. Na verdade, lemos sobre o Espírito Santo em João 16:14 a mesma coisa que lemos noutra passagem sobre o Filho. Diz o nosso Senhor que o Espírito Santo não fala de Si, mas, "Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar". Precisamente a mesma coisa nos é dita acerca do Filho com relação ao Pai. Portanto, o grande pensamento que serve de diretriz e que devemos ter em mente é que a obra principal do Espírito Santo é glorificar o Senhor Jesus Cristo.

Em certo sentido, a glorificação final do Senhor Jesus Cristo foi a vinda do Espírito Santo. No Evangelho de João nos é dito que o Espírito Santo ainda não tinha vindo porque Jesus ainda não havia sido glorificado. Vemos isso na grande promessa que o nosso Senhor fez um dia no templo,

quando disse: "Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios d'água viva correrão do seu ventre" (João 7:37,38). E João o explica: "E isto disse Ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado". Portanto, o Espírito Santo não poderia ser dado enquanto Cristo não consumasse a obra que o Pai Lhe confiara, enquanto não morresse e ressuscitasse, enquanto não ascendesse ao céu e não tomasse assento à destra de Deus. Deus então disse, com efeito: "Dou-Te a promessa; envia a promessa ao povo".

Ora, pode-se desenvolver isso de muitas maneiras diferentes. Quero fazê-lo aqui de um modo mais ou menos objetivo, porém a parte subjetiva é importante neste aspecto: se você alegar que recebeu o Espírito Santo em Sua plenitude, o melhor teste disso é ver se você está glorificando o Senhor Jesus Cristo. Há novamente o perigo de darmos tanta ênfase ao Espírito Santo que o façamos em detrimento do Filho. Há alguns que estão sempre falando sobre fenômenos ocorridos na vida cristã. Gostam de falar sobre os dons do Espírito e se gabam de possuir um ou outro deles: "Você fala em línguas? Você tem o dom de curas?" Vê-se que a conversa deles é sempre sobre estas coisas. Bem, graças a Deus, o Espírito Santo dá estes dons, mas não nos esqueçamos nunca de que a Sua função principal é glorificar o Filho, de modo que, se a nossa vida não está sempre apontando para o Senhor Jesus Cristo e não O está glorificando, é melhor que sejamos cuidadosos. Existem outros espíritos, e estes outros espíritos são muito poderosos e podem dar dons maravilhosos. Satanás pode imitar muitos dos dons do Espírito Santo. Há, por exemplo, espíritos que podem curar. Existem fortes fenômenos neste mundo no qual vivemos, e a prova dos dons do Espírito é esta: será que eles testificam o fato de que Jesus é Deus em carne?

Eles glorificam o Filho de Deus? Assim como essa é a obra suprema do Espírito Santo, assim também todo espírito deve ser provado por esse teste particular.

Como é, então, que o Espírito Santo glorifica Cristo? Parece-me que a melhor maneira de examinar este assunto é dividi-lo em três títulos principais. Antes de tudo, Ele revela o Senhor Jesus Cristo e Sua Pessoa. Paulo, em sua carta aos coríntios, fala sobre o Senhor da glória. Paulo escreve: "Mas falamos a sabedoria de Deus oculta em mistério... a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória" (1 Cor. 2:7,8). Mas nós, diz ele, recebemos o Espírito, e "o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus". Vocês percebem o que isso significa? Quando o Senhor Jesus Cristo esteve aqui como homem, os fariseus e os doutores da lei não O reconheceram – foram eles que incitaram o povo a gritar: "Tira, tira, crucifica-o". Nem O conheceram os gregos, como tampouco os grandes filósofos; todos eles O rejeitaram. Eles diziam que era um absurdo e impossível que um carpinteiro, como Ele, fosse o Filho de Deus. E a razão pela qual eles não O conheceram foi que eles não tinham recebido o Espírito Santo. Paulo diz em 1 Coríntios 12.3: "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo".

Vocês não têm ficado perplexos muitas vezes pelo fato de que muitos homens capazes deste nosso mundo moderno não crêem na deidade de Jesus Cristo? Dizem eles que Jesus era somente homem. Eles O elogiam, dizem que Ele é o maior homem ou o maior mestre que o mundo conheceu, porém não vêem nEle o Filho de Deus. Jamais devemos sentir-nos mal por isso. Reconhecer o Senhor Jesus Cristo não é questão de intelecto, porque o maior cérebro nunca poderá apreender isso e crer nisso. É uma verdade espiritual e é algo que só se pode discernir espiritualmente. Diz-nos

a Bíblia que não era de admirar que estas pessoas não criam no Senhor Jesus Cristo como o Filho de Deus. Era porque estavam cegas, porque o seu entendimento não tinha sido iluminado pelo Espírito Santo e, num sentido, a incredulidade deles prova a veracidade do evangelho. Graças a Deus este conhecimento não é questão de intelecto, porque, se o reconhecimento da Pessoa do Senhor Jesus Cristo fosse questão de intelecto e de capacidade, o plano de salvação não seria justo. As pessoas dotadas de cérebro teriam grande vantagem sobre todas as demais, e as pessoas ignorantes e que não têm muito poder intelectual seriam incapazes de entender e captar a verdade. Conseqüentemente, elas não seriam salvas, e só haveria salvação para certas pessoas intelectuais e especiais.

Contudo, graças a Deus não é nada disso! Nesta questão de reconhecimento do Senhor Jesus Cristo estamos todos exatamente no mesmo nível, estamos todos na mesma posição. O maior cérebro nunca é suficientemente grande para entender e captar isso, mas o Espírito Santo pode capacitar os mais ignorantes e os menos inteligentes para o entenderem. Uma pessoa sem nenhuma vantagem educacional pode aceitar a grande salvação porque isso é obra do Espírito Santo. Unicamente o Espírito Santo pode revelar a Pessoa de Cristo, porém Ele pode fazê-lo, e pode fazê-lo a toda e qualquer pessoa.

Além disso, o Espírito Santo não revela somente a Pessoa, revela também a Sua obra. A pregação de Cristo, diz o apóstolo Paulo, é uma pedra de tropeço para os judeus e uma loucura para os gregos (1 Cor. 1:23). Os homens sábios, assim chamados, freqüentemente tropeçam especialmente na cruz. Vocês vêem, a pregação dos primeiros discípulos não foi só que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, e sim também que Ele veio ao mundo para dar o devido tratamento ao problema do pecado. Eles ensinavam que o sentido

da Sua morte na cruz não era apenas que Ele foi preso pelos romanos por instigação dos fariseus, e levado à morte por crucifixão. Não, eles ensinavam também que Deus O tinha feito pecado por nós – que foi feita uma grande transação entre o Pai e o Filho. Para os filósofos isso era um absurdo. Não o entendiam porque não receberam o Espírito Santo. "Mas nós", diz Paulo, ainda aos coríntios, "não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Cor. 2:12).

Desejo fazer aqui algumas perguntas simples e francas: você entende a questão da expiação? Está clara para você a obra realizada por Cristo? Você vê e sabe que o Senhor Jesus Cristo levou os pecados de você sobre Si e morreu por eles no madeiro? Seria isso real para você? Faz sentido para você, ou você tropeça nisso? Se você está em dificuldade é porque não foi iluminado pelo Espírito Santo, e, acredite-me, o único meio pelo qual você pode vir a conhecê-lo não é tentar entendê-lo intelectualmente, mas pedir a Deus que o ilumine pelo Espírito e o habilite a ver, entender e receber esta verdade à medida que Ele revela e manifesta a obra de Cristo. Se você ler o sermão pregado por Pedro no *Dia de Pentecoste*, vê-lo-á fazer justamente isso.

Depois, o Espírito Santo não somente revela a Pessoa e a obra de Cristo; Ele revela também o ensino de Cristo. O nosso Senhor disse a estes discípulos, antes de deixá-los: "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade" (João 16:12,13). Ele lhes lembrará as coisas que eu lhes tenho dito e que vocês não podem entender agora, e Ele as esclarecerá para vocês.

Por conseguinte, se você está em dificuldade quanto a entender este evangelho, peça a Deus que lhe dê o Seu Espírito em toda a Sua plenitude, e você começará a entender.

O que é fatal nestas questões é usar o seu intelecto natural para lhes dar suporte: "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus... e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Cor. 2:14).

Voltem a ler 1 Coríntios, capítulo 2, e procurem entender que estas coisas estão numa esfera diferente, pertencem a uma ordem diferente, e a única maneira de entender o ensino do Novo Testamento acerca da obra pessoal de Cristo e do Seu ensino é ter os olhos do seu entendimento iluminados pelo Espírito Santo. Portanto, se você estiver em dificuldade, não perca tempo procurando ler livros de filosofia sobre estes assuntos, não tente captá-los com o intelecto natural, pois é impossível. Estamos lidando com milagres. Estamos na esfera do sobrenatural e do espiritual, e a única esperança para nós é que o Espírito Santo nos venha com aquela unção, com o Seu colírio para ungir os nossos olhos a fim de que se abram para a verdade bendita.

Mas o Espírito não revela somente Cristo, também *aplica* a Sua palavra, e isso nos convence do pecado. Às vezes encontro pessoas que me dizem: "Não entendo este ensino sobre o pecado, não me sinto pecador". Bem, se você não se sente pecador é simplesmente porque não conhece a si próprio, e não conhece a si próprio porque o Espírito Santo não o convenceu do pecado. Algumas das melhores pessoas que puseram os pés na terra foram as que eram mais conscientes da sua pecaminosidade. Não posso imaginar pior estado quanto a quem quer que seja do que oda pessoa que declara que não se sente pecadora. O Espírito nos convence e nos torna réus convictos, e se Ele não fez isso com você, quando você avaliar sua alma, peça-Lhe que o faça. Cristo veio para morrer pelos pecadores, não pelos justos, e a primeira obra do Espírito é convencê-los do pecado, da justiça e do juízo. Nós buscamos Cristo para a salvação depois que o Espírito nos convence do pecado,

porque o Senhor Jesus Cristo é a resposta para nossas necessidades.

O Espírito Santo dá-nos, então, a certeza de que fomos aceitos e de que fomos perdoados. Ele é um selo dado a nós para mostrar que pertencemos a Deus. Ele testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Nenhum cristão, homem ou mulher, tem direito de ficar na incerteza sobre a sua salvação; o Espírito Santo foi dado para que tivéssemos certeza, pois "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rom. 8:16). Se algum cristão que esta lendo estas palavras acha-se incerto, ou se lhe falta segurança e felicidade, permita que eu lhe solicite isto: busque o dom do Espírito em Sua plenitude, busque esta feliz segurança, diga a Deus que você anseia por tal bênção, não se dê descanso ou sossego, num sentido não dê a Deus descanso e sossego, enquanto não a tiver. A intenção é que você a tenha, e então ore rogando que o Espírito o leve a ela e, se você for genuíno e sincero, vai tê-la. Você pode ter estado orando há meses, ou até há anos, mas continue, digo eu, cumpra os Seus mandamentos, viva a vida que Ele estabeleceu para você, mas, acima de tudo, peça que o Espírito lhe dê este testemunho dentro de você. Ele foi enviado para isso, e dessa forma Ele nos liga a Cristo. Isso está além da possibilidade do entendimento; é a união mística entre o crente e Cristo. Como o nosso Senhor disse em João, capítulo 15, estamos unidos a Cristo como os ramos à videira; Sua vida está em nós, e isso faz parte desta abençoada obra do Espírito. Depois Ele continua a trabalhar em nós, santificando-nos e aperfeiçoando-nos – "Operai a vossa salvação", diz Paulo em Filipenses, capítulo 2, "com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade". Ele até nos ajuda em nossas orações: "Não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por

nós com gemidos inexprimíveis" (Rom. 8:26). Então Ele prossegue e produz o fruto do Espírito em nós: "amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gál. 5:22,23).

São essas as coisas que constituem a obra do Espírito, e podem ser resumidas assim: Ele é enviado para tornar real Jesus Cristo para nós. Portanto, não perca tempo tentando retratar o Senhor Jesus Cristo. Não saia por aí a olhar retratos dEle, os quais são totalmente imaginários. Há um sentido, creio eu, em que ninguém jamais deveria tentar pintá-lO – é errôneo. Não gosto dessas pinturas de Cristo, são esforços da mente natural. Não, se você quiser uma fotografia do Senhor Jesus Cristo, o Espírito lho dará no homem interior. Cristo disse pessoalmente, em João 14:21: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele". Isso é obra do Espírito, tornar Cristo vívido, fazer-nos certos de que Ele está aí, de modo que quando Lhe falamos e Ele nos fala, o Espírito O torna real, Cristo é formado em nós. Na verdade, o Espírito toma o lugar do Senhor Jesus Cristo junto a nós. Cristo disse: "Não vos deixarei sem consolação" (VA), Eu me vou, e vocês se sentirão infelizes, mas não vou deixá-los órfãos. Vou enviar--lhes outro Consolador, o Espírito Santo. Ele estará com vocês, e estará sempre com vocês, e assim vocês vão saber sempre o que devem fazer. Ele operará em vocês, e vocês saberão que estão andando com Ele. A vida cristã é companheirismo com o Pai e com o Filho, Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo.

E, finalmente, o que Ele faz é habilitar-nos, dar-nos o Seu maravilhoso poder a fim de podermos dar testemunho do Senhor Jesus Cristo. Você já pensou nisso? Já pensou em como a Igreja Cristã veio a existir, ou em como ela tem persistido através dos séculos?

Já pensou em como foi que aquele punhado de homens incultos, pescadores e gente comum, pôde transtornar o mundo antigo? Você procurou saber como isso aconteceu? Há somente uma resposta, e é que o poder do Espírito Santo veio sobre eles no *Dia de Pentecoste*. Eles não eram capazes de arrazoar e argumentar, não era sua eloqüência ou seu poder de persuasão. Não, era o extraordinário poder do Espírito Santo sobre eles!

E Paulo escreve acerca da mesma coisa sobre si mesmo. Diz ele aos coríntios que quando lhes pregou o evangelho em Corinto, deliberadamente evitou os métodos e modos dos filósofos gregos, "Porque", diz ele, "nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado[1]... A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana" – ele não queria nada com estas coisas intelectuais – "mas em demonstração do Espírito e de poder", para que a glória fosse de Deus e não do homem (1 Cor. 2:2,4).

O Espírito Santo dá este poder, e, graças a Deus, Ele não somente o deu aos primeiros apóstolos, deu-o também a pessoas completamente desconhecidas, no transcorrer dos séculos. Ele capacitou algumas pessoas simplesmente a falarem a palavra certa no momento certo. João Bunyan nos diz em sua autobiografia intitulada *Grace Abounding* (Graça Abundante) que uma das maiores bênçãos e ajudas que teve foi ouvir, certa tarde, três mulheres incultas que estavam fazendo tricô juntas sob o sol, ao ar livre, e conversavam a respeito do Senhor Jesus Cristo. Ele recebeu mais delas do que de ninguém mais. E vocês vêem que é isso que acontece, Deus dá este poder ao cristão mais

[1] PES publicou um opúsculo intitulado *Jesus Cristo e Este Crucificado* de D. M. Lloyd-Jones, onde ele examina a situação atual, mostra a futilidade das coisas em que os homens confiam, e aponta-nos à única esperança para o nosso pobre mundo confuso e atribulado. Nota do editor.

simples, mais humilde, para que testifique do Senhor Jesus Cristo, do que Ele fez e da diferença que Ele fez para a vida humana. É assim que o Espírito Santo glorifica o Filho. Quando Ele age em nós, o que Ele faz é levar-nos a glorificar o Senhor Jesus Cristo. O homem em quem o Espírito Santo habita não fala sobre si mesmo; seja pregador ou seja o que for, você não sai por aí falando sobre ele.

Eu e vocês temos o inestimável privilégio de ser homens e mulheres que, nesta vida e em nosso trabalho diário e em nossa vocação, podemos estar glorificando o Senhor Jesus Cristo. Oh, permita Deus que todos nós fiquemos cheios do Espírito, do Espírito Santo, de Deus, para que, como diz de si o apóstolo, possamos "conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte", para que saibamos o que Ele fez por nós; para que saibamos que somos filhos de Deus e co-herdeiros com Cristo; para que tenhamos vislumbres da glória que nos espera e vejamos nossas vidas transforma-das e cheias do Seu poder, para que possamos dizer com Paulo: "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim".

7

Está Consumado

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste para fazer. E agora glorifica-me tu, o Pai, junto a ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." **– João 17:1-5**

Tendo considerado em geral a particular glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo, chegamos agora ao lugar onde devemos examinar um pouco mais de perto uma das detalhadas declarações feitas aqui, nestes cinco versículos. Vamos considerar especialmente a declaração do versículo quatro, onde o nosso Senhor, falando com Seu Pai, diz: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer". Naturalmente, as duas partes dessa declaração são complementares. Ele tinha glorificado Seu Pai na terra consumando a obra que o Pai Lhe tinha dado para fazer. Ele veio a fim de glorificar o Pai, e tudo o que Ele fez se harmonizava com isso, e então podemos concentrar-nos em particular na segunda declaração: "Consumei a obra que me deste para fazer" (VA).

Examinemos, pois, esta obra da qual Ele fala.

Esta é por certo uma das melhores maneiras de considerar a salvação cristã; é uma gloriosa declaração do que toda ela é, e do que tudo isso envolveu, e a que preço. É dessa maneira que as Escrituras nos concitam constantemente a pensar nestas coisas. Permitam-me, de novo, assinalar de passagem que não há nada que seja tão bem calculado para nos ajudar a ter uma visão ampla e objetiva do plano de salvação. É sempre certo que o caminho direto para a paz, a alegria e a felicidade nunca é você começar por si mesmo e concentrar-se em si mesmo. Em vez disso é, como temos visto, examinar este grande plano de salvação, este plano maravilhoso; e as pessoas que estão sempre em paz nesta vida e neste mundo são as que, para usar a frase do escritor de hinos, estão "perdidos em encantamento, amor e louvor". As pessoas mais felizes que o mundo conheceu sempre têm sido aquelas que tiveram a gloriosa visão da salvação e que viram que estão "nEle" – essa é a grande expressão do Novo Testamento, "em Cristo" – e que estão absorvidos nEle. E por isso vivem como mais que vencedores neste mundo e são imunes à maioria das coisas que são finalmente responsáveis por todas as nossas infelicidades e misérias.

Assim, pois, vamos examinar a salvação nos termos desta declaração compreensiva: "Consumei a obra que me deste para fazer". Procuremos abordá-la do seguinte modo: a primeira coisa que devemos notar é que esta obra que Lhe foi dada para fazer é obviamente algo definido, especial e concreto. Não há nada vago e indefinido no ensino do Novo Testamento concernente à salvação cristã. É exatamente, se é possível usar tal expressão, como alguém que foi instruído para realizar um trabalho particular. Pois bem, a palavra "instruído" *("briefed")* tornou-se ampla em seu significado nestes últimos anos. Costumávamos pensar

nela em função dos advogados (em seus arrazoados), mas durante a guerra ficamos familiarizados com ela quando os homens da Força Aérea eram "instruídos" para fazerem uma determinada coisa. A obra da salvação é tão definida, tão concreta e tão circunscrita como aquela; e esse é o primeiro pensamento que devemos manter com clareza em nossas mentes quanto a esta salvação cristã.

Portanto, não é coisa má, quando começarmos a pensar nisso, que testemos a nós mesmos. Se alguém me viesse perguntar o que é a salvação cristã, seria eu capaz de lhe oferecer uma definição *exata*? Conforme a expressão aqui em foco, eu deveria ser capaz disso. Não é uma inferência geral, ou uma vaga impressão, nem tampouco é uma daquelas coisas sobre as quais você pode fazer várias afirmações, sem contudo jamais descrevê-las bem. Não, é uma obra definida, particular, e, naturalmente, há nas próprias Escrituras muitas declarações relativas ao que ela é. A obra que foi dada ao nosso Senhor para Ele fazer foi a de salvar a humanidade. Certamente vocês se lembram das Suas palavras: "O Filho do homem veio" – por quê? – porque Lhe foi dada uma incumbência particular da parte do Pai – "buscar e salvar o que se havia perdido" (Luc. 19:10).

Vejam agora como o apóstolo Paulo o diz em Gálatas, capítulo 4: "Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei" – essa é a tarefa particular para a qual Ele recebeu instruções. Ou, se vocês o preferirem de forma um tanto mais geral, podemos examinar isso desta maneira: a obra que foi dada ao nosso Senhor para Ele fazer era a obra de restaurar os homens à amizade e à comunhão com Deus. Foi exatamente por isso que Ele veio; percorreu todo o caminho do céu à terra e fez tudo o que fez a fim de que os homens e as mulheres como nós, que estávamos fora da relação com Deus, fôssemos

restaurados a essa relação. Ele veio para unir o homem e Deus. Ele diz aqui: "Consumei a obra que me deste para fazer", e com estas palavras Ele declara que deu a vida eterna a todos quantos Lhe foram dados por Deus. A obra é definida a este ponto: reconciliar os homens com Deus, introduzir Deus e o homem nesta relação particular e neste especial companheirismo um com o outro, bênçãos que tinham sido perdidas e destruídas.

Isso a seguir me leva a uma segunda declaração, que coloco desta forma: que é que tornou necessária esta obra? Se não fosse necessária, o Conselho eterno nunca se teria reunido. Deus o Pai nunca teria enviado Seu Filho ao mundo, e o Filho nunca teria enfrentado e sofrido tudo o que enfrentou e sofreu. Vemos, pois, que houve alguma razão especial e peculiar pela qual esta obra era necessária. Dou ênfase a isto porque vejo que há muitas pessoas que, ao que parece, nunca viram a necessidades desta obra. Elas dizem: "Eu sempre acreditei em Deus e no amor de Deus". Mas toda esta obra que Cristo veio realizar é absolutamente desnecessária para elas. Vocês lhes perguntam o que elas esperam, e elas dizem que esperam ir para o céu. Se vocês lhes perguntam como elas vão fazer isso, elas respondem: "Bem, eu sempre acreditei em Deus", e falam sobre isto e aquilo, porém nunca mencionam o Senhor Jesus Cristo e Sua obra. Sua obra é desnecessária, no que diz respeito a essas pessoas.

Todavia, obviamente, esta era, por definição, uma obra absolutamente essencial. O Filho foi enviado, e a Ele foi dada esta tarefa, porque sem esta obra o homem e Deus não podem ser reconciliados. E aqui, vejam vocês, mergulhamos imediatamente nas profundezas da teologia cristã. O que tornou necessária esta obra foi o problema levantado pelo pecado. Vocês não começarão a entender a obra confiada ao Senhor Jesus Cristo se não entenderem perfeitamente o

problema do pecado. Naturalmente, agora começamos a entender por que hoje se fala tão pouco sobre o plano de salvação, e por que os homens e as mulheres pensam tão infreqüentemente neste magnífico esquema. É porque não gostam da doutrina do pecado e se descartam dela levianamente, e, contudo, conforme a Bíblia, foi isso que tornou necessária toda esta obra.

Alguma vez vocês perguntaram por que os regulamentos cerimoniais foram dados aos filhos de Israel? Refiro-me aos regulamentos cerimoniais sobre as ofertas queimadas, as ofertas pelo pecado e as ofertas pelas transgressões – toda aquela longa lista de coisas que tinham que ser feitas: a imolação de animais, o derramamento de sangue e a apresentação dele no templo. A razão disso tudo é o problema do pecado, e o que tornou tão essencial esta obra de Cristo foi o pecado, e a condição do homem em pecado.

Mas essa não foi a única coisa que a tornou necessária. Há outra coisa que a tornou ainda mais necessária, e não é outra senão o caráter santo do próprio Deus. Devo colocar primeiro o pecado porque, se não o fizermos, não pode- remos ver o problema que, num sentido, foi levantado até mesmo no coração do Eterno. Pois, antes de Deus e o homem poderem ser reconciliados, alguma coisa tinha que ser feita, tanto do ponto de vista de Deus como do homem. O problema do lado de Deus eu posso colocar desta maneira – emprego os termos empregados pelo apóstolo Paulo em Romanos, capítulo 3 – como poderia Deus ao mesmo tempo permanecer justo e, todavia, ser o justificador dos ímpios? Como Deus poderia continuar sendo santo, imutável, eterno, reto, verdadeiro e justo, e, contudo, perdoar o pecado e perdoar as transgressões do homem?

Digamo-lo de um jeito singelo. Deus, sendo Deus, não pode simplesmente perdoar o pecado. Ora, a idéia comum sobre Deus, a que temos instintivamente, é que quando

admitimos que pecamos, tudo o que é necessário é que venhamos a Deus, digamos que sentimos muito, e Deus nos perdoará. Segundo a Bíblia, isso é impossível, e eu não hesito em usar essa palavra. Como pregador do evangelho cristão, sinto-me compelido a dizer isso, e o digo com reverência: Deus, visto que é Deus, não pode simplesmente perdoar o pecado desse modo.

Se vocês quiserem que eu prove o que estou dizendo, eis como o farei. Se Deus pudesse perdoar o pecado apenas dizendo: "Eu o perdôo", tê-lo-ia feito, e Cristo nunca teria sido enviado a este mundo. A obra que Lhe foi dada para fazer, esta obra, esta atribuição, esta tarefa, foi dada ao Senhor Jesus Cristo porque, torno a dizê-lo, sem ela, Deus não pode perdoar o pecado. É preciso que Ele não só justifique o ímpio, é preciso que Ele permaneça justo. O plano de salvação precisa ser coerente com o caráter de Deus. Ele não pode negar a Si mesmo, não pode sofrer mudança, Ele é imutável. "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" 1 João 1:5); Ele é o "Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17). Ele é eterna e sempiternamente o mesmo, e Ele é absolutamente reto, santo e justo. Ele não pode continuar assim e simplesmente perdoar o pecado e nada mais.

Portanto, vocês vêem que esta obra de Cristo era absolutamente essencial, e eu penso que podemos ver por qual razão as idéias que muitas pessoas têm da salvação são terrivelmente erradas. Essas pessoas realmente não vêem a necessidade que têm de Cristo e de Sua obra; dizem elas: "Deus é amor, e, porque é amor, me perdoará". Meu amigo, Ele não pode fazê-lo, porque é Deus! A obra de Cristo era essencial por causa do caráter de Deus, e era essencial por causa do homem em pecado; alguma coisa tinha que ser feita para tornar o homem apto para com Deus. Aí estão, pois, duas poderosas razões pelas quais esta obra era essencial.

Passemos a outro problema. A obra era algo que o próprio Cristo tinha que fazer, e por isso Ele pode falar dela como tendo sido feita: "Consumei a obra que me deste para fazer". Quero agora colocar isso na forma de uma negativa, desta maneira: o Senhor Jesus Cristo não veio a este mundo para nos dizer o que *nós* temos que fazer. Ele mesmo veio para fazer por nós algo que nunca poderíamos fazer por nós mesmos. Estas negativas são todas tão essenciais porque há pessoas que crêem na deidade do Senhor Jesus Cristo, porém, se vocês lhes perguntarem o que Ele veio fazer neste mundo, sua resposta será que Ele veio dizer-nos o que devemos fazer. Ou falarão sobre boas obras e dirão que, se fizermos isto ou aquilo, nós nos faremos cristãos e nos faremos retos para com Deus. Não! O nosso Senhor diz aqui: "Consumei a obra que *me* deste para fazer".

Às vezes receio que todos nós somos culpados de não vermos a floresta por causa das árvores, e às vezes as pessoas mais culpadas disso são as que se deleitam em chamar-se estudantes da Bíblia. Elas percorrem os Evangelhos com suas análises e examinam o ensino do Senhor, mas se dedicam tanto aos detalhes que nunca enxergam o grande plano propriamente dito. A verdade a que temos que apegar-nos é a que é salientada aqui, e a melhor maneira de entendê-la é considerar o que foi que Ele fez e, também, o que Ele estivera fazendo de antemão. Ele veio fazer pessoalmente certas coisas, e nós somos salvos pelo que Cristo fez por nós, e não pelo que Ele nos diz que devemos fazer. A obra de salvação é Sua obra e Sua realização, e Ele veio especificamente para realizá-la, e aqui, nestas palavras, Ele olha para o que está adiante, por assim dizer, para a morte na cruz, como também para trás, para o que Ele já fez. À sombra da cruz Ele revê toda a obra, e pode dizer: "Consumei a obra que me deste para fazer". Eu a completei.

Na cruz Ele disse outra vez: "Está consumado". Daí, uma maneira muito boa de testar se temos um modo certo ou errado de estudar a salvação é perguntar a nós mesmos se vemos a salvação cristã como algo que é exclusiva e inteiramente obra do Senhor Jesus Cristo. Somos produto do Seu trabalho; é tudo de Deus em Cristo. Ele completou a obra, e nós simplesmente devemos receber a Sua salvação como um dom gratuito.

Isso me leva a algo que, naturalmente, é a coisa mais importante de todas, que é examinar em detalhe um pouco desta obra que Ele realizou. Aqui de novo eu desejo salientar que a obra que Cristo veio realizar não foi simplesmente ministrar-nos um ensino incomparável sobre Deus e sobre o amor e a paternidade de Deus. Quantas vezes isso tem sido apresentado como a única atividade de Cristo neste mundo! Ele fez isso, claro, mas não é esse o propósito específico para o qual Ele veio. Isso já havia sido revelado no Velho Testamento. No Velho Testamento temos algumas das mais gloriosas declarações sobre o caráter e o amor de Deus, e sobre a paternidade de Deus; vocês encontrarão ali declarações que em nenhum sentido são inferiores às declarações do Novo Testamento. O antigo povo de Deus tinha recebido ensino sobre Ele em Seu amor, em Sua paternidade e em Seu caráter santo; eles conheciam essas coisas, num sentido, e Cristo não veio só para nos dizê-las.

Ou examinem isso da seguinte maneira: seja o que for mais que Cristo tenha vindo fazer, devemos compreender que Ele veio fazer algo que necessitou da encarnação, da vida, da morte e da ressurreição do Filho de Deus. Portanto, quando passo a encarar esta questão sobre qual foi esta obra, devo certificar-me de que a minha resposta a defina de um modo que faça da encarnação uma necessidade absoluta, da morte e da cruz uma necessidade absoluta, e da ressurreição uma necessidade absoluta. Logo, o ensino

concernente ao amor, ao caráter e à paternidade de Deus tem que tornar inevitável o fato destas grandes verdades.

Mas a mesma coisa é verdade quanto ao nosso ensino sobre a Sua morte na cruz; devemos definir de tal modo a obra e todos estes eventos que façamos deles necessidades absolutas. E o jeito de abordá-los é entender que o problema era como Deus e o homem poderiam ser reconciliados. Não era apenas que o homem conhecesse certas coisas sobre Deus. Era preciso fazer alguma coisa para introduzi-los num companheirismo e numa comunhão um com o outro. Se lembrarmos que *esse* é o pensamento determinante, penso que começaremos a ver exatamente qual foi a obra que o Senhor foi enviado para realizar. Ele é Aquele que foi enviado a fim de levá-la a efeito; Ele é Aquele que veio como o Messias; Ele veio buscar e salvar, veio para ser o Mediador entre Deus e o homem.

"A obra", é noutras palavras, que Ele foi designado para ser o representante do homem. No princípio o homem tinha um representante chamado Adão. Ele era a inteira raça humana em si mesmo e atuava como seu representante, de modo que quando ele pecou, todos nós pecamos. Qual será a resposta para isso? É que necessitamos de alguém que nos represente junto a Deus, alguém que seja o único que nos possa levantar outra vez, alguém que possa libertar-nos, e apresentar-nos a Deus e colocar-nos junto de Deus. A tarefa é isso, e nada menos que isso. O que era necessário era um representante da humanidade, ou, para fazer uso da frase de Hebreus, capítulo 2, necessitamos do "príncipe da salvação", de um líder, de alguém que possa falar por nós. Um novo originador de uma nova raça, correspondendo a Adão, era essencial, e foi para fazer isso que o Filho de Deus veio a este mundo, e a tarefa especial que Lhe foi dada envolvia isso.

Claro está que, antes de tudo, esta obra envolvia a encarnação. Uma nova humanidade é necessária, um novo

homem, se vocês o preferirem, que possa postar-se diante de Deus em nosso favor, e o Filho de Deus veio ao mundo para dar início a esta nova humanidade. É por isso que Ele veio, é por isso que o nascimento virginal ocorreu, e é por isso que vocês têm o mistério e a maravilha do Deus-homem – duas naturezas numa só pessoa. É por isso que, como diz Hebreus, capítulo 2, Ele tomou a descendência de Abraão. Ele introduziu a humanidade em Sua deidade: esse é o sentido geral da encarnação, foi precisamente o que aconteceu em Belém. Portanto, o ponto que estou salientando é que a Sua tarefa não consistiu apenas em nos falar sobre Deus e sobre o Seu amor. Ele poderia tê-la realizado na forma de teofania – poderia ter feito uma daquelas aparições à humanidade e ter-lhe dado certas revelações sobre Deus e Seu amor. Mas isso não é suficiente: é preciso que Ele represente o homem, e Ele Se tornou homem; daí a encarnação. Antes de poder representar-nos como Sumo Sacerdote, precisa fazer-Se um de nós, e por isso assume a natureza humana.

Todavia a Sua obra significa mais que isso, pois, tendo nascido como homem, na semelhança da carne pecaminosa, Ele foi até João Batista e lhe pediu que O batizasse. João recuou, tomado de espanto e disse: "Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?"

Não, disse Cristo, "Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça".

Que foi que aconteceu ali, naquele batismo? Esse é também um dos passos essenciais desta grande obra que Ele veio realizar. Nascer como homem não era suficiente, só em si; Ele teve que fazer isso também. Ele era absolutamente isento de pecado; por que teve, então, que ser batizado? Ele foi batizado porque Se identificou conosco em nosso pecado. Ele estava tomando a responsabilidade por nós e por nossos pecados, e estava tomando sobre Si

a nossa pecaminosidade.

Ou vocês podem examinar isto de outra maneira: foi em Seu batismo que o Espírito Santo veio sobre Ele na forma de uma pomba, o que significa que não somente Lhe estava sendo dada força, Ele estava sendo ungido para a realização da Sua tarefa. Ele estava sendo consagrado de maneira especial como o Messias, o Ungido, que veio para libertar o povo para o qual Ele tinha vindo. Portanto, Ele teve a Sua ordenação, o óleo do Espírito foi derramado sobre Ele, e Ele foi anunciado como o Messias. Por isso o batismo era essencial; fazia parte da obra que Ele veio realizar, a qual não era apenas assumir a nossa natureza, porém também identificar-Se conosco no pecado.

Podemos então continuar a observá-lO e ver Sua vida de obediência perfeita e imaculada. Digamo-lo mais uma vez, Ele não viveu uma vida perfeita simplesmente para mostrar que era o Filho de Deus. Não, precisava ocorrer uma coisa muito mais profunda e muito mais vital para mim e para vocês. É que, vivendo essa vida de obediência à lei, Ele estava, não somente honrando a lei como nosso cabeça e representante, e sim também como príncipe da nossa salvação, como o primogênito entre muitos irmãos. Ele estava honrando a lei por mim, por vocês e por todos quantos nEle crêem; Ele não estava somente obtendo justiça positiva para Si; estava obtendo-a para nós. Ele estava guardando a lei por nós, e isso fazia parte da obra que Ele veio realizar.

Não seria certo que muitíssimas vezes, quando lemos os Evangelhos, temos a tendência de admirar a Sua vida perfeita e dizer: "Sim, indubitavelmente, Ele é Deus como também homem", e então parar nisso? No entanto, devemos observá-lO sempre e vê-lO honrar a lei de Deus e cumpri-la perfeitamente, e devemos ver que Ele estava fazendo isso como meu representante – e também como o de vocês. Ele

o estava fazendo por nós: Ele veio para fazer isso, não meramente para ensinar sobre Deus e sobre o perdão e o amor de Deus. Ele tinha que honrar a lei de Deus antes de Deus poder perdoar-nos, e Ele o fez.

Não somente isso, porém; vemo-lO vencer satanás. Em Hebreus, capítulo 2, que é um grande comentário justamente sobre este versículo que estamos considerando juntos, nos é dito que Ele veio ao mundo para que "pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão" (Heb. 2:14,15). João, em sua Primeira Epístola, afirma que Jesus veio ao mundo para destruir as obras do diabo. Noutras palavras, a humanidade em pecado tinha ficado sujeita a satanás, e antes de podermos ser salvos, e antes de podermos ser verdadeiramente reconciliados com Deus, satanás tinha que ser derrotado. Tínhamos que ser emancipados e libertados do domínio de satanás, e transferidos para o reino de Deus, e só Cristo poderia fazer isso. Todos os que vieram antes dEle e que tentaram emancipar-se da escravidão de satanás tinham sido derrotados e dominados pelo diabo. O nosso Senhor tinha que fazer isso, e tinha que fazê-lo como homem, antes da nossa libertação poder acontecer – e Ele o fez.

E depois, naturalmente, Ele foi confrontado pela tarefa final, que era libertar-nos da culpa do pecado, e esse é todo o sentido de Sua morte na cruz. Ali eu O vejo deixando que o pecado seja punido em Seu corpo e entregando-Se como oferta pelo pecado, porquanto, sem o derramamento de sangue não há remissão do pecado (ver Heb. 9:22). Isso é verdade concernente a Deus. Deus, por ser o que é, não nos pode perdoar, a nós pecadores, sem o derramamento de sangue. Antes de Deus poder perdoar o pecado, este precisava ser punido, e, pela morte de Cristo na cruz, os meus pecados e os de vocês receberam o devido tratamento.

Eles foram punidos, sua culpa foi expiada – lá na cruz Ele foi feito pecado por nós: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Cor. 5:19). Então Cristo veio para fazer isto – esta obra de apresentar-Se como homem sem mácula nem ruga, e isso não poderia ser feito sem Sua vinda a este mundo e sem fazer tudo o que fez. E assim, por fazer isso, Ele venceu igualmente a morte. Ele extraiu o aguilhão da morte, porque "o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Cor. 15:56,57).

O que fiz foi meramente colocar estes títulos diante de vocês. Rogo-lhes que os considerem um por um, com calma. Foi essa a obra que Ele veio realizar. Ele veio com a finalidade de honrar perfeitamente a lei de Deus cumprindo-a, vivendo-a. Veio para satisfazê-la sofrendo a punição pronunciada por Deus contra o pecado, contra a culpa e contra o mal. Ele fez isso, e dessa forma a lei foi satisfeita. Sim, porém, como lhes fiz lembrar, precisamos ser libertados do poder do diabo, precisamos que a morte e o túmulo sejam vencidos, e Ele fez isso tudo. E, além de tudo isso, necessitamos de uma nova natureza, porque não necessitamos só do perdão de pecados, mas também temos que ser capacitados para termos comunhão e companheirismo com Deus. Precisamos ter uma natureza que possa subsistir à vista de Deus, pois "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas". E Cristo veio e Se deu a nós, deu-nos Sua própria natureza, a vida eterna da qual Ele fala nesta mesma oração que estamos considerando juntos.

Assim aqui, vendo isso tudo, Ele pode dizer: "Consumei a obra que me deste para fazer". Ele fez tudo o que era necessário para que o homem fosse reconciliado com Deus. Você se deu conta, meu amigo, de que esta obra foi consumada? Deu-se conta de que foi consumada em tudo quanto se refere a você? Você ainda pensa que tem que se fazer cristão

por sua própria conta? Perguntam-lhe se você é cristão, e você responde que espera ser, mas que precisa fazer isto e aquilo... Não! Cristo diz: "Consumei a obra que me deste para fazer". A obra foi realizada, e o que prova que somos cristãos ou não é o fato de que sabemos e compreendemos que a obra foi realizada, e que descansamos, e descansamos somente na obra do nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo, já consumada. Se vemos isso tudo nEle, e a obra realizada e completada nEle, significa que somos cristãos; se nalgum sentido estamos incertos ou em dúvida, ou se achamos que temos que fazer alguma coisa, nós mesmos, significa que não somos cristãos. O começo do cristianismo é a aceitação desta declaração: "Consumei a obra que me deste para fazer". O caminho pelo qual você pode conhecer Deus está amplamente aberto no Senhor Jesus Cristo e Sua obra perfeita em seu favor. Se você nunca entrou por esse caminho, entre agora, repouse na obra consumada do Senhor Jesus Cristo e comece a alegrar-se, imediatamente, em sua grande salvação.

8

É Chegada a Hora

"...é chegada a hora." – **João 17:1**

Desejo em particular agora examinar a frase, "é chegada a hora". Toda a minha argumentação é no sentido de que, se falharmos ou vacilarmos na vida cristã, quer no pensar quer no agir, se somos infelizes ou estamos derrotados, se de algum modo estamos deixando de funcionar neste mundo como cabe ao cristão e segundo o que é retratado tão claramente no Novo Testamento, significa que essa falha é devida, em última análise, ao fato de que a visão que temos da nossa posição como pessoas cristãs em Cristo Jesus é defeituosa, de um modo ou de outro.

Não há como questionar que o Novo Testamento tem a resposta para todos os problemas e dificuldades da vida cristã, e que o seu objetivo é levar-nos de volta à verdade mesma e dar-nos uma visão ainda mais clara da verdade. Portanto, o que estamos fazendo não é teórico. Não há nada mais fatal do que o tipo de dicotomia que algumas pessoas parecem ver entre a fé e a vida, a fé e a prática, pois estas coisas estão mescladas indissoluvelmente. As pessoas muito práticas, que se orgulham disso, as pessoas que dizem que não se interessam muito por doutrina, mas que acreditam em fazer coisas, são justamente as que, mais cedo ou mais tarde, acham-se em graves dificuldades.

Reconhecer só uma ou a outra é fatal – é preciso tomar as duas coisas juntas. Por isso passamos algum tempo examinando este plano de salvação como revelado aqui.

Agora, porém, devemos examinar esta frase: "Pai, é chegada a hora", porquanto a grande doutrina concernente a "esta hora" também é algo de vital importância para nós. Num sentido, a salvação em sua plenitude é vista ao observarmos o nosso Senhor quando Ele encara esta hora, e a real essência da verdade é salientada pela doutrina aqui delineada. Como Ele assinala tantas vezes, Ele veio do céu e fez tudo o que estivemos considerando com o fim de chegar a esta hora, pois esta hora era essencial para a completitude da obra que o Pai Lhe tinha dado para fazer. Não pode haver dúvida de que esta hora constitui ao mesmo tempo o foco central e o clímax de tudo quanto o nosso Senhor veio fazer. É o ponto crucial e culminante de toda aquela extraordinária obra que estivemos examinando em termos gerais.

Parece-me que a melhor maneira de abordar o ensino e a doutrina concernente a "esta hora" é que nos lembremos de algumas das declarações que o nosso Senhor fez a respeito dela. Por exemplo, lemos que, por ocasião do casamento celebrado em Caná da Galiléia, quando Sua mãe Lhe pediu que fizesse alguma coisa quanto à falta de vinho, Ele voltou-Se para ela e disse: "Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora" (João 2:4). Ele já está falando disso. Outra vez Ele teve que dizer a mesma coisa a Seus irmãos que O censuraram por não ir à festa de Jerusalém. Disse Ele: "Ainda não é chegado meu tempo" (João 7:6), e essa frase tem um significado especial quanto ao assunto em foco. Depois, noutra ocasião nos é dito que os Seus inimigos procuraram prendê-lO, "mas ninguém lançou mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora" (João 7:30). Mais adiante lemos também que "ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora" (João 8:20).

Vejam depois a declaração registrada em João 12:23: "E Jesus lhes respondeu, dizendo: é chegada a hora em que o Filho do homem há de ser glorificado". E logo a seguir ouçam-nO dizer: "Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora". Depois, no capítulo treze, consta a referência à mesma coisa: "Sabendo Jesus que já era chegada a sua hora...", e de novo, mais adiante, Ele diz: "Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos cada um para sua parte, e me deixareis só" (João 16:32). Temos então a declaração aqui: "Pai, é chegada a hora", e há ainda outra declaração muito interessante e importante em Lucas 22:53, onde lemos que Ele Se dirigiu às autoridades que estavam contra Ele e que O odiavam, e disse: "...mas esta é a vossa hora e o poder das trevas".

Ora, para interpretar direito este versículo de João, capítulo 17, devemos ter tudo isso em mente e, fazendo isso, penso que há algumas coisas que se pode dizer com toda a clareza. A primeira é que essa "hora" é obviamente uma hora predeterminada. Por certo vocês notaram que todas aquelas declarações a respeito disso têm algo muito especial e definido para dizer. Quando Ele diz: "Ainda não é chegado o meu tempo", com efeito lhes está dizendo: "Ainda não chegou o meu tempo; o tempo de vocês sempre está pronto. Mas há um tempo especial no que se refere a mim. Vocês querem que eu vá declarar-me; não, vocês não entendem; o tempo para isso ainda não chegou". Noutras palavras, vocês vêem o nosso Senhor sempre esperando esta hora. O fato é que este tema, a expectação, percorre todas as Escrituras.

Todo este problema do tempo é particularmente importante e fascinante; alguns diriam que em muitos aspectos é o ponto mais grandioso e mais importante de toda a teologia, e a questão de como relacionar o tempo, como o conhecemos, com a eternidade e com a intemporalidade

causa muita confusão. Pois bem, se você é filósofo, este pode ser um problema profundo; contudo, se tomarmos as Escrituras como elas são, penso que será relativamente simples e claro. Deus trouxe o tempo à existência, e, tendo feito isso, Ele determinou que certas coisas ocorressem num dado tempo. Não é que Deus esteja atado ao tempo, e sim que Ele ordenou que certas coisas acontecessem na esfera do tempo e, por conseguinte, constatamos no Velho Testamento e no Novo que Deus determinou minutos.

Vejamos o Dilúvio como ilustração. Deus dissera: "Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem" (Gên. 6:3). Ele tinha focalizado um determinado ponto; Ele pôde chamar Noé para começar a construir a arca 120 anos antes do início do Dilúvio. Ele sabia quando o mesmo viria – todas estas coisas estão claras e abertas aos olhos de Deus. E foi assim que, "vindo a plenitude dos tempos" – quando chegou a hora – "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei" (Gál. 4:4,5).

Certamente este é um pensamento que nos liberta desde logo da maior parte da escravidão na vida que sofremos neste mundo. Vocês vêem a vida atual, a história e todo o curso do mundo, e, se vocês examinarem isso tudo apenas com olhos humanos, acharão difícil ver algum sentido nisso. Mas no momento em que começamos a examiná-lo à luz desta doutrina de "a hora", conquanto não possamos entendê-la plenamente, em todos os seus detalhes, de imediato podemos certificar-nos de que o Senhor ainda reina e que a vida neste mundo não está sem rédeas. Quando lemos esta história bíblica e vemos os conflitos das nações, com as pessoas postadas em oposição contra Deus, e tudo aparentemente fora de controle, vemos que num dado ponto Deus de fato redime o mundo, apesar do homem. Quando chega o tempo de Deus, Ele entra em ação, e o mundo todo tem que se conformar novamente ao Seu plano e ao Seu propósito.

Portanto, a grande consolação para nós é que, embora vejamos a Igreja Cristã e o cristianismo ridicularizados e aparentemente valendo tão pouco neste mundo moderno; e embora vejamos na superfície que o inimigo que se opõe à Igreja triunfante o tempo todo, e que o povo de Deus se debilita, não obstante sabemos com certeza, fora de toda e qualquer dúvida, que a mão de Deus ainda está sobre a situação, e que num instante Ele pode levantar-Se e confundir todos os Seus inimigos. "Aquele que habita nos céus se rirá" (Sal. 2:4), quando vê estes pigmeus se exaltando, pois sabe que com uma só palavra pode destruí-los, e que eles perecerão e desaparecerão da vista.

Contudo, em particular, quanto ao nosso propósito, ao considerarmos o plano de salvação, o importante é que, de todas as coisas que Lhe aconteçam, nada toma o Senhor de surpresa. Pensar que O toma tem sido o conceito fatal sobre o nosso Senhor, Sua Pessoa e Sua obra, desde o advento do movimento da alta crítica, assim chamado. Seus propagadores apresentam o nosso Senhor como mestre humano, que tinha o Seu plano de ensinar Seu povo, Sua própria nação, convertê-lo ao Seu ponto de vista e depois enviá-lo a propagar este ensino maravilhoso. Mas, repentinamente, dizem-nos essas pessoas, após três anos toda a coisa desabou. Ele nunca havia antecipado essa rejeição, dizem elas, e nunca havia imaginado que Seu povo tinha em seu coração fazer tal coisa. Esse é o quadro pintado, e a nós resta um sentimento de grande tristeza por este "pálido Galileu", este mestre incomparável, nascido antes do Seu tempo, com o Seu idealismo exaltado, etc., e que viu tudo isso reduzido a nada, ficou com o coração partido ante o fracasso total, e de coração partido morreu na cruz.

Que caricatura deste glorioso evangelho! Meu amigo, Ele veio do céu, pôs de lado a Sua glória, como estivemos considerando anteriormente, com o fim de vir para "esta

hora". Ele sabia disso desde o princípio. Ele veio para morrer, especificamente para morrer. Já vimos que sem essa morte na cruz Ele não pode me salvar; que sem a morte na cruz, digo-o de novo, com reverência, nem mesmo Deus pode perdoar o homem. A cruz é absolutamente essencial, foi planejada antes do mundo haver sido criado. Portanto, a hora que produziu a cruz é o ponto central, fundamental, da história, e Deus sempre soube disso, o Senhor veio para essa hora. Por conseguinte, jamais devemos pensar que esta hora O tomou de surpresa; foi uma hora designada e determinada, foi a crise do próprio mundo.

Passemos, porém, ao segundo ponto, que esta hora é a hora crucial da história. Não há como questionar isso. Essa foi a hora mais momentosa desde o princípio do mundo, é na verdade a linha divisória que determina tudo – é o maior evento, sim – permitam-me usar de novo a expressão – é o evento culminante, o auge de tudo quanto aconteceu neste mundo. Tudo leva a essa hora, tudo culmina nessa hora e dessa hora vem. Essa é a hora esperada por toda a profecia, e para a qual toda a Igreja, e sua doutrina, e sua história, olham retrospectivamente. É o ponto central, focal, que determina e controla tudo. Era desse ponto que tudo o que Deus planejou dependia, e, se houvesse falha nesse ponto, tudo fracassaria. Daí a oração do nosso Senhor a Seu Pai: "é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti".

Se o Filho falhasse nesse ponto particular, todas as outras coisas seriam inúteis. Seu ensino seria sem nenhum valor porque, ainda que tentássemos vivê-lo e praticá-lo, ainda assim nos faltariam a força e o poder. Ele nos daria uma lei mais impossível ainda do que a que foi dada por meio de Moisés, e com isso Ele nos condenaria e nos deixaria sob uma condenação maior ainda. Essa é, de todas, a hora mais vital, pois, torno a dizê-lo, se Ele não pudesse levar sobre

Si a punição dos nossos pecados, não poderia salvar-nos. Mas, tendo sofrido a punição, Ele *de fato* nos salva, e foi isso que aconteceu naquela hora que realmente tem, dentro dela, a inteireza da nossa salvação.

Há pessoas que às vezes pregam um evangelho sem isso. Vocês perguntam o que é o evangelho e eles respondem que o evangelho é o Senhor Jesus Cristo, de um modo ou de outro, dar nova vida aos homens, levantar os homens do seu fracasso e dar-lhes vida nova. E às vezes apresentam isso sem mencionar a cruz. Mas, meus amigos, antes de eu e vocês necessitarmos de uma nova vida, necessitamos de perdão. Alguma coisa tem que ser feita acerca do passado antes de encararmos o futuro. Você não pode decidir de repente que vai viver uma vida melhor, você tem que lidar com o problema do seu passado e do seu pecado. Essa é a hora que lida com isso, pois não há nenhuma regeneração, nenhuma vida nova, a não ser para aqueles que são perdoados e justificados aos olhos de Deus. Esta é, então, a hora crucial.

Todavia, eu devo dizer algo sobre o que eu denominaria o drama da hora. Há uma espécie de mistério acerca desta hora. É muito interessante, quando lemos os Evangelhos, fixar os nossos olhos nas referências a ela. Estivemos observando o nosso Senhor vir chegando a esta hora, mas Ele não é o único que está se preparando para ela. As forças do outro lado também estão interessadas nesta mesma hora, e vocês podem observar o plano que se desenvolve do lado delas, bem como do lado dEle. É aí que entra a declaração que se lê em Lucas, capítulo 22 – "esta é a vossa hora". Vocês não podem ler a narrativa das experiências do nosso Senhor sem verem esta tremenda luta, e estou dando ênfase a isso aqui porque para mim nada é tão triste como a incapacidade de muitos de se aperceberem do conflito que lavra neste mundo. Nós estamos prontos a lutar contra algumas

tendências más, porém acima e além da luta contra o pecado que há dentro de nós há esta luta cósmica contra o pecado.

Há um sentido em que a Bíblia não é nada mais nada menos que um drama no qual vocês vêem retratado o extraordinário conflito entre Deus e os poderes do inferno. O cenário de fundo é algo que aconteceu antes de começar a história humana – a grande questão do diabo e da origem do diabo e do mal. Não sabemos tudo sobre isso – não aprouve a Deus revelar tudo – porém revelou bastante, revelou que completamente à parte da nossa história houve uma espécie de queda cósmica. Como temos visto, um dos maiores seres angélicos de Deus rebelou-se contra Ele. É o diabo, chamado satanás, e o seu único objetivo é derrotar Deus. E o que é desvendado neste grande drama da Bíblia é a tentativa do diabo de destruir as obras de Deus, e destruir Deus. Deus fez o Seu mundo perfeito – Paraíso – mas o diabo entrou e deu início à luta. Persuadiu o homem de que fora feita uma injustiça contra ele, contra toda a humanidade e contra todo o universo.

E a luta continua. Leiam a Bíblia com isso em vista e descobrirão que ela é um livro completamente diferente; constatarão o fracasso do povo de Deus, inteiramente separado dos demais, e tudo porque o diabo procurou instigá-lo contra Deus. Vocês vêem isso até quando o Filho de Deusa vem a este mundo. O diabo tentou destruí-lO logo no início, no momento em que Ele nasceu. Ele se apossou do rei Herodes e o persuadiu a procurar destruir esta Criança, este Messias, o Salvador. Fixem os olhos na malignidade dos escribas e fariseus, e nos doutores da lei e no ódio violento que eles manifestaram porque viram nEle o representante de Deus. Lembrem-se de que o diabo falou explicitamente do ponto em foco certa ocasião, quando disse: "Bem sei quem és: o santo de Deus" (Luc. 4:34). Todos eles sabiam que

lutavam por suas próprias vidas. O diabo O tentou no deserto; o diabo estava lutando por sua vida, e todas as suas forças estavam sendo dirigidas para este último conflito, quando as forças de ambos os lados se encontraram. E o conflito acontece nesta hora tremenda, quando o Filho de Deus vai dar Sua vida como resgate por muitos. Portanto, precisamos estudar esta hora destes dois ângulos.

Que será, então, que o nosso Senhor quer dizer exatamente quando diz no Jardim do Getsêmani: "Esta é a vossa hora e o poder das trevas"? Parece-me que a única explicação possível deve ser que esta hora nunca teria ocorrido se não fosse o poder das trevas. Que é que torna necessária e essencial esta hora, com tudo o que a envolve? É de novo o problema do pecado e do mal, o problema de satanás e do inferno. É a espécie de hora que o diabo tem encenado e trouxe à existência, pois, num sentido, ele a tem manipulado, embora num sentido mais alto não tem feito isso. Penso que é desta maneira que a devemos examinar – é a obra do diabo que torna essencial a hora, do ponto de vista de Deus; é por causa do que satanás produziu pelo pecado e pelo mal que Deus tem que fazer isso para sobrepujá-lo.

Portanto, esta hora é deles, e é aí que realmente vemos a essência do mal e do pecado. É uma coisa tão terrível que nada menos que isto pode lidar com tal problema. Não é questão do amor e do perdão de Deus, é o mal que precisa receber tratamento desta maneira radical. O diabo produziu uma situação tal que somente esta hora pode lidar com ela.

Assim, esta hora pode ser descrita como a "hora deles" e, ao mesmo tempo, a hora da glorificação do Filho, e é por isso que Ele roga ao Pai que O glorifique. É passando por esta hora produzida por satanás e pelo inferno que o nosso Senhor é realmente glorificado. É aí que ficamos sabendo

com certeza que Ele é o Filho de Deus. Ninguém jamais enfrentara antes satanás e o derrotara, ninguém pudera destruir o poder que satanás tinha sobre a morte – é desse modo que o autor da Epístola aos Hebreus o expressa: "Para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte" (2:14), e dessa forma Ele põe em liberdade os filhos, e Cristo o fez por intermédio disto, Sua glorificação. Em Sua morte e ressurreição está a prova de que Ele é o Filho de Deus.

Vamos porém, se pudermos, tentar por um momento, com reverência, examinar isto desta maneira: que é que esta obra significa para a própria Pessoa do nosso Senhor? Bem, Ele nos deu uma indicação. Considerem a declaração que se lê em João 12.27: "Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora?" – então Ele mesmo responde e diz – "mas para isto vim (para) esta hora". Aí está, penso eu, a abordagem certa para qualquer consideração do que esta hora significou para Ele. Ele sabia que a hora estava chegando, soubera disso o tempo todo, e agora, aqui, Ele a estava encarando de fato. Todavia, apesar de Sua alma estar perturbada, não pediu a Deus, Seu Pai, que o salvasse desta hora. Não, isso era impossível, Ele não podia fazer isso, pois "esta hora" era a Sua razão para vir ao mundo.

"Bem", alguém dirá, "se Ele sempre sabia desta hora, se teve que vir do céu para chegar a esta hora, se sabia com certeza, como sabia, que depois dessa hora Ele ia ressurgir do túmulo e ia para a glória" – na verdade, o tempo todo o nosso Senhor falou com os Seus discípulos sobre a aproximação da Sua morte, e sempre falava sobre a ressurreição. Ele sabia que ia ressuscitar e que ia para a glória. O autor da Epístola aos Hebreus nos lembra isso quando diz: "o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz – "então", o inquiridor continua, "se tudo isso é verdade, por

que Ele diz, "agora a minha alma está perturbada"? Como podia saber da glória que viria e da vitória da ressurreição? Como podia saber que tinha vindo para esta hora culminante que ia tornar possível a salvação e contudo dizer: "Agora a minha alma está perturbada", e, "Pai, salva-me desta hora"? Qual foi a causa da Sua perturbação?

Há aqueles que pensam que este problema é muito simples. Eles dizem que não houve nada senão o Seu abatimento físico em face da morte; Ele sabia da glória da ressurreição, porém a idéia do sofrimento físico O perturbou e Ele Se retraiu diante dela como homem. Em Seu corpo, em Sua carne, Ele Se retraiu ao pensar nessa dissolução física. Mas para mim só pensar nisso já é ultrajante. Não somente é ultrajante para o nosso Senhor como homem, é uma trágica incapacidade de entender o que aconteceu ali. Não, não é essa a explicação, pois, se vocês a aceitarem, farão do nosso Senhor uma pessoa menor que a dos mártires. Os mártires enfrentaram a morte sem medo porque criam no evangelho da ressurreição. Seu conhecimento desse evangelho não era nada, em contraste com o conhecimento do nosso Senhor, porém era o bastante para habilitá-los a ir ousadamente para a fogueira ou para a estaca sem temor nem tremor. E, portanto, essa suposição torna o nosso Senhor menor que os Seus seguidores e inferior a alguns dos Seus mártires. Não, essa explicação é impossível. É uma trágica cegueira que nos leva a tentar conceber estas coisas sob o ponto de vista do raciocínio humano, em vez de em termos da doutrina bíblica.

De que Se retrai Ele então? Que terá perturbado a Sua alma santa e justa? Foi o fato de que Ele sabia o que ia acontecer naquela hora. Sabia que a ira plena e total de Deus contra o pecado haveria de manifestar-se e de derramar-se contra Ele – *isso* O levou a ficar abatido. Se o sofrimento físico não impõe terrores ao homem corajoso, que pode

nem ser cristão, menos ainda ao santo ou ao mártir cristão, e para o Filho de Deus, é absolutamente nada. Havia somente uma coisa que faria o Filho de Deus retrair-Se, e essa era ser separado da presença de Seu Pai; Ele Se retrairia diante de qualquer coisa que pudesse estorvar esse amor que tinha existido entre Eles desde a eternidade. A única coisa que faria o Filho de Deus retrair-Se seria olhar para o rosto de Seu Pai e ver ali a ira santa de Deus contra o pecado, e Ele sabia que era isso que teria que experimentar nessa hora. Sua alma viria a ser uma oferta pelo pecado, Ele próprio seria feito pecado, de modo que nessa hora Deus iria olhar para Ele e não iria ver o Filho em quem Se comprazia, mas sim esta coisa horrível, torpe, feia.

E é por isso que o Filho praticamente diz: "Agora a Minha alma está perturbada – que direi? Vou pedir-Lhe que Me salve desta hora? Não, porque, se Eu fizer isso, não salvarei o homem de toda a ira de Deus que será derramada sobre Mim. Eu vim para essa hora, esse é o propósito da Minha vinda a este mundo. Deus não pode ser justo e justificador dos ímpios, a não ser que Eu a leve sobre mim". "Essa hora" – Sua hora – que hora!

Portanto, a única coisa que O levou a falar como falou foi seu certo e claro conhecimento do que estava envolvido nesse momento único, por assim dizer, e foi isso que partiu o Seu coração. Foi o que O matou. Num sentido, o nosso Senhor não morreu de crucificação, e sim porque a ira de Deus contra o pecado foi derramada sobre Ele. É-nos dito que quando os soldados vieram, ficaram espantados ao verem que Ele já estava morto. A crucificação era um lento processo de morte, o homem crucificado levava muito tempo para morrer, porém aqui estava um que morreu rapidamente, e eles se espantaram. E a causa disso foi um coração partido. Portanto, foi por isso que Sua alma se perturbou. Foi a idéia de perder a visão do semblante de

Seu Pai, o que O levou a bradar na cruz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Ele realmente viu pecado, foi feito pecado, e toda a santa ira de Deus contra o pecado foi derramada sobre Ele. Ele suportou isso tudo, e foi isso que a hora significou para Ele.

No entanto, eu desejo dizer uma palavra final sobre os resultados da hora, os quais são expostos com muita clareza por Jesus em João 12:31. Que hora é esta! Vocês não começam a ver que essa é a hora mais momentosa de todos os tempos? Falamos sobre aqueles pontos importantes da história, mas eles todos não são nada quando vemos isto. "Agora é o juízo deste mundo" – o mundo todo, no sentido de que é a hora na qual o mundo foi realmente revelado pelo que é. Foi ali que o pecado foi revelado. Ali, exposto clara e francamente uma vez por todas, está o estado geral da humanidade afastada de Deus. Não sei se compreendemos isto como deveríamos, o pecado é algo tão satânico e tão torpe que levou a essa hora terrível. Por conseguinte, na próxima vez que o diabo tentar você, lembre-se de que não estará meramente fazendo algo que não deveria fazer. Não, você vai estar se colocando na esfera do pecado, em oposição a Deus. Mas a cruz não somente revela o pecado pelo que ele é, porém, ao mesmo tempo, pronuncia condenação sobre todo o mundo e sobre tudo quanto pertence a essa esfera. A cruz de Jesus Cristo faz esta grande proclamação. Se eu não crer nEle, se eu não crer que a Sua morte nessa hora é a única coisa que me reconcilia com Deus, permanecerei sob a ira de Deus. Se eu não vir que na cruz o Filho de Deus sofreu a ira de Deus contra o meu pecado, a alternativa será que eu terei que experimentar perpetuamente a ira de Deus: essa é a essência do evangelho cristão. Ou eu creio que os meus pecados foram punidos no corpo do Filho de Deus, ou então eles serão punidos em mim. Esse é o juízo do mundo.

Sem Cristo, o mundo está sob a ira de Deus, está sentenciado, está condenado, e somente Ele pode salvá-lo dessa maneira. Não havia outra maneira, pois Deus nunca teria permitido que Seu Filho sofresse tudo isso, se houvesse outra maneira. Esse é o único meio, e assim esse é o juízo do mundo. E nós, todos nós, ou cremos que o Senhor Jesus Cristo nos salvou nessa hora, ou então permanecemos em nossos pecados, pertencemos ao mundo que vai ser condenado e julgado final e definitivamente. Diz-nos o evangelho que Ele voltará, e que desta vez voltará para julgar. A questão com a qual todo o mundo vai se defrontar é: você pertence a Ele ou não? Os livros serão abertos; os nomes dos que crêem em Cristo estão no livro, no livro do Cordeiro de Deus, e, se você está em Seu livro, você está salvo. Mas o mundo será condenado, destruído e lançado no lago de fogo – o juízo deste mundo. Mas o juízo foi pronunciado na cruz. Embora a *natureza* (do juízo) tenha sido posposta e ainda esteja sendo posposta, o juízo foi pronunciado, de modo que todo aquele que morrer sem crer no Senhor Jesus Cristo pertence ao mundo, e esse já teve juízo pronunciado sobre ele.

Semelhantemente, o príncipe deste mundo será lançado fora. O diabo já foi derrotado, pois Cristo o derrotou na cruz. O diabo esteve operando por esta hora, e quando o Senhor morreu, ele pensou que afinal O tinha derrotado, mas não se apercebeu da verdade da ressurreição. Cristo ressuscitou, e com isso destruiu os principados e as potestades, e triunfou sobre eles por Sua cruz, a qual eles acharam ser a sua obra prima. Justamente a morte que eles pensavam ser a Sua derrota veio a ser a maior de todas as vitórias, e por ela eles estão condena-dos definitivamente. O diabo ainda está muito ativo neste mundo, porém já está derrotado. Num sentido, ele já foi lançado fora, e não tem nenhuma autoridade. O povo de Cristo, todos os que pertencem a

Cristo, todos os que o Pai Lhe deu, vão ser atraídos para Ele. O diabo já está derrotado e vai ser lançado no lago de fogo, e sofrerá destruição eterna.

Que hora! Oh, que o Espírito Santo abra os nossos olhos para vermos e conhecermos algo destas coisas! Estamos falando sobre eventos históricos, essa hora pertence ao tempo, pertence à história. Não é uma idéia, não é uma teoria maravilhosa tecida pela imaginação dos homens. Estas coisas aconteceram literalmente, e assim fico eu com o fato de que o Filho de Deus esteve neste mundo, e passou por essa hora por meus pecados. Eu creio nisso, sei que foi essa hora que me salvou da destruição eterna, mas, se eu não cresse, eu estaria condenado. O nosso Senhor disse, novamente em João, capítulo 12: "Eu vim, não para julgar o mundo... a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia" (João 12:47,48). Embora não tenha vindo para julgar, está contudo emitindo o Seu julgamento. Nós não podemos escapar, o diabo é julgado por essa hora, o mundo é julgado por essa hora.

Oh, permita Deus que vejamos o pecado pelo que ele é! Não podemos ficar indiferentes quanto a estas coisas, pois, se crermos nelas, o nosso modo de viver vai ser determinado. Se eu creio nisso tudo, como posso permanecer indiferente face ao pecado? Não, Aquele que fez isto por mim merece a minha vida, a minha alma, tudo o que sou e tenho. Ele deve ser o meu Senhor e o meu Mestre. Digo de novo que o fracasso na vida cristã é o fracasso de não ver realmente o sentido dessa hora, de não ver o sentido do pecado, o fracasso de não compreender o que Ele sofreu por você, o fracasso de não se dar conta das conseqüências de não crer nEle. Queira Deus dar-nos graça, pois, para meditarmos nessa hora, nessa hora aterradora, crucial, culminante, na qual a essência da nossa salvação foi efetuada e concluída pelo Filho de Deus em Seu terrível sofrimento e agonia na cruz.

9

"Para que Dê a Vida Eterna a Todos quantos Lhe Deste"

"Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste." – João 17:2

Penso eu que ninguém que leia o Novo Testamento pode deixar de ver que ele é o documento mais lírico que existe. A nota grandiosa que percorre todo ele, a despeito das coisas trágicas que lhe cabe registrar, é a nota de vitória e de alegria. Vocês vêem isso nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos, e também nas Epístolas. O nosso Senhor mesmo, à sombra da cruz, passou boa parte do Seu tempo mostrando aos Seus seguidores que, apesar das coisas que estão para acontecer-Lhe, eles podem, não obstante, estar cheios de regozijo. Ele tem uma alegria para dar-lhes, Ele lhes diz, uma alegria que homem nenhum pode tirar deles. Temporariamente eles ficarão prostrados por causa da Sua crucifixão, mas logo vão receber aquela alegria que o mundo não pode entender e nunca pode tirar, e certamente Atos dos Apóstolos é um dos livros mais eufóricos já escritos. A despeito de tudo, aqueles primeiros cristãos sobressaíam, dominando o mundo, cheios de gozo e de regozijo, e o grande apelo que há em todas as Epístolas em que aqueles cristãos a quem elas foram escritas era que deveriam regozijar-se. Essa é a grande nota característica do Novo Testamento, e a mesma coisa tem sido verdade com relação aos grandes hinos da Igreja através dos séculos.

Filhos do celeste Rei,
Cantai docemente enquanto andais,

diz John Cennick, e quando estes homens contemplavam a sua salvação em todos os séculos e em todos os países, contemplá-la sempre os levava a "encantamento, amor e louvor". A nota de louvor é dominante e característica, e, portanto, é isso que nós, que nos dizemos cristãos, devemos experimentar. Cristão em petição de miséria é uma contradição em seus próprios termos. O cristão é alguém destinado a regozijar-se, cheio de louvor e de adoração ao contemplar esta grande salvação. Além disso, ele se regozija apesar das circunstâncias, pois, graças a Deus, o evangelho de Jesus Cristo não somente se oferece para fazer-nos felizes quando tudo nos vai bem; seu grande objetivo é que sejamos capazes de regozijar-nos até nas tribulações e nas piores circunstâncias. Esse é o plano do evangelho, e é isso que todos nós deveríamos estar experimentando. Todavia, se formos honestos e francos, penso que muitos de nós teríamos que admitir que não é essa a nossa condição, e nestes estudos estou sugerindo que a real explicação disso é a nossa incapacidade de captar e de compreender a grandiosidade desta salvação cristã.

Pois bem, até aqui nos concentramos nisto pelo lado de Deus, e tentamos ver a salvação como concebida na mente do Deus eterno, planejada antes da fundação do mundo, e a obra dividida entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. E lhes digo de novo que se, como resultado de tudo quanto foi feito, ainda não nos comovemos, ainda não ficamos admirados e pasmos, se ainda não achamos que esta é a coisa mais preciosa e mais maravilhosa do mundo e que todas as outras coisas, em comparação com esta, empalidecem reduzindo-se à mais completa insignificância, então, como eu entendo o Novo Testamento, já é hora de nos examinarmos com muita seriedade, e verificarmos se afinal somos cristãos. Se um homem pode contemplar esta salvação, vendo-a do ponto

de vista de Deus, sem sentir sua grandeza, não entendo tal pessoa. Seguramente, se virmos de fato estas coisas, ainda que opaca e vagamente, isso terá que revolucionar a nossa mente e haverá de ser o fator dominante em toda a nossa existência.

Mas agora devemos passar a outro aspecto do assunto. Entendo que há uma segunda explicação do nosso fracasso em não nos regozijarmos o quanto deveríamos como cristãos, e essa explicação é que falhamos em não captar realmente esta salvação pelo *nosso* lado; não somente pelo lado de Deus, mas também pelo nosso. Isso é por certo uma coisa que deveria encher-nos de um sentimento de espanto. Se lermos o Novo Testamento e considerarmos o que o evangelho de Jesus Cristo realmente nos oferece, e depois observarmos a nós mesmos bem como a nossa vida e a nossa experiência, seremos confrontados por este tremendo golfo. Prossigamos, pois, e façamos a pergunta óbvia: por que nos privamos de tais coisas desta maneira? Todas estas riquezas e estes bens nos são oferecidos; por que somos tão pobres?

Pois bem, sugiro a vocês que este é realmente o problema que nos confronta, a todos nós. Num sentido terreno, se nos fossem oferecidos muitos bens e grandes riquezas, não precisaríamos de nenhum incentivo para pegá-los e tomar posse deles. Mas aqui nos são oferecidas as maiores riquezas, a plenitude de Deus, os tesouros da graça e da sabedoria que Deus colocou para nós no Senhor Jesus Cristo, a plenitude de que fala o Novo Testamento, tudo disponível para nós, e, contudo, continuamos num estado de penúria e pobreza. E vivemos desanimados, sentimo-nos mal e confusos, em vez de nos aproveitarmos destas riquezas incomparáveis. Por que será? Essa é a grande questão. Por que os cristãos precisam destas palavras de ânimo e destas exortações?

E, em conformidade com a Bíblia, a resposta é que isso tudo é devido ao pecado. Temos um poderoso inimigo e adversário de nossas almas, um inimigo cujo objetivo

supremo é, não somente usurpar a glória de Deus, mas também privar o povo de Deus das coisas que Deus proveu para os Seus. E, naturalmente, quando ele nos priva das bênçãos, também está privando mais efetivamente Deus de Sua glória, porque, até onde interessa a este mundo, a maior glória de Deus é o Seu povo. Deus expressa o Seu louvor e a Sua glória, acima de tudo, em Seu povo, e assim, se os que pertencem a Deus se mostram lamentosos, hesitantes, infelizes e inseguros, Deus está sendo despojado de Sua glória. Por isso o diabo se concentra nisso. O ensino das Escrituras é que ele está sempre ocupado em tentar interpor-se entre nós e uma completa concretização do que Deus tencionou para nós no Senhor Jesus Cristo.

Ele luta, ele nos contraria, ele embota as nossas faculdades, ele nos dobra e nos põe por terra. Portanto, como a vejo, a grande função da pregação cristã não consiste apenas em advertir-nos destas coisas, mas também positivamente, em nos apresentar a grandeza da nossa salvação. Pois, se alguma vez a virmos pelo lado de Deus e pelo nosso, poderemos resistir ao diabo, e ele fugirá de nós. Poderemos resistir-lhe firme e completamente, resistir a todas as suas sugestões e a tudo o que ele tende a fazer-nos pessoalmente, no sentido físico. A maneira suprema de derrotar o diabo é realmente agarrar-nos a esta vida que nos é oferecida no evangelho do Novo Testamento, e é a isso que nos estamos referindo aqui.

De acordo com esta declaração do nosso Senhor aqui, em Sua oração ao Pai, um dos objetivos que Ele tinha em vista, ao fazer todas as coisas que estivemos examinando minuciosamente, era que eu e vocês tivéssemos a vida eterna. O plano elaborado na eternidade, a renúncia da glória, a encarnação, o nascimento em Belém, tudo o que Ele suportou durante trinta e três anos, toda a Sua pregação, todos os Seus milagres, Sua morte na cruz, Sua ressurreição,

a ascensão, o envio do Espírito Santo – um dos grandes objetivos para os quais tudo isso foi designado, era que eu e vocês tivéssemos a vida eterna. Aqui Ele está no fim, e ora ao Pai: "É chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste".

Que será, então, esta vida eterna da qual Ele fala? Quem quer que leia o Novo Testamento haverá de saber desde logo que esse é um dos temas centrais do próprio Novo Testamento, especialmente do Evangelho de João. É o tema que, acima de todos os demais, é salientado por João, não somente em seu Evangelho, mas também em suas Epístolas. Vejam este conhecido versículo, João 3:16: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" – por quê? – "para que todo aquele que nele crê não pereça" – essa é a declaração negativa, e aqui está a positiva – "mas tenha a vida eterna". É isso! Também lemos sobre o Senhor dizer: "Eu vim...". Por que Ele veio de Deus? Por que deixou as mansões celestiais? Por que se humilhou? Por que Ele foi feito na semelhança da carne pecaminosa? A resposta é: "para que tenham vida, e a tenham com abundância" (João 10:10). E em João, capítulo 6, vocês verão que Ele repete isso muitas vezes: é a grande ênfase.

Paulo também toca a mesma tecla quando diz: "O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor" (Rom. 6:23). Como vocês vêem, essa é, pois, a grande mensagem central do Novo Testamento. Paulo trata constantemente disso: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rom. 6:11). Portanto, certamente isso é algo que devemos examinar mais de perto, se bem que eu só posso introduzir o assunto, porque este é, como lhes mostrei, o grande tema central do Novo

Testamento, e, obviamente, ninguém pode sequer tentar tratar disso plenamente num só discurso. Vou mostrar-lhes algumas coisas que são estabelecidas aqui concernentes a essa questão, antes de passar a tentar defini-la em detalhe.

O primeiro princípio que desejo lançar é que a essência e o fim da salvação é que tenhamos a vida eterna. Que é o cristão? Que é o cristianismo? A definição dada pelo Novo Testamento é que o cristão é o homem que possui a vida eterna. Talvez a melhor maneira de salientar isso é considerar como é que temos um baixo conceito do cristianismo e da vida cristã. Qual é a concepção que a pessoa mediana faz do cristão e do que faz de uma pessoa um cristão?

Muitas respostas estranhas são dadas a essa pergunta. Alguns parecem pensar nisso em termos de países. Eles ainda falam sobre países cristãos e países não cristãos, como se um país inteiro pudesse ser cristão. Depois, outros pensam nisso em termos de a pessoa ter sido batizada na infância, ou mesmo quando adulta. Outros, em termos de ser membro de igreja, ou de alguma ação praticada, ou de alguma formalidade, de ter o nome registrado numa sociedade ou instituição, mostrando que é seu membro ou sócio – e então dizem que estas coisas fazem de você um cristão. Outros pensam que ser cristão é ter vida virtuosa, seguir a Cristo e Seu ensino e conseguir que outros façam o mesmo, imitando o Seu exemplo, emulando o exemplar perfeito que em Sua pessoa Ele proveu para nós. Estou subindo na escala, e esta última, penso eu, é a mais alta, a melhor definição de cristão a que pode chegar o homem por seu próprio entendimento desassistido.

Mas, de acordo com o Novo Testamento, tudo isso nem começa a formar um só cristão, e muitas vezes o mundo depressa detecta o vazio das pretensões cristãs de tais pessoas. Estive lendo sobre uma distinção que penso que era comum entre muitos chineses em anos passados. A todos os

estrangeiros eles chamavam cristãos, mas a outros eles chamavam "gente Jesus". O que eles queriam dizer era que todos os que iam do ocidente para a China eles consideravam cristãos porque procediam de países cristãos, assim chamados, e porque na maioria eles alegavam que eram cristãos. Mas os chineses viam que muitas vezes eles eram beberrões, imorais etc., e achavam que, se o cristianismo era isso, eles não o queriam. Entretanto depois viram que havia outros que iam dos mesmos países e que também se diziam cristãos. Estes, porém, levavam uma espécie de vida pura e santa, mostravam-se dispostos a ajudar as pessoas e eram completamente diferentes, e os chineses começaram a chamá-los "gente Jesus", porque eram parecidos com a pessoa do Senhor Jesus Cristo.

Pois bem, essa é a maneira de fazer a distinção, e por isso eu quero dar mais um passo e sugerir que ser cristão (e conhecer a real essência da salvação cristã) não é nem mesmo tão-somente crer no perdão dos pecados. As pessoas que estive descrevendo podem nem ter falado em perdão de pecados; não era esse o traço distintivo. Porque um homem falar sobre o perdão dos pecados no Senhor Jesus Cristo não significa necessariamente que ele é cristão, ou, de qualquer forma, sua definição de cristão é muito incompleta. A essência e o fim da salvação cristã se resumem na posse da vida eterna: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne" – Por quê? – para que os seus pecados fossem perdoados? Não – "para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". É isso que faz a diferença; jamais devemos ficar aquém disso.

Talvez seja importante que examinemos de relance a relação entre estas duas questões. Sinto que muitos se extraviam, e que muitas heresias se insinuaram na igreja neste ponto devido ao erro de não verem isso. Há de fato uma relação direta entre o perdão dos pecados e a vida eterna. Talvez o melhor modo de expressar isso é que nunca

devemos pensar na posse da vida eterna como algo em si e por si, como algo que é diretamente possível. Nunca devemos pensar na posse da vida eterna, a não ser que tenhamos considerado primeiro o perdão dos pecados. Sei de muitos hoje que dizem que não se interessam pelos termos justificação e santificação. Mas ignorá-los é um risco, porque o Novo Testamento nos ensina que a justificação e o perdão constituem um absoluto essencial antes de ser possível receber a vida eterna. Se você tentar esquecer que este amor de Deus veio primeiramente a modo de perdão e justificação, verá que está se entregando a um falso misticismo, e que está se iludindo e está fazendo uma coisa que muitas vezes tem levado as pessoas à maior aflição e infelicidade. Portanto, embora a salvação cristã não termine no perdão, começa nele; não existe atalho para a vida eterna, exceto via graça, arrependimento, justificação e aceitação aos olhos de Deus. A vida eterna não é a mesma coisa que a justificação; baseia-se nela. A justificação é a limpeza preliminar do terreno.

Permitam-me ilustrar isso. Tomemos qualquer dos edifícios que foram danificados durante a guerra. Lá estava ele, desmoronado, arruinado, pedaços das paredes de pé aqui e ali. Ora, antes de se poder edificar um novo prédio naquele sítio, as ruínas têm que ser removidas, os restos das paredes têm que ser demolidos, os escombros têm que ser retirados, e é preciso limpar bem o local. É exatamente assim na vida cristã, nesta experiência espiritual. Você não poderá possuir a vida eterna, a vida divina, enquanto as ruínas causadas pelo pecado não receberem o devido tratamento, e a única coisa que lhes pode dar o devido tratamento é a morte do Senhor Jesus Cristo na cruz. Precisamos ser reconciliados com Deus antes de podermos receber de Deus a vida. Temos que ser justificados do nosso pecado e da nossa culpa aos olhos de Deus, antes dEle nos dar esta bênção. É desta maneira que estabelecemos a relação entre ambas as bênçãos. Se você

começar pela busca da vida divina sem ter recebido o perdão, estará seguindo o falso caminho do misticismo. No entanto, por outro lado, você não deve parar na justificação; esta é a base sobre a qual nos é dado o direito de pedir a Deus esta vida divina, que é a essência do cristianismo. João Wesley, por exemplo, encontrou sua definição favorita do cristianismo no título de um livro escrito no século dezesseis por um escocês chamado Henry Scougal: *The life of God in the Soul of man* (A vida de Deus na alma do homem). É isso, a posse da vida de Deus na alma da pessoa. Isso constitui a essência e o propósito da salvação.

Mas devemos prosseguir e lançar uma segunda proposição, qual seja, que, por natureza, todos nós temos falta desta vida e estamos inteiramente sem ela. Notem como o nosso Senhor o diz aqui: "para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". A implicação óbvia dessas palavras é que, sem esta dádiva, todos nós estamos sem esta vida, e aqui de novo há algo que é absolutamente básico e vital para a posição geral do Novo Testamento. Podemos ver isto, por exemplo, em Efésios 2:1-3: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também".

Essa é e será a condição e a situação de toda a humanidade, enquanto não recebermos esta dádiva que nos vem do Senhor Jesus Cristo.

Ora, a questão que obviamente surge de imediato é esta: como foi que a humanidade chegou a essa condição? É importante que compreendamos que essa é a verdade a nosso respeito, pois, se não o compreendermos, estamos realmente mortos em ofensas e pecados, e o evangelho nada tem para

nos dizer, exceto convencer-nos desse fato. Daí, a pergunta é: como foi que o homem chegou a tal estado? E a resposta acha-se em Gênesis, capítulo 3 – um capítulo vitalmente importante e essencial. Vejo que atualmente há muitos cristãos que parecem pensar que você pode ser plenamente cristão e jogar fora os primeiros capítulos de Gênesis. "Não há necessidade de crer nisso tudo", dizem eles, "porque o conhecimento científico tornou impossível tudo isso."

Vejamos, porém, se essa posição é sustentável. Parece-me que toda a doutrina bíblica é mutuamente dependente, e que nunca veremos a verdadeira grandeza da salvação cristã, enquanto não virmos plenamente e não compreendermos a natureza do homem. Segundo as Escrituras, a dificuldade do homem, por natureza, não é que ele está incompleto, mas que está morto. Bem, o evolucionismo nos diz que o homem está apenas evoluindo do estágio animal; obviamente, ele ainda tem muito de irracional, mas está progredindo rumo à perfeição. O problema é que ele ainda não subiu o bastante. Mas, se isso fosse verdade, eu teria que eliminar uma grande porção da Bíblia, teria que evitar grande parte daquela fala sobre sermos "filhos da ira", pois a Bíblia me diz que eu não sou somente um ser incompleto e inadequado, mas sim que eu sou positivamente mau, que estou sob a ira de Deus, que estou sujeito à perdição devido a algo que é verdade a meu respeito. Esse é o sentido da ira de Deus. E esse ensino não é só de Paulo. O Senhor Jesus Cristo disse: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida; mas a ira de Deus sobre ele permanece" (João 3:36). Ninguém ensinou esta doutrina mais claramente do que o nosso Senhor, e por isso Ele disse: "Eu vim para que tenham vida".

Portanto, tudo isso pode ser explicado verdadeiramente em termos do que nos é dito em Gênesis. Deus criou o homem, e o criou perfeito, e então nos é dito que Ele soprou no

homem o fôlego da vida, e ele se tornou alma vivente. Assim foi que Deus soprou algo da Sua própria vida no homem, e nesse estado e condição o homem passou a ser uma alma vivente, gozando a vida de Deus e estando em correspondência com Ele. Mas Deus, lembrem-se, disse ao homem que, se ele quisesse manter essa vida, teria que ser obediente. Ele podia comer de todas as árvores do Jardim, exceto a particular árvore do conhecimento do bem e do mal. Todavia o homem desobedeceu, apesar de ter sido advertido por Deus do que aconteceria. Disse Deus: "Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gen. 2:17), e, lembrem-se, a morte não é somente física, significa, ainda mais, morte espiritual, cair e ser excluído da relação com Deus e da vinculação com Ele.

E a narrativa prossegue e nos diz o que aconteceu. O homem desobedeceu e, embora até então tivesse prazer em ouvir a voz de Deus no Jardim, no momento em que desobedeceu o elo foi rompido e a voz de Deus o atemorizava. Mas Deus não ficou nisso; expulsou o homem do Jardim e colocou querubins e uma espada flamejante para impedir o regresso do homem àquela vida perfeita. Entregue às suas próprias forças e ao seu próprio poder, o homem foi condenado à morte espiritual. Perdeu a voz de Deus e a posse da vida eterna. A partir daí, o homem é uma criatura sem conhecimento de Deus. Vive na ignorância e de fato passou a ser um inimigo de Deus. Como a Bíblia ensina, ele está morto para as coisas espirituais. Ele não gosta da oração, e não vê nenhuma utilidade nela; a doutrina é mera teoria para ele, em nenhum aspecto relevante para a sua vida; e, diz-nos a Bíblia, ele agora pertence a seu pai, o diabo, manifestando em sua natureza e em sua vida as características do diabo, sendo a pior de todas a inimizade contra Deus e o ódio a Ele.

Ora, a mim me parece que esta doutrina da Queda que

estive expondo a vocês é parte essencial da doutrina bíblica da salvação. O homem perdeu esta vida eterna, razão pela qual ele está sob a maldição e a ira de Deus, e tem necessidade de receber este dom da vida. Isso não é algo que eu deduzi das Escrituras; vocês o verão explicitamente em 1 Coríntios 15:22: "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo", e também o verão em Romanos, capítulo 5. Dou-lhes o meu parecer de que não poderemos compreender verdadeiramente a obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo – a obra à qual Ele Se refere aqui dizendo, "consumei a obra que me deste para fazer" – enquanto não entendermos esta doutrina da Queda. Não precisamos de nenhum conhecimento humano que nos diga que apenas temos que levantar-nos e elevar-nos a um ponto um pouco mais alto. Não! Precisamos ser libertados da ira de Deus. É em conseqüência da Queda que o homem está morto em ofensas e pecados; está espiritualmente morto, e é por isso que ele está nessas condições.

Permitam-me passar à minha próxima proposição, que é que a vida eterna é um dom de Deus. O nosso Senhor deixa isso claro com estas palavras: "para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste", e penso que isto decorre logicamente do que acabei de lhes dizer. Há realmente uma lógica perfeita e uma completitude una na doutrina escriturística, e se você tropeçar numa parte, a doutrina inteira vai estar envolvida. O homem, embora espiritualmente morto, decidiu viver a vida de Deus, porém ele próprio nunca pôde produzir ou gerar essa vida. É impossível, não lhe foi permitido fazê-lo – havia uma espada flamejante para lhe barrar o caminho de volta àquela vida da qual fora expulso. Não se pode fazer isso, nenhum homem jamais poderá tornar-se cristão, porquanto nenhum homem pode produzir dentro de si a vida cristã.

Não somente isso, produzir humanamente a vida cristã

é algo que jamais alcançaremos, é algo que jamais mereceremos. Não importa quão bom você seja, você nunca conquistará a vida eterna. Você pode ter passado a vida toda praticando boas obras, mas eu digo que você não tem mais direito à vida eterna do que o mais dissoluto vadio do mundo atual. Você diz que crê em freqüentar um local de culto e em fazer o bem, porém eu digo que, se você confiar nessas coisas, estará condenando a si próprio. Toda a nossa justiça não passa de "trapo da imundícia", as nossas mais grandiosas virtudes são feias e torpes aos olhos de Deus, porque estão todas manchadas pelo pecado. "O dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor" (Rom. 6:23): somos salvos pela graça "por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus" (Ef. 2:8). A mensagem global do Novo Testamento é a mensagem sobre a graça de Deus, a dádiva feita a pecadores destituídos de merecimentos, e nós só temos a vida eterna quando a recebemos como uma dádiva.

Há mais um ponto: há somente uma pessoa que nos pode dar o dom da vida, e essa pessoa é Aquela que está orando: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". É somente Cristo que pode dar-nos esta vida eterna. Mais uma vez vemos o terrível perigo do misticismo, ou ao menos do misticismo que não toma Cristo como central. Há no mundo muitos que desejam ansiosamente possuir a vida eterna. Você os verá escrever sobre isso, e um dos exemplos mais extraordinários disto é Aldous Huxley, que era cético mas que veio a acreditar que nada pode salvar o mundo senão o misticismo, e que se tornou budista por essa razão. Homens como esse acreditam que existe esta vida de Deus que se pode obter, que o de que necessitamos é essa vida em nós, e que o nosso problema é que não a temos. Eles usam a mesma definição de Henry Scougal, mas notem a diferença: essa gente pensa que pode ter em si esta vida de Deus sem sequer mencionar o Senhor

Jesus Cristo. Você pode obtê-la, dizem tais pessoas, pela contemplação do Absoluto, por afundar cada vez mais no eterno e deixar-se perder nEle, porque, quando estiver fazendo isso, estará recebendo vida dEle.

Não quero parecer antipático. Penso que é uma boa coisa os homens e as mulheres começarem a ver que o homem sozinho é insuficiente. Até aí, tudo bem, porém a questão vital é: como você vê isso? É possível falar em afundar no coração do Eterno, mas isso toma muitas formas e assume muitos modos. Há aqueles que lhe dizem que você pode conhecer Deus e começar a partilhar Sua vida imediatamente, assim como você está. Dizem eles que, no momento em que você começar a sentir sua necessidade de Deus, tudo o que terá que fazer é dirigir-se a Deus, e Ele começará a falar com você. Eles nem mencionam o Senhor Jesus Cristo.

Contudo, meus amigos, é Ele e somente Ele que pode dar a vida eterna. Ele o afirma aqui, e as Escrituras o dizem em toda parte: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna...". Não há ninguém mais que possa dar a vida eterna, exceto o Senhor Jesus Cristo. Se fosse possível outro meio, por que Ele veio à terra? Por que trabalhou como carpinteiro? Por que sofreu o que sofreu? Por que a morte na cruz? Por que a agonia, a vergonha e o suor de sangue? Não existe outro meio – todo o plano de salvação se centraliza nEle. Somente Ele é o doador da vida eterna, e buscar a vida de Deus por outro qualquer meio é correr o maior e mais grave perigo. Não estou negando que você pode ter tido experiências, mas é meu dever proclamar que, seja qual for a felicidade que você possa encontrar, o alívio e a liberdade, seja qual for a orientação, seja qual for a mágica, sejam quais forem as coisas miraculosas que pareçam estar acontecendo com você, se você não as obtém direta e unicamente mediante o Filho de Deus, o Senhor

Jesus Cristo, o que você está recebendo não é a vida de Deus, e você está sendo vítima de uma terrível ilusão. Um dia você vai acordar para ver que isso é um fato; e é Ele, e somente Ele, que é o doador e o transmissor da vida de Deus às almas dos homens.

10

O Único Deus Verdadeiro

"Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." – **João 17:2,3**

Estivemos vendo juntos que o supremo propósito da nossa salvação é que tenhamos o dom da vida eterna; e vimos que esse é o grande objetivo e a suprema explicação de tudo o que foi planejado pela Trindade santa e bendita. Portanto, esta é, obviamente, a coisa mais importante que podemos considerar juntos, e começamos a nossa consideração dela compreendendo que é algo que, como somos por natureza, em conseqüência do pecado, estamos carentes, porque estamos "mortos em ofensas e pecados" (Ef. 2:1). E, além disso, vimos que se trata de algo que temos que receber como dom, porque, por mais maravilhosas que sejam a nossa moralidade e a nossa conduta, nunca chegarão ao nível da vida eterna.

A diferença entre ser cristão e não o ser não é em grau, é na essência e na qualidade, de modo que o cristão mais indigno está numa situação melhor que a do melhor homem que esteja fora do cristianismo. Talvez a melhor maneira de entender tudo isso seja pensar neste assunto em termos de relação. É uma questão de sangue, por assim dizer; o membro mais humilde e mais indigno da família real está numa posição

mais vantajosa, do ponto de vista das classificações sociais de muitos países, do que a pessoa mais importante e mais capaz de fora dessa família. Um homem de fora da família real pode ser muito mais culto, pode ser um mais excelente espécime da humanidade em todos os aspectos, e, contudo, em todas as ocasiões de estado e em todas as grandes ocasiões, ele tem que ir depois do mais humilde e menos digno membro da família real. Como vocês avaliam essa situação? Não a avaliam em termos de capacidade de realização, porém sim em termos da relação de sangue. Pois bem, é precisamente isso que o Novo Testamento diz acerca do cristão. Ele é alguém que se tornou participante da natureza divina; ele passou a estar numa relação inteiramente nova; ele agora tem uma nova natureza e uma nova qualidade; uma nova ordem da vida entrou em seu ser.

Além disso, vimos que é somente o nosso Senhor que o pode dar a nós, e é isso que Ele está salientando aqui. Ele pede a Deus que O glorifique porque, diz Ele com efeito, "Se não Me glorificares habilitando-Me a realizar esta última parte da obra que Me cabe realizar, se não Me capacitares a ser o *Portador do Pecado*, o portador de toda a culpa e de todo o pecado do mundo, a humanidade toda permanecerá morta em ofensas e pecados". O Filho pleiteia com Seu Pai e insta com Ele a que O glorifique de modo que Ele possa dar a vida eterna. Portanto, como já vimos, qualquer tentativa para chegar a Deus e ter comunhão e companheirismo com Ele, exceto em Cristo e por meio de Cristo, é um laço e uma ilusão.

Passemos agora à tratar de algumas questões práticas. Vimos que, por definição, o cristão é alguém que tem a vida eterna, e então, que é esta vida, e como a gente a pode obter? Quero tomar a segunda pergunta primeiro, porque me parece que ela é a que é tratada primeiramente nestes versículos que estamos considerando. O versículo 3 diz: "E a vida

eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". Que é que isso significa exatamente? É uma definição do sentido da vida eterna, ou é uma descrição da maneira pela qual se obtém a vida eterna? Essas são as duas explicações e exposições possíveis.

Suponho que, num sentido supremo, é certo dizer que ambas são verdadeiras, e, todavia, eu me vejo concordando em geral com aqueles que pensam que provavelmente é uma descrição da maneira pela qual se obtém a vida eterna. Bem, João tem seu estilo pessoal de escrever, e vocês verão que ele sempre expressa as coisas desta maneira particular. Permitam-me oferecer-lhes uma ilustração desta mesma coisa baseada em João 3:19, onde ele diz: "E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz...". Notem como é exato o paralelo com esta declaração: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". É a mesma forma de expressão, de modo que João 3:19 é, provavelmente, um guia seguro para a interpretação deste versículo.

Permitam que eu me explique. Quando João diz "a condenação é esta", não nos está dando uma definição da condenação; antes, ele nos está dizendo qual é a causa dela, que é "que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz". Certamente, pois, este versículo pode ser interpretado do mesmo modo. O que causa a vida eterna, ou leva a ela, é isto: "que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". Posso dar-lhes mais outros exemplos e ilustrações disso. Em sua Primeira Epístola, João diz: "Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1 João 5:20), com o que ele quer dizer: "Este é o verdadeiro Deus, e a causa da vida eterna" – outra vez se referindo ao Senhor Jesus Cristo. Temos então aqui,

primariamente, um relato do modo, ou do meio, pelo qual se obtém a vida eterna. Ou, se vocês o preferirem, temos aqui uma descrição da origem da vida eterna, e não uma definição da sua essência. Contudo, como eu disse, é muito difícil separar estas duas coisas uma da outra: aquilo que me dá a vida eterna é a própria vida eterna, pois enquanto eu recebo e desfruto o meio de obter a vida eterna, eu a estou obtendo ao mesmo tempo. Todavia, devemos manter estas coisas como idéias separadas em nossa mente.

Examinemos, pois, o mecanismo pelo qual nos vem a vida eterna. À medida que o fizermos, queira Deus que todos nós possamos compreender que isso não é somente a nossa maior necessidade, mas é também o privilégio mais maravilhoso que nos pode vir, a nós, homens e mulheres. Ao dar-nos a Sua vida eterna, Deus está dizendo que nós podemos ter o direito e a autoridade de nos tornarmos filhos de Deus, para que nos tornemos de fato e de verdade participantes da natureza divina, e para que tenhamos, aqui, neste momento, em nosso curso terreno, uma lembrança desta relação com Deus, que nos vai tornar Seus herdeiros e co-herdeiros com Cristo. Deus nos deu Sua natureza, e nem mesmo a morte e o túmulo podem despojar-nos da nossa herança. Não significa somente uma vida transformada enquanto ainda estamos aqui neste mundo, é também uma garantia destas coisas grandiosas.

Como é, então, que obtemos a vida eterna? Bem, aqui nos é dito que o essencial é questão de conhecer Deus, e essa é, naturalmente, a grande questão que é colocada diante de nós em toda parte na Bíblia. Deus é Alguém que deve ser conhecido por nós, e não há nenhuma possibilidade de vida eterna sem este conhecimento. João diz isso em sua Primeira Epístola. Ele envelheceu, está perto da morte, e diz às pessoas para as quais escreve que quer que elas sejam felizes e que compartilhem a mesma alegria que enche o

seu coração. Há um gozo possível nesta vida, diz ele. O gozo de vocês pode ser completo neste mundo, e é um gozo que se baseia na comunhão com Deus. Temos uma comunhão maravilhosa para compartilhar, e, verdadeiramente, "a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" (1 João 1:3). Notem como estes escritores do Novo Testamento se repetem, e o fazem porque estão sempre falando sobre este fato maravilhoso; quem conhece algo desta íntima comunhão com Deus não pode parar de falar sobre ela. Todos nós podemos falar sobre as coisas que nos interessam, ficamos falando sobre elas, e aqui está a coisa mais grandiosa de todas, a vida eterna, conhecer Deus e ter comunhão com Ele – não admira que eles fiquem repetindo o que dizem!

Como, então, conhecemos Deus? O Senhor Jesus Cristo divide o tópico em dois títulos principais, e eu quero apenas considerá-los resumidamente agora. Diz Ele: "A vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste", e se expressa nesses termos porque está emitindo uma advertência, ou, se vocês o preferirem, está declarando esta verdade na forma de um contraste. Ele está salientando que devemos estar absolutamente certos de que Deus, em quem cremos, o Deus que alegamos conhecer, é o único Deus verdadeiro. Agora, ao empregar estas palavras, "único" e "verdadeiro", Ele apresenta Deus para a nossa consideração contrariamente e acima de tudo mais, e é óbvio que Ele nos está advertindo contra os ídolos e contra os deuses falsos.

Vocês podem ver muito disso no Novo Testamento. João, de novo, termina a sua Primeira Epístola com estas palavras: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos". Essa é a última palavra deste velho homem, quando escreve sua carta de despedida às jovens igrejas. Ele começa dizendo que nada importa, senão que tenhamos comunhão com o Pai e com Seu Filho, Jesus Cristo; depois ele passa a advertir os seus

leitores contra certas heresias, e resume tudo dizendo: "Guardai-vos dos ídolos". E essa advertência é necessária hoje, como foi no século primeiro. Temos que estar absolutamente certos de que o Deus que cultuamos é o único Deus vivo e verdadeiro. Paulo também, escrevendo aos tessalonicenses, lembra-lhes "como", quando ele pregou o Evangelho pela primeira vez para eles, "dos ídolos vos convertestes a Deus", diz ele, "para servir o Deus vivo e verdadeiro" (1 Tess. 1:9) – é isso. Novamente, o relato da visita de Paulo a Atenas, registrado em Atos, capítulo 17, diz-nos que aquela culta cidade estava cheia de templos e de diversos deuses. O povo de Atenas era muito "religioso", num sentido, adorando todos estes deuses, Mercúrio, Júpiter, Marte, e então, para que nenhum fosse deixado fora, havia um curioso templo "ao Deus desconhecido". E, todavia, o tempo todo eles ignoravam Deus. "Esse, pois", diz o apóstolo, "que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio" (Atos 17:23). Esse é o grande trabalho da Bíblia, expor e manter diante de nós o único Deus vivo e verdadeiro.

E, deixem-me repeti-lo, isso é tão essencial hoje como o foi no século primeiro. Não é, talvez, que estejamos adorando aquelas antigas divindades pagãs, mas hoje temos a tendência de adorar abstrações filosóficas da mesma maneira como aquela gente fazia. Vocês vêem hoje pessoas escrevendo com expressões eruditas sobre o Absoluto ou o Supremo, ou sobre a Fonte do ser, ou sobre a vida presente no universo. Para muitos, Deus nada mais é que uma pura abstração, nada mais que um conceito filosófico, e quando falam sobre Deus é sobre uma espécie de "X" filosófico: para muitos Deus é uma grande força ou energia. A Bíblia constantemente nos adverte contra isso tudo, e, como aqui se vê nas palavras do nosso Senhor a Seu Pai, a Bíblia nos está sempre chamando para que compreendamos que há somente um Deus verdadeiro.

Há depois algumas coisas que precisamos saber sobre Ele, antes de haver alguma possibilidade de termos comunhão com Ele, e antes de podermos receber vida dEle. Primeiro, obviamente, temos que crer que Ele é uma Pessoa. Esse é um conceito muito difícil, e, contudo, é vital e essencial. Deus diz: "EU SOU O QUE SOU"; Deus é Deus, e, portanto, Deus é uma pessoa. O autor de Hebreus, numa passagem muito importante da sua Epístola, fala sobre isso nestes termos. Ele está falando sobre a vida pela fé, e sobre o segredo de homens como Moisés e outros que saíram pelo mundo como grandes heróis, dominando as suas circunstâncias e subindo acima de todos os homens medianos desta vida. Pergunta ele: qual era o segredo deles? E a resposta que dá é que o segredo deles era a fé, e a sua relação com Deus. Sim, porém, se você quiser estar nessa relação plena com Deus, há uma só condição absoluta – "É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Heb. 11:6).

É claro, quando você vier a Deus, é preciso que não venha de maneira errada. Há um poema que era muito popular e que era citado freqüentemente há alguns anos; corre assim:

Da escuridão da noite que me cobre,
Sombria como a tumba, pólo a pólo,
A quantos deuses haja graças dou
Pela minha alma forte e invencível.
– W. E. Henley

Lixo! Esse é justamente o tipo de absurdo contra o qual a Bíblia nos adverte. Se você vier a Deus e quiser conhecê-lO e ser-Lhe agradável, não venha do jeito de quem pensa, "quantos deuses haja". Não, "É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam". Esse é, inevitavelmente, o nosso ponto

de partida. Deus é um Deus vivo, não um conceito ou uma abstração ou um termo de uma categoria filosófica. Se vocês querem uma exposição perfeita disso, devem ler os relatos que o Velho Testamento apresenta de alguns dos falsos deuses que o povo adorava. Recomendo para o seu estudo Isaías, capítulo 46, onde o profeta zomba do falso deus Baal que os tolos filhos de Israel adoravam. Tinham que carregar o deus de um lugar para outro, porque ele não podia andar! Por que servir a tal deus, quando vocês têm um Deus que pode carregá-los? – pergunta Isaías. Ou, que dizer da descrição dos falsos deuses que se vê no Salmo 115? "Têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não ouvem; nariz têm, mas não cheiram... Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem" (versículos 5-8).

Aí vocês têm uma das mais gloriosas peças de sarcasmo da Bíblia toda.

E o versículo que estamos considerando aqui nos concita a começar por uma percepção preliminar desta mesma tremenda verdade – que Ele é o Deus vivo, o Criador. Em toda a nossa preocupação com Deus o Salvador, jamais devemos esquecer Deus o Criador. Deus é o nosso Salvador, porém é também o Senhor do universo. Ele é Aquele que disse: "Haja luz. E houve luz". Ele trouxe todas as coisas à existência. Ele está nos céus, e tudo está a Seus pés. Lembremo-nos, pois, de que devemos começar pelo Senhor do universo, o Criador, o Instigador de tudo quanto existe.

E depois devemos passar a uma consideração do Seu caráter. "Deus é luz", diz João em sua Primeira Epístola, "e não há nele trevas nenhumas" (1 João 1:5). Antes de se pôr de joelhos na próxima vez e começar a falar com Deus, antes de buscá-lO e de buscar Sua face e esta vida que Ele veio dar, nunca deixe de lembrar-se destas coisas. Procure lembrar-se da Sua grandeza e da Sua majestade e do Seu poder, e então prossiga e lembre-se de que Ele é vida, que Ele é santo, que

Ele é reto e justo, e que o Seu semblante é tão puro que Ele nem pode olhar para o mal. Lembre-se de que você está falando com o Juiz de todo o mundo. Todas estas coisas são salientadas por esta pequena frase: "o único Deus verdadeiro". Ele não é como aqueles deuses falsos, aquelas abstrações. Você está indo à presença do Deus eterno, um Deus vivo, Aquele que é, que sempre foi, o grande EU SOU de eternidade a eternidade. Esse é o ponto de partida essencial e, repito, enquanto não tivermos isso claro em nossa mente e em nosso entendimento, provavelmente a nossa oração não será nada senão um mero grito de desespero dirigido a Ele. Deus, se posso dizê-lo assim, deu-Se ao trabalho de revelar-Se a nós – esse é o tema geral do Velho Testamento – e por isso não temos o direito de ir a Deus na ignorância, temos que fazer uso do conhecimento que Ele nos deu. Ele Se declara Deus zeloso, ciumento, salientando a Sua qualidade pessoal, e que não permitirá que tenhamos outros deuses além dele: "Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás" (Luc. 4:8). Portanto, devemos dar-nos ao trabalho de apoderar-nos deste conhecimento e desta informação. Devemos realmente pelejar com esta revelação, e depois, à luz disso, venhamos a Deus crendo que Ele é o que é. Não é que entendemos Suas qualidades absolutas, porém compreendemos que estamos falando com Aquele que a Si mesmo chamou-Se Pai e que deseja que venhamos a Ele dessa maneira.

Mas não paramos nisso. "Aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe", sim, porém ele deve crer também que Deus "é galardoador dos que o buscam" (Heb. 11:6) – o que aqui, em João, capítulo 17, é dito assim: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". Isso é obviamente crucial, e em sua essência significa que devemos, não somente conhecê-lO como o único Deus verdadeiro, devemos conhecê-lO também como o Deus da nossa salvação, porque,

se não O conhecermos neste segundo sentido, nunca obteremos a vida eterna dEle. Posso dizê-lo desta maneira: vimos que a primeira advertência do Senhor é contra os deuses falsos, uma advertência aos gentios, e esta segunda advertência é uma advertência aos judeus, a pessoas que só pensam em Deus em termos do Velho Testamento e que ainda vão a Deus como se o Novo Testamento nunca nos tivesse sido dado. Vêm a Deus somente em termos da lei, e nunca na relação da graça, e, devido a isso, privam-se da maior e principal bênção da salvação.

Essa é a glória da Bíblia, temos o Velho e o Novo Testamentos, e outra vez podemos acentuar a vital importância de levar em conta *ambos*. É um erro total considerar somente o Velho Testamento, e há um sentido em que é quase igualmente errado considerar somente o Novo Testamento. Foi o Espírito Santo que guiou a Igreja Primitiva a interpretar os dois juntos. Devemos lembrar que Deus é o Criador, e também o Salvador; e igualmente devemos lembrar que Ele não é somente o Salvador, é também o único Criador – nós adoramos um Deus triúno, o Deus bendito.

Mas aqui a ênfase recai em Deus como vida, Deus não somente como Ele é em Si e de Si, porém em Sua relação com o homem. Devemos compreender, quando nos aproximamos de Deus, que o propósito supremo da Sua graça quanto ao homem foi-nos revelado, e é um propósito de amor e misericórdia, de bondade e compaixão. E, como temos visto, isso é uma coisa que só se conhece plena e finalmente no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. É por isso que se deve expressar esta declaração desta maneira: "A vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". Esta verdade é uma necessidade absoluta. Essa é a razão pela qual o nosso Senhor disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6). Ele é o caminho para Deus,

a verdade sobre Deus e, sem a vida que Ele nos oferece, nunca compartilharemos ou conheceremos a vida de Deus. Portanto, não há conhecimento de Deus sem Cristo; por Seu intermédio vem este conhecimento supremo, verdadeiro e salvador, a relação salvífica.

Naturalmente, cada palavra desta declaração tem o mais alto significado. Vocês vêem que este versículo nos fala acerca do Senhor Jesus Cristo – "Que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, *e* a Jesus Cristo...". Desde logo nos é dito ali que Ele é igual a Deus, pois imediatamente este homem, Cristo Jesus, é colocado na mesma categoria do único Deus vivo e verdadeiro. Aqui está Aquele que está na face desta terra mas que pode ser colocado no mesmo nível de Deus o Pai. Alguns tolos, como os unitários, muitas vezes usam esta frase para provar a sua teoria particular. Eles dizem que há somente um Deus e que Jesus Cristo não era Deus, e tentam provar isso dizendo que o próprio Cristo, quando estava no mundo, disse que só existe um único Deus verdadeiro. No entanto, eles param nesse ponto e esquecem esta coisa vital, que Aquele que diz as palavras, "o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo...", imediatamente Se coloca na mesma posição de Deus. Aqui está Aquele que é co-igual a Deus e co-eterno com Deus. Aqui está Aquele que é o próprio Deus, Deus o Filho, para sempre e eternamente no seio do Pai – "e Jesus Cristo...". Por conseguinte, nós temos pleno direito de fazer esta declaração, que Deus não é somente eterno e verdadeiro, mas não pode ser plena e finalmente conhecido exceto nAquele e por meio dAquele que dessa forma se acrescenta a Ele, por assim dizer.

Depois, há aqui o nome *Jesus*, que nos lembra a verdade da encarnação, que este Filho eterno de Deus foi feito homem – o homem Jesus. Mas o homem Jesus é Alguém que é Deus e que é co-igual a Ele e em quem, portanto, vocês pensam em termos de Deus e com Deus – "e Jesus".

Contudo, Ele é também Jesus *Cristo*, e "o Cristo" significa o Messias, Aquele que foi ungido para realizar esta obra especial de levar os homens a Deus e dar a vida de Deus ao homem. Vocês vêm que toda esta extraordinária doutrina é colocada aqui resumidamente para nós "e Jesus Cristo". Está tudo aí – o objetivo supremo é conhecer este único Deus verdadeiro, e o meio de conhecê-lO é conhecer Jesus Cristo.

Na seqüência o nosso Senhor diz: "Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu te conheci, e estes (discípulos) conheceram que tu me enviaste a mim" (versículo 25). E porque conhecem que Tu me enviaste, conhecem o Pai e têm a vida eterna.

Devemos, pois, dar-nos conta de que Jesus Cristo nos dá a revelação de Deus como ninguém mais a pode dar. "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (João 1:18). Ele O manifestou e O revelou e nos ensinou sobre Ele. Sim, mas vocês percebem que Ele vai mais longe, como já vimos. Ele não somente O manifestou, mas também tirou do caminho as coisas que nos impediam de estar em comunhão com Ele, removeu a barreira do pecado. Se Ele não fizesse isso, o conhecimento e a revelação não nos aproveitariam.

Eu desejo, entretanto, apenas dar um passo final antes de concluir este estudo. Até aqui vimos que o conhecimento de Deus se baseia nestas declarações. Baseia-se primeiro na revelação que o Velho Testamento faz de Deus, o Deus que Se diferenciou de todos os deuses e ídolos pagãos, o único Deus verdadeiro, que Se revelou nos Dez Mandamentos, na lei moral e nos profetas. Passamos depois à revelação do Senhor Jesus Cristo e a tudo quanto Ele revelou, o que O leva a dizer: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9). Vimos que Ele remove também a barreira do pecado, a coisa que se põe entre nós e Deus e que cega os nossos olhos e as nossas mentes para a visão de Deus.

Todavia ele dá ainda um passo mais. O Senhor Jesus Cristo nos dá a vida eterna de um modo ainda mais profundo. Ele nos dá a vida eterna, não somente dando-nos um conhecimento acerca de Deus, mas dando a nós a própria vida de Deus. Este, diz João, é o verdadeiro Deus, a vida eterna. Vimos também como Paulo se expressa a respeito: "Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1 Cor. 15:22). Naturalmente, esta é uma doutrina profunda. Todos nós caímos porque estamos todos "em Adão". Adão foi o primeiro homem, o pai da raça humana, e toda a raça humana, toda a humanidade estava nele. O resultado foi que quando Adão caiu, toda a raça do homem caiu. Ele não era somente o representante, nós estávamos nele, em sua linhagem, e a morte veio sobre todos nós porque estamos em Adão e devido ao que herdamos dele.

Bem, sobre isso e contra isso o Novo Testamento coloca o Senhor Jesus Cristo, e a Sua admirável doutrina é que todo cristão verdadeiro está relacionado com Cristo, como todo homem natural estava relacionado com Adão. Noutras palavras, significa que, se somos cristãos, se cremos no Senhor Jesus Cristo, estamos incorporados nEle, tornamo-nos parte dEle, participamos da Sua vida, e nascemos dEle. Estamos nEle exatamente da mesma maneira como estávamos em Adão. Esta é a obra especial do Espírito Santo. É Ele que nos vivifica e que produz a regeneração. É Ele que nos une a Cristo e faz de nós uma parte da vida de Cristo, e é desse modo, compartilhando a vida de Cristo, que recebemos o dom da vida eterna. É por isso que Ele é tão absolutamente vital e essencial. Não é algo de fora dEle, Ele nos dá a vida eterna dando-Se a nós, e, por esta união mística com Cristo, mediante esta relação com Ele, nós nos tornamos participantes da Sua própria vida. Somos participantes da natureza divina, temos comunhão com Deus e a vida de Deus adentra as nossas almas.

Portanto, isso é a vida eterna, e este é o meio de se obter a vida eterna, "que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste".

Se conhecemos este Cristo, se cremos nEle, temos a vida eterna, já nos tornamos filhos de Deus.

11

Um Novo Princípio

"Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." – **João 17:2,3**

À luz dos nossos dois estudos anteriores, a pergunta que cada um de nós deve fazer antes de prosseguirmos é a seguinte: acaso eu possuo a vida eterna? Recebi eu o dom da vida eterna? Esta é a pergunta mais momentosa que podemos fazer nesta vida, porque o nosso destino eterno depende da nossa resposta a ela. Essa é a mensagem da Bíblia em toda parte, do princípio ao fim. Ela dá ênfase ao dia do Juízo, quando certos livros serão abertos, e, se os nossos nomes não estiverem escritos no livro da vida do Cordeiro – inscrição que significa que somos possuidores da vida eterna – vamos para a destruição, para a condenação e para a punição eterna. Por conseguinte, é evidente que este é o mais importante de todos os temas, e não somente do ponto de vista do nosso destino eterno. Naturalmente, temos que falar disso primeiro, porque é o assunto mais sério, mas também é importante do ponto de vista da nossa vida neste mundo, e do gozo e do sucesso dessa vida, no sentido mais elevado.

Vimos, depois, que essa vida só se torna possível a nós no conhecimento de Deus no Senhor Jesus Cristo, e por

intermédio desse conhecimento, e também vimos que Ele nos habilita a conhecer Deus, infundindo-se em nós, por meio do Espírito Santo. Entrando em nosso ser e dando-nos vida, Ele nos capacita a conhecer Deus, e é desse ponto que partimos quando descobrimos o caminho para essa vida, o meio pelo qual é obtida.

Talvez seja necessário que eu dê ênfase a esta palavra "conhecer" – "que te *conheçam*" – a fim de assinalar que não significa meramente conhecimento intelectual. "Conhecer" é uma palavra forte e vigorosa. Não significa apenas que você tomou conhecimento ou está ciente de algo; não significa nem mesmo a aceitação intelectual de certo número de proposições; é muito mais profundo que isso. Quando Deus falou aos filhos de Israel por intermédio do profeta Amós, disse: "De todas as famílias da terra a vós somente conheci" (Amós 3:2). Obviamente não significa que Deus não sabia da existência das outras nações; esta palavra "conhecer" significa "a vós somente conheci intimamente", vós sois, num sentido, o único povo pelo qual me interessei. É assim que esta palavra é empregada constantemente nas Escrituras, e esse é o seu sentido aqui. O conhecimento de Deus acerca do qual o nosso Senhor fala aqui significa uma real e viva percepção dEle, não apenas crer no ser e na existência de Deus, mas conhecê-lO como Aquele que vive e que habita em nós. É um conhecimento vívido, e devemos ter o cuidado de não ligar a esta palavra um sentido que fique aquém dessa exaltada concepção.

Tendo dito isso, passemos adiante agora para considerar exatamente o que isso significa. Já vimos de que maneira obtemos a vida eterna. Se a pessoa realmente não conhece Deus em Cristo desta maneira íntima, ela não a possui. Mas, que é esta vida que se pode reivindicar dessa maneira? A primeira coisa que devemos salientar é que é uma qualidade de vida. Deve-se conceber a vida eterna em termos de

qualidade, antes que de mera quantidade ou duração. Não significa que o elemento extensão e duração não entra, porque entra. Entretanto, além e acima disso está a questão de qualidade – o fator ao qual as Escrituras sempre dão ênfase. O nosso Senhor fala disso nestes termos: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham *com abundância*" (João 10:10). Vemos, pois, que, de acordo com as Escrituras, o que nos é oferecido é uma espécie e classe de vida que nos está disponível neste presente tempo, continuará durante todo o resto das nossas vidas neste mundo, e, ainda mais importante, irá eternidade adentro, além da morte e do sepulcro. É isso realmente que significa a vida eterna.

Pois bem, é preciso dar ênfase a ambos estes aspectos. O espantoso, noutras palavras, é que o cristão é alguém que pode receber aqui, neste mundo, agora, no presente, algo da própria vida da glória. O apóstolo Paulo fala disso em Romanos 8:23, onde ele se refere a si mesmo como um daqueles que receberam as "primícias", ou, como ele diz, os que receberam uma espécie de prelibação. Porventura vocês percebem o que está na mente dele?

É como os primeiros frutos da colheita. Você vai à sua horta e apanha as primeiras framboesas; a colheita completa virá logo, mas aqui está a primeira parte. Você tem os primeiros frutos, a prelibação; você não tem toda a colheita, porém tem um punhado daquilo que você vai receber em plenitude completa e final. É desse modo que o cristão entra na vida eterna, e certamente esta é uma das coisas mais extraordinárias e surpreendentes de que podemos cientificar-nos, que aqui na terra podemos começar a experimentar algo da vida do céu, algo da vida da glória.

Pois bem, o elemento tempo entra assim: embora recebamos a vida mesma aqui, neste mundo, visto que estamos na carne e devido às imperfeições que o pecado introduziu em todas as partes do nosso ser, há uma espécie de limite. O

apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, deixa isso claro. "Porque agora", diz ele, "vemos por espelho, obscuramente..." (1 Cor. 13:12, VA). Algumas pessoas dizem que a tradução disso deveria ser: "vemos numa espécie de enigma" (cf. ARC), mas isso não importa, as duas traduções mostram que vemos de algum modo. Todavia depois notem a diferença: "Porque agora vemos por espelho, obscuramente, mas *então veremos face a face*". Há alguma distorção do que vemos no presente tempo; vemos a coisa real, porém "obscuramente". Depois a veremos exatamente como é, "...então conhecerei como também sou conhecido". "Agora", diz Paulo, "conheço em parte"; essa é a diferença, diz o apóstolo, entre o conhecimento de uma criança e o de uma pessoa crescida. Em certo sentido, a criança tem um real conhecimento, mas elementar e imperfeito. "Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino" (1 Cor. 13:11). Exatamente essa é a diferença, diz Paulo, entre a vida eterna neste mundo e a vida eterna que vamos gozar na glória. A vida é a mesma, só que aqui é parcial e imperfeita "como por espelho, obscuramente". Contudo, graças a Deus, é isso que nos é oferecido mesmo nesta vida e neste mundo. Podemos começar a vida da glória aqui na terra: "Frutos celestes em solo terrestre podem crescer", diz o escritor de hinos, e é isso que o nosso Senhor quer que experimentemos constantemente como cristãos.

Muito bem, mantenhamos estes dois elementos em nossas mentes. É qualidade de vida, e essa qualidade é a vida do céu, a vida da glória! Começamos essa vida aqui, podemos tê-la agora, e ela continuará, crescerá, aumentará, e finalmente florescerá naquela vida de perfeição, quando veremos com o rosto inteiramente descoberto e "conheceremos como também somos conhecidos" por Ele. Penso que esta é uma das coisas mais comoventes que o homem pode aprender nesta vida, e

por isso faço um sumário dela desta maneira: é-nos possível, a nós cristãos, receber aqui e agora algo desta vida que o Senhor Jesus Cristo desfrutou pessoalmente. Ele desfrutou esta vida eterna quando esteve aqui na terra, e o que Ele oferece e o que Ele dá, diz-nos Ele, é algo desta vida – "para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste".

Assim, pois, tendo-a descrito em termos gerais, procuremos entendê-la um pouco mais pessoalmente e ver o que exatamente diz respeito a esta vida. Permitam que eu lhes dê algumas definições que o Novo Testamento faz dela. É-nos dito que, como resultado de possuirmos esta vida, tornamo-nos filhos de Deus – "Porque todos sois filhos de Deus", diz o apóstolo Paulo em Gálatas 3:26. Outra frase, empregada por João em sua Primeira Epistola, é que somos nascidos de Deus (1 João 5:1), e em João 3:8 lemos que somos nascidos do Espírito. O apóstolo Pedro descreve isso dizendo que nos tornamos "participantes da natureza divina" (2 Ped. 1:4) – uma declaração estupenda. Noutro lugar ele nos diz que fomos gerados de novo (1 Ped. 1:3), fomos regenerados. Pois bem, todas essas expressões, e também outras, são empregadas no Novo Testamento a fim de propiciar-nos certa concepção e algum entendimento da qualidade e da natureza da vida eterna. E foi com a finalidade de nos dar esta vida maravilhosa que o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo. Por isso Ele foi para a cruz, por isso foi sepultado e ressuscitou, para que eu e vocês nos tornássemos filhos de Deus, nascidos de Deus, participantes da natureza divina, que fôssemos regenerados e criados de novo, e recebêssemos uma nova vida. Mas, devo apressar-me a acrescentar, é muito importante não desvirtuar nenhuma destas grandes e exaltadas expressões.

Nenhuma delas significa que eu e vocês nos tornamos divinos. Não deixamos de ser humanos. Não nos tornamos deuses. Jamais devemos inserir esse sentido nestas grandes

expressões. Não significam que a essência divina, por assim dizer, é infundida em nós. Coloco isso numa forma negativa porque alguns dos místicos cruzaram a linha e ensinam – de fato vocês vêem isso freqüentemente no ensino católico-romano – que a natureza divina é infusa em nós. Isso é uma coisa que está por trás da sua doutrina da transubstanciação. Ora, não há tal ensino na Bíblia, e isso tem o sabor de misticismo e da filosofia grega; devemos ter o cuidado de não interpretar estas expressões no sentido de que nos tornamos de fato divinos. Continuamos sendo humanos, embora participantes da natureza divina.

Vou ainda mais longe. Quando eu e vocês estivermos no céu e na glória, quando os nossos corpos tiverem sido glorificados e todos os vestígios do pecado tiverem sido eliminados de nós, quando O virmos face a face e formos semelhantes a Ele, mesmo então continuaremos sendo homens. O Senhor Jesus Cristo é Deus-homem. Nós nunca seremos Deus-homens. Continuaremos sendo do gênero homem, mas homem glorificado, homem perfeito. Não vamos transfigurar-nos ou transformar-nos em Deus.

Esta é, obviamente, uma doutrina altíssima e difícil de entender, e eu suponho que não é propósito que a entendamos plenamente nesta vida e neste mundo. A maneira segura de expressá-la é dizer que o que acontece conosco quando recebemos a vida eterna é que algo inteiramente novo entra em nós e em nossa vida e experiência. Dizem as Escrituras que nos tornamos novos homens, uma nova criação. Um novo princípio de vida é inserido em nós e produz em nós uma profunda mudança, e, por conseguinte, dá-nos uma nova qualidade de vida e de existência. Este novo princípio produz em nós uma nova natureza, uma nova perspectiva, tanto assim que, tendo-a recebido, podemos dizer com Paulo – e ele sabe exatamente o que quer dizer quando o diz – "Se alguém está em Cristo, nova criatura é" – nova criação – "as

coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Cor. 5:17). Tudo isso é devido a este princípio que entra em nossas vidas.

Sinto-me tentado a dizer uma palavra nesta altura sobre a relação deste novo princípio com as qualidades e faculdades naturais do homem, porque freqüentemente as pessoas ficam em dificuldades e com problemas sobre isso. Elas perguntam o que acontece quando um homem recebe esta nova vida, o que acontece quando ele nasce de novo. Seria lhe dada uma faculdade inteiramente nova ou um novo conjunto de faculdades? Claro está que a resposta é não. O que ele recebe é um novo princípio que afeta todas as suas faculdades. Deixem-me explicar o que quero dizer. Este novo princípio é uma coisa separada das nossas faculdades, algo à parte, mas afeta todas elas. É, por assim dizer, algo que as penetra e as vitaliza, e nos capacita a usá-las de maneira inteiramente diferente. Pois bem, isso é muito importante, por esta razão: a vida cristã, o recebimento desta vida eterna, é absolutamente independente das nossas faculdades e qualidades naturais – e demos graças a Deus por esse fato. Todos nós diferimos uns dos outros, diferimos intelectualmente, por exemplo; alguns nascem com maior capacidade para entender, com melhor cérebro, do que outros; alguns podem ler e entender o que lêem melhor que outros. Há uma interminável variedade e variação nas pessoas, por natureza, do ponto de vista das propensões e das habilidades. A glória desta vida eterna é que ela pode entrar na vida de qualquer classe de pessoa, e isso realmente não depende, em nenhum sentido, das suas qualidades e faculdades individuais. O resultado é que uma pessoa destituída de inteligência pode receber este princípio da nova vida exatamente como a pessoa mais inteligente do mundo. E, além disso, ela pode ser tão espiritual como aquela pessoa inteligente. É um princípio separado das faculdades naturais.

Todavia, naturalmente, é ao mesmo tempo um princípio que pode usar as faculdades naturais. É por isso que, quando Deus quer um grande mestre do evangelho cristão, Ele escolhe um homem como Paulo. Sim, porém Paulo não era mais cristão que a pessoa mais ignorante da igreja de Corinto. É o *princípio* que importa – não devemos considerar isto meramente em termos de entendimento e capacidade, é algo muito mais maravilhoso e mais glorioso que isso. E é por isso que Paulo pôde dizer em 1 Coríntios 1:21: "Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação". Deus, diz ele, toma os ignorantes, e por meio deles confunde os sábios, e toma os fracos e confunde os fortes – devido a este novo princípio que Ele introduz. Qual será, então, o efeito da introdução deste princípio? Esta vida eterna, acerca da qual estamos falando, é, como eu disse, uma coisa que afeta inteiramente o homem. Mas é especialmente interessante observar como esta vida afeta o entendimento e a apreensão das coisas espirituais por parte do homem. E a maneira de examinar isso é contrastar o homem natural, não regenerado, o homem não cristão, com o homem cristão. Segundo as Escrituras, o homem natural está espiritualmente morto. Possa eu atrever-me a dizê-lo assim: se existe alguém para quem estas coisas acerca das quais estou falando são de fato completamente sem sentido, então, como eu entendo as Escrituras, significa que tal pessoa está espiritualmente morta e não recebeu a vida eterna, porque, como Paulo diz: "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura" (1 Cor. 2:14). São sem sentido para ele, são como uma língua estranha, e ele se aborrece com elas.

Paulo desenvolve isso minuciosamente em 1 Coríntios, capítulo 2. Diz ele que nós, como cristãos, não recebemos "o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus", e

nós não entenderemos estas coisas enquanto não recebermos o Espírito. "As coisas que o olho não viu", diz ele, "e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam" (versículo 9). E estas coisas das quais Paulo está falando não se referem ao céu, e sim às coisas daqui da terra. Contudo, prossegue Paulo, nós entendemos, porque "o Espírito de Deus penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (versículo 10). Pois bem, isso, penso eu, é algo maravilhoso e glorioso. Os príncipes deste mundo não entendem estas coisas, e lembremo-nos de que, quando ele fala em príncipes, não se refere apenas aos que são coroados reis, ele está incluindo os filósofos, está falando sobre os gregos que procuravam e cultuavam a sabedoria. Quando Paulo diz que os príncipes deste mundo não conhecem o Senhor Jesus Cristo, ele quer dizer que eles não entendem ou não captam a verdade porque estão espiritualmente mortos. Vivendo em termos dos seus poderes e faculdades naturais, eles abordam estas coisas espirituais com o seu intelecto natural e não vêem nada nelas. E ele continua e diz que eles jamais verão algo nelas, enquanto não receberem a luz do Espírito. Mas, diz ele, "o que é espiritual discerne bem tudo" (VA: "julga") – o que significa que ele entende, ele pode avaliar todas as coisas – "e ele de ninguém é discernido" (VA: "julgado"). O cristão é um enigma para o incrédulo; este realmente não entende a si próprio! O cristão tem um discernimento que o outro não tem.

Há depois a maravilhosa declaração que se vê no fim do capítulo. "Porque, quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo?" E Paulo dá esta resposta estupenda: "Mas nós temos a mente de Cristo". Ele não quer dizer com isso que temos o conhecimento perfeito que Cristo tem. Ele quer dizer que temos o entendimento espiritual do próprio Cristo. Ele no-lo deu, e nós o recebemos como um dom que dEle nos vem. Esse é um dos aspectos da vida eterna – a mente

de Cristo. E isso significa que o novo homem, o homem que recebeu este dom da vida eterna, tem interesse pelas coisas espirituais. O outro homem não o tem, porém o novo homem o tem, e começa a considerar-se de uma nova maneira. Ele se dá conta de que não é um mero animal enviado a este mundo para comer, beber, dormir e fazer dinheiro. Não! Ele se dá conta de que é um ser espiritual. Ele sabe em seu íntimo que há algo que o eleva acima de todo o universo, que o propósito da sua vida é Deus e que ele tem o Espírito de Deus dentro dele. Ele não sabia disso antes, mas agora sabe. Ele tem uma visão inteiramente nova da morte, bem como da vida, e encara os fatos da sua vida neste mundo de maneira inteiramente nova.

Meus caros amigos, se vocês quiserem saber se têm a vida eterna, aqui está um modo simples de decidir isso. Quando você pensa em si mesmo, você pára meramente no ponto em que o homem do mundo pára, ou se lembra todos os dias da sua vida de que você tem alma, tem espírito; de que o que realmente importa não é este breve momento de existência neste mundo, e sim o destino que nos cabe, a vida que nos espera junto a Deus, a glória para a qual vamos indo? O cristão se vê com entendimento ou mente espiritual, e olha para Deus de maneira inteiramente diferente.

O cristão tem também uma visão inteiramente diversa do mundo no qual ele vive, uma visão espiritual. Que visão você tem do mundo neste momento? Você está inquieto e aflito por causa dele? Você se sente ferido por ele? A respeito do cristão diz o apóstolo Paulo que "nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados" (2 Cor. 5:4). Ou diz ele também que "nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Rom. 8:23). O mundo o perturba? Veja lá, se você recebeu a vida eterna, você se tornou semelhante ao Senhor Jesus Cristo. Neste

mundo ele foi um varão de dores e familiarizado com a dor, porque viu o que o pecado tinha feito com o grande e glorioso mundo de Seu Pai, porque viu os homens e as mulheres nos grilhões do pecado e abobados a serviço de satanás. Isso entristeceu Seu coração, e o homem dotado de entendimento espiritual conhece algo dessa visão desta vida e deste mundo, e dos homens e mulheres que nele estão.

Noutras palavras, as coisas espirituais tornam-se reais para o homem que recebeu a vida eterna. Estas coisas não são teóricas para ele, não são meramente filosóficas ou acadêmicas. Ele não acha que são algo que ele tem que esforçar-se pessoalmente para tomar e pôr em ação. Elas estão no centro da sua vida, são as coisas mais vitalmente importantes de todas para ele. Temos que forçar a nós mesmos para pensar nestas coisas? Temos que indagar: "É domingo de novo, e seria melhor eu fazer isto e aquilo?" Ou nos deleitamos nisso, desejando que de algum modo pudéssemos passar o dia todo perscrutando estas coisas? Temos fome e sede de justiça? Seriam para nós estas coisas as mais vitalmente importantes, momentosas, centrais? É o que são para o homem espiritual, e o que devem ser, devido ao que aconteceu com ele. O princípio da vida de Cristo foi introduzido nele, e agora ele é semelhante a Cristo.

E a última coisa que eu gostaria de dizer sobre o homem espiritual é que ele tem um entendimento das coisas espirituais que nunca tivera antes. João, em sua Primeira Epístola, adverte aqueles cristãos primitivos contra certos perigos e heresias. Há, diz ele, um sentido em que não é preciso que os fique lembrando, porque eles têm "a unção do Santo" (1 João 2:20). Isso é verdade quanto ao cristão: ele tem entendimento espiritual das coisas espirituais, ele conhece a verdade acerca do Senhor Jesus Cristo. Há pessoas que estão sempre fazendo perguntas sobre a Pessoa de Cristo. Estão sempre inquietas, e querem entender isto e aquilo. Entretanto o homem espiritual

não é assim. Não quero dizer que ele pode, necessariamente, explicar tudo a você. Observem aqueles cristãos coríntios, a respeito de quem Paulo disse que tinham "a mente de Cristo". Não eram grandes filósofos, pois, diz ele, não são "muitos os poderosos... que são chamados" (1 Cor.1:26). E, todavia, vocês sabem que eles podiam ver o Senhor Jesus Cristo de um modo que os príncipes deste mundo não podiam. O cristão é alguém que não entende intelectualmente, entende espiritualmente; ele conhece devido a este princípio da vida que foi introduzido nele – a vida reconhece a vida.

O conhecimento que é dado ao cristão é quase instintivo. Penso que a melhor analogia é esta: é comparável ao conhecimento que tem um homem que está apaixonado por uma mulher. Não lhe é possível sentar-se e escrever um relato filosófico do seu amor; ele não o pode explicar racionalmente: ele o conhece, mas aqui cessa a sua razão. O grande amor que a razão e o conhecimento não entendem – é isso. Conhecemos porque temos amor, e o amor reconhece o amor, e amor atrai amor. O cordeirinho não pode apresentarlhe um argumento racional pelo qual escolhe uma ovelha como sua mãe. O conhecimento que o cristão tem do seu Senhor é um tanto parecido com isso; ele *conhece*, e conhece o caminho da salvação. Há os que dizem: "Não posso entender por que um homem teve que morrer na cruz por todos", mas o cristão entende. Ele não pode entender plenamente a doutrina da expiação, porém para ele não é nenhum problema o fato de que os pecados do mundo foram lançados sobre o corpo inocente do Filho de Deus. Ele tem a mente de Cristo e tem um entendimento destas coisas por meio da unção do Espírito Santo. As verdades espirituais não lhe são estranhas, são vida, são tudo. Ele tem prazer nelas, vive por elas, e seu único desejo é conhecê-las mais e mais. Você recebeu "a vida eterna"? Ela é um dom, Ele no-la dá, Ele fez tudo para que você a tenha. Você vê que as coisas que antes

lhe interessavam, agora não tem nenhum sentido para você, estas outras coisas passam a ser as únicas que importam.

Perece toda a minha sonhada ambição,
Tudo quanto busquei, esperei, conheci;
Contudo, como é rica a minha condição –
Meus continuam sendo o céu e o Deus bendito!
– Henry Francis Lyte

No momento em que o homem recebe esta vida, torna-se uma espécie de estrangeiro neste mundo. Os cristãos são peregrinos, forasteiros, viajores, homens que têm seus olhos postos e fixos na "esperada glória", apesar de ainda viverem neste mundo marcado pelo pecado e pela vergonha.

Permita Deus que todos nós saibamos que temos a vida eterna. Se você sabe que não a tem, confesse-o a Deus e peça-Lhe que a dê a você por Seu Espírito. Se a tem, demore-se sobre ela, para que cresça na graça e no conhecimento de Deus e seja transformado de glória em glória enquanto a observa e a contempla.

12

Cheios de Nova Vida

"Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." – **João 17:2,3**

Quando estivemos considerando a vida eterna que recebemos por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo, vimos que ela é algo em cuja análise não conseguiremos exagerar no cuidado e na atenção. O perigo é sempre de nos determos em certos pontos, como o perdão e a certeza, sem dar-nos conta de que realmente somos chamados para compartilhar esta vida de Deus. O cristianismo, lembremo--nos, nos termos da definição do escocês Henry Scougal, é "A vida de Deus na alma do homem". Portanto, o objetivo de todos os nossos esforços, de toda a nossa adoração, de nossas orações e da nossa leitura da Bíblia, na verdade o objetivo de tudo o que fazemos, deve ser experimentar o que está expresso naquele velho hino,

Sopra em mim, ó Sopro divino,
Enche-me de vida renovada,
Para que eu ame o que Tu amas,
E faça, Senhor, o que farias.
– Edwin Hatch

e nada menos que isso. E aqui somos levados a lembrar este glorioso objetivo para alcançar o qual devemos lutar, tendo-o como o supremo desejo das nossas vidas.

Estivemos examinando um só aspecto da maneira radical pela qual a vida eterna se manifesta em nossa vida e em nosso modo de viver, a saber, as maneiras pelas quais ela afeta o nosso pensamento, a nossa perspectiva e a nossa atitude – a diferença, como se fosse, que ela faz para nós no sentido intelectual. Devemos agora passar a considerar outras manifestações desta gloriosa e maravilhosa vida que Deus nos dá por meio de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele foi enviado do céu à terra, à cruz e ao túmulo, à ressurreição e à ascensão, a fim de dar a vida eterna àqueles que Deus já Lhe havia dado. Há um sentido em que o melhor modo de examinar isso é dizer que aqueles que têm esta vida eterna começam a viver a espécie de vida que o próprio Senhor Jesus Cristo viveu; essa talvez seja a mais acurada definição dela. Fomos destinados a viver a espécie de vida que Ele viveu, e não nos esqueçamos jamais: embora Ele nunca tenha deixado de ser Deus, também Se fez verdadeiramente homem. Ele é Deus e homem, Ele é perfeito homem bem como perfeito Deus, e o que Ele diz aqui é que Ele veio com o fim de dar àqueles que Deus Lhe deu o tipo de vida que Ele viveu. Assim, então, ao passarmos a examinar a espécie de vida que Ele viveu, nós, que possuímos esta vida eterna, o melhor meio que temos de podermos fazê-lo é estudar a vida pessoal do nosso Senhor, e ver se os princípios que caracterizaram a Sua vida são realmente os princípios que animam e caracterizam a nossa.

De novo, eu selecionei alguns princípios. O óbvio – e já tocamos nisto em nosso último estudo – é que o homem que recebeu o dom da vida eterna conhece Deus. Não é só que Ele conhece coisas acerca de Deus, nem mesmo que ele crê em certas coisas concernentes a Deus; vai além disso, ele

conhece Deus. Você não pode ler os Evangelhos e suas narrativas da vida do nosso Senhor sem ver que esta foi a característica claramente fundamental e o elemento básico da Sua vida aqui na terra como homem. Ele conhecia Deus. Ele diz isso constantemente – "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve" (Mat. 11:25,26). Diz Ele: "Ninguém conhece o Pai, senão o Filho..." (Mat. 11:27). Deus não era um estranho, postado a uma grande distância; não; Ele (Jesus) O conhecia com uma intimidade e com uma abertura que O habilitavam a vir sempre à Sua presença. Parecia ansioso por estar ali todo o tempo. E tudo isso é oferecido ao cristão. Espera-se que ele conheça Deus, e com isso quero dizer que Deus é real para ele. Deus não é meramente um conceito intelectual para o homem que tem a vida eterna, é fatual, é uma realidade. Ele conhece realmente Deus e sabe o que é ter consciência da presença de Deus.

Ora, por um lado, este é um assunto elevado e difícil, e de tal natureza que muitas vezes as pessoas podem ser levadas a extraviar-se; e, contudo, por outro lado, devemos ter muito cuidado para não ficar aquém da plenitude que as Escrituras oferecem dessa forma. Há dois tipos de conhecimento de Deus a que devemos apegar-nos sempre. Primeiramente, há o conhecimento da fé, o conhecimento que é comum a muitas pessoas que ao menos são religiosas. Significa crer em Deus, um cumprimento daquilo que o autor da Epístola aos Hebreus diz no capítulo 11, versículo 6: "É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que o buscam". Isso é que eu chamo de conhecimento da fé.

No entanto, algo que vai além disso é oferecido ao cristão. Há uma espécie de conhecimento espiritual que é mais direto e mais imediato, e que vocês verão descrito

muitas vezes no livro de Salmos, sob a dispensação do Velho Testamento, e também no Novo Testamento. Por certo vocês se lembram do conhecimento de Deus que veio a Moisés quando Deus o colocou numa fenda da rocha para que Moisés O visse de relance quando Ele passasse. Deus revelou Sua glória a Moisés, e, quando este desceu do Monte, seu rosto estava brilhando como reflexo desta glória divina. Vocês vêem o apóstolo João ter uma experiência parecida na ilha de Patmos. Isso está igualmente claro nas Epístolas; o apóstolo Paulo sabia o que era ser arrebatado até ao terceiro céu e experimentar ali coisas indescritíveis e que os olhos não podem ver. Ele era homem e, contudo, teve esta estupenda experiência.

E isso não fica limitado meramente às pessoas a respeito das quais lemos na Bíblia. É algo que tem sido experimentado em inumeráveis ocasiões por aquelas pessoas pertencentes a Deus e que tiveram consciência da possibilidade disto, e o buscaram como a coisa mais preciosa que poderiam ter nesta vida e neste mundo. Um dos grandes puritanos, John Flavel, estava em viagem e, de repente, em meio à viagem, Deus Se revelou a ele. Ele não teve uma visão, não viu nada com os olhos externos, tão-somente soube que estava na presença da glória de Deus. Sentiu-se tão engolfado por ela que nem soube quanto tempo ficou ali; disse ele que "perdeu completamente a visão e a percepção do mundo e de todos os interesses que lhe são próprios". Ele estava, digamos, simplesmente desfrutando a presença da glória de Deus.

Os que leram a autobiografia de Jonathan Edwards sabem que ele teve uma experiência similar de simplesmente achar-se na presença da glória de Deus. Ali também não houve visão, porém tão-somente esta percepção, esta consciência, da realidade e proximidade, da santidade e majestade, da glória de Deus.

Vocês podem ler a mesma coisa na biografia de D. L.

Moody. Moody estava caminhando pela *Wall Street*, Nova York, a tal rua de todas as ruas do mundo, quando, subitamente, teve uma experiência semelhante. Deus, por assim dizer, revelou-Se e manifestou-Se a ele de um modo imediato, direto; ele cria em Deus antes, tinha sido usado por Ele, era um grande homem cristão, mas aqui houve algo novo, esta consciência da presença imediata de Deus, da glória de Deus. Foi uma coisa tão maravilhosa que ele procurou um hotel e pediu um quarto só para ele. Quis ficar sozinho, e a glória ganhou tão tremendo vulto que ele pediu a Deus que retirasse a Sua mão, para não ser esmagado por ela – a transcendental glória disso tudo.[1] Conto estas ilustrações para firmar este ponto, que a posse da vida eterna, que é vida recebida de Deus, leva a esse conhecimento de Deus, desde que nos demos conta dele e o cultivemos e o desenvolvamos. E não hesito em dizer que isso é algo que ultrapassa os limites da fé baseada no conhecimento. A fé genuína, estabelecida sobre a plena doutrina da Bíblia, leva-nos a um conhecimento de Deus que é mais imediato e mais direto, aquilo que os puritanos denominavam conhecimento espiritual de Deus, além e acima do conhecimento da fé.

E, naturalmente, isso, por sua vez, leva à comunhão com Deus. Vejam isso em 1 João, capítulo 1. O velho apóstolo apercebe-se de que está chegando o fim da sua vida, e, ao escrever aos novos cristãos das igrejas, diz-lhes o que ele deseja para eles. É que tenham comunhão com ele, mas, diz ele, não meramente que tenham comunhão com ele, porque "a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo". Quero que vocês saibam disso, diz João. Quero que vocês saibam que, apesar das coisas que lhes aconteçam neste mundo, vocês podem estar gozando ativa comunhão com

[1] Para um estudo mais completo destas experiências, talvez os leitores se interessem pela leitura da obra de M. Lloyd-Jones, *Joy Unspeakable* (Gozo Inefável) (Kingsway, 1984).

Deus. O que se pretende é que vocês andem com Deus agora, e jamais se espera que vocês se sintam sós. Espera-se que vocês saibam, com certeza, que Deus e Cristo estão com vocês, e que a vida de vocês é para ser uma caminhada e uma peregrinação na presença de Deus o Pai e Deus o Filho, pelo Espírito Santo que está em vocês. Essa comunhão é para ser inquebrantável. Cair em pecado é romper a comunhão, e, se caírem, vocês terão tal consciência do pecado que saberão que foram deixados sós. Contudo, diz João, quero assegurá-los de que, se vocês compreenderem o que fizeram, e se o confessarem e o reconhecerem, e voltarem para Deus, o sangue de Jesus Cristo ainda é eficaz. O seu pecado será apagado, vocês serão renovados, e vocês continuarão nesta santa caminhada em vida na presença de Deus.

Povo cristão, é para isso que fomos chamados, essa é a espécie de vida que fomos destinados a viver. A vida eterna é isso – andar com Deus, compartilhar Sua vida e manter comunhão com Ele; não achando que Deus é um estranho que está longe de nós e que tentamos encontrar quando estamos em dificuldade, mas cientes de que estamos sempre com Ele, sempre em Sua presença, cônscios da Sua presença, e andando juntos e em comunhão com Ele na luz. A vida cristã é isso, estar sempre com Deus, não apenas em nossas horas especiais de oração. Toda a nossa vida deve ser vivida na consciente presença de Deus.

E isso, por sua vez, leva ao próximo item, que é que, conhecendo-O dessa forma, passamos a conhecer especialmente a Sua vida. Quando Paulo orou pela igreja em Éfeso, orou no sentido de que eles (os membros) conhecessem o amor de Cristo, a altura, a profundidade, o comprimento e a largura desse amor "que excede todo o entendimento", para que se juntassem a todos os santos no conhecimento disto. Saibam, meus amigos, sinto cada vez mais que esta é a nossa grande lacuna; esta é a maior necessidade da Igreja moderna

e do cristão moderno. O que não assimilamos – e isso explica muitos dos nossos erros e deficiências – é o maravilhoso amor de Deus. Oh, se tão-somente conhecêssemos este amor! Se tão-somente conhecêssemos e entendêssemos algo do grande mistério da encarnação e da expiação, deste maravilhoso amor de Deus para com o mundo, apesar do seu pecado! Mas o homem que tem a vida eterna começa a conhecer e a cientificar-se disto. Este amor torna-se atraente para ele, e é por isso que ele pode sorrir diante dos seus cruéis perseguidores. Ele pode saber e dizer com o apóstolo Paulo que nada pode separá-lo do amor de Deus.

Assim, pois, o homem que tem a vida eterna é o homem que conhece Deus, o homem que se aprofunda numa crescente consciência do caráter e da natureza de Deus. Aqui também desejo perguntar: quando olhamos para trás e examinamos o passado das nossas vidas, podemos dizer que estamos vindo a um conhecimento cada vez maior de Deus? Achamos que entendemos a natureza de Deus, em geral, mais do que a entendíamos? Deus está Se tornando mais e mais real, e nós nos estamos tornando cada vez mais cientes do Seu estupendo e maravilhoso amor?

Vejamos agora o segundo grande princípio, qual seja, ter a vida eterna significa que, não somente conhecemos Deus dessa maneira, mas também começamos a tornar-nos crescentemente cientes da nossa relação com Deus. A isso os apóstolos davam ênfase sem cessar. O homem que tem a vida eterna, diz Paulo, é o homem que tem o espírito de adoção, que agora conhece realmente Deus como seu Pai, e suponho que, num sentido, este é o traço distintivo do cristianismo. Os judeus da antigüidade criam em Deus num sentido geral, em Deus como o Criador, em Deus como o Formador do mundo, mas, certamente, o elemento especial que o nosso Senhor introduziu foi este certo e seguro conhecimento e certeza de Deus como Pai. "Recebestes o espírito de adoção de

filhos", diz o apóstolo, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Rom. 8:15). Bem, isso é inevitável, claro, com base em tudo o que estivemos dizendo; é o resultado inevitável do nosso conhecimento de Deus. Começamos a compreender a verdade acerca de nós mesmos em nossa relação com Deus, e eu não conheço nada que nos capacite a saber mais certamente se recebemos ou não este dom da vida eterna do que a nossa resposta a uma pergunta simples: quando pensamos em Deus e quando vimos à Sua presença, qual é o nosso pensamento, qual é a nossa idéia de Deus? Acaso percebemos e sabemos com certeza que Ele é nosso Pai? Quando dizemos: "Pai nosso, que estás nos céus", queremos realmente dizer isso?

O nosso Senhor descreveu isso no Sermão do Monte. Ele estava antecipando ali o que deveria caracterizar o cristão, e diz: Vós não deveis preocupar-vos com comida e com roupa, porque "vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas" (Mat. 6:32). Nós vamos ter com o nosso Pai, e quando chegamos a Ele percebemos que Ele é o nosso Pai. Na verdade não devemos só crer nisso, devemos ter consciência disso, do espírito de adoção que nos leva a clamar: Aba, Pai – esta relação íntima. O cristão começa a aperceber-se de que Deus é realmente seu Pai, que os cabelos da sua cabeça estão todos contados, e que a sua relação com Deus não é algo mecânico, é experimental. Naturalmente, isso leva a um sentimento de dependência de Deus, e à consciência de que, à medida que passa o tempo, estamos em Suas mãos. E isso, ademais, significa que começamos a buscá-lO para receber dEle força, poder e tudo.

Oh, quão tolos somos! Não peço desculpas por usar essa frase. Como somos tolos, como cristãos, por não nos apercebermos de que, nesta relação com Deus, todas as nossas necessidades podem ser supridas e satisfeitos todos os nossos desejos. A vida que o Senhor Jesus Cristo viveu aqui na terra,

Ele mesmo no-lo diz repetidamente, foi vivida na constante dependência do Seu Pai. Diz Ele: "As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" (João 14:10). Todavia, é só quando nos apercebemos disso que começamos a entender porque o nosso Senhor sempre orava. Pois muita gente não entende por que o Filho de Deus orava quando estava na terra. A resposta é que a Sua vida como homem era dependente de Deus. Ele recorria a Deus para as obras que Lhe cabia realizar, e recebia poder para efetuá-las, mediante o Espírito Santo, que Lhe foi dado sem medida, e foi com esta força e com este poder que Ele Se ofereceu. Foi por meio do Espírito que Ele Se ofereceu a Deus, e foi "declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos" (Rom. 1:4).

Certamente esta é uma das coisas mais estonteantes que o homem pode chegar a aprender neste mundo, mas é parte essencial do conhecimento de Deus. E assim vocês vêem, quando lêem as biografias dos santos através dos séculos, que eles sempre foram pessoas que passavam muito tempo em oração. Eles compreendiam que era pressuposto que deviam viver esta vida como Cristo a viveu, na dependência de Deus, e por isso não confiavam em sua própria força e capacidade. Eles buscavam a plenitude do Espírito, buscavam o poder que só Deus pode dar e que eles hauriam de Deus, e viviam sua vida de vitória e triunfo.

Mas eu quero dar ênfase a outro aspecto sugestivo desta grande vida, qual seja, que o homem que tem a vida eterna conhece Deus e sua relação com Deus, deleita-se em Deus, e o Seu supremo desejo é conhecer Deus melhor. Aqui eu volto aos Salmos. Vocês se lembram do que Davi sentiu quando foi de novo à casa de Deus? Ele nos diz: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim... a minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sal. 42:1,2). Bem, isso acontece

inevitavelmente, se possuímos a vida eterna; vida sempre atrai vida. A característica do amor é que quem ama sempre deseja estar na presença do objeto do seu amor, e o recebimento da vida eterna leva a essa atitude com respeito a Deus. E assim vocês poderão ver, quando lerem as Escrituras sobre estes santos homens de Deus e quando lerem as biografias de todos os santos, que o maior desejo deles era conhecer Deus melhor. Estavam sempre buscando a Sua presença e uma percepção cada vez maior dEle. Era isso que os levava a se examinarem todos os dias e a verem como viviam. Era isso que levava aquele homem piedoso, John Fletcher, a fazer a si mesmo uma série de perguntas quando ia para a cama, todas as noites. Essas perguntas se destinavam a estabelecer este ponto: estivera andando com Deus como devia? Esse andar fora negligenciado em sua vida? Houvera algum rompimento da comunhão? O pecado tinha entrado e a tinha empanado e prejudicado? Isso caracteriza universalmente todos os santos, seja qual for o século ou a nação a que pertencem; eles colocavam diante de si, acima de tudo mais, uma percepção da presença de Deus, e faziam isso porque se deleitavam nEle. Passar tempo lendo a Bíblia e meditando não é um fardo para aqueles que têm a vida eterna. Eles têm prazer nela, é sua maior alegria, pois, conhecendo Deus como O conhecem, eles O curtem. A primeira pergunta do Breve Catecismo é: "Qual é o fim principal do homem?" A resposta é: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lO para sempre". E vocês não podem ler a Bíblia honestamente sem constatarem que aqueles que são descritos no Velho Testamento conheciam e gozavam Deus, e gostavam de viver sua vida com Ele. O maior prazer do nosso Senhor era falar com Seu Pai, estar em comunhão com Ele. Ele gostava de Deus, e fomos destinados a gostar de Deus. Oh, que Deus não seja um mestre de obras para o homem que tem a vida eterna, para aquele que é cristão verdadeiro! Deus

deve ser o objeto supremo do seu gozo, da sua alegria e do seu prazer.

Meus amigos, se apenas conhecêssemos Deus em Seu caráter santo e amoroso, se apenas conhecêssemos o Seu amor, quereríamos passar toda a nossa vida em Sua presença e com Ele. Era isso que aqueles homens aguardavam. "Para conhecê-lo", diz Paulo; ele está esquecendo as coisas que para trás ficam e avançando, em busca deste puro gozo de Deus no céu. Essa é a realidade do céu, estar aquecido pelo amor e pela glória de Deus. O homem que recebe a vida eterna começa a despertar-se para estas coisas. Não quero desencorajar ninguém. Estou descrevendo esta vida em plenitude, porém, ao fazê-lo estou, obviamente, sugerindo que, se estamos tão alheios a isto e nada sabemos a respeito, nem de modo o mais elementar, então é tempo de perguntar a nós mesmos se já recebemos a vida eterna. Afinal, sou cristão? Sei algo destas coisas? Terei alguma vez passado um segundo em minha vida em que conheci algo de Deus, apercebi-me da Sua presença e conheci algo do Seu estupendo amor? O homem que tem esta vida é o homem que ama Deus. Vejam vocês, Deus não pára de pedir-nos que O amemos. "O primeiro de todos os mandamentos", diz o nosso Senhor, é: "Amarás ao Senhor teu Deus...". A fé é insuficiente, o que se pretende é que avancemos e amemos a Deus e O amemos com todo o nosso ser.

Mas, obviamente, devo passar ao próximo princípio, segundo o qual o homem que tem a vida eterna gosta de fazer a vontade de Deus. Essa é a seqüência lógica. O homem que ama é o homem que deseja ansiosamente agradar ao objeto do seu amor. Não há melhor prova de amor do que essa, e, se você não deseja agradar a alguém que você diz que ama, eu lhe asseguro que você não ama tal pessoa. O amor sempre quer ser agradável e quer dar-se, e todo aquele que ama Deus quer fazer a vontade de Deus. Se vocês observarem Cristo, verão que toda a Sua vida o Seu único objetivo era fazer a vontade

de Seu Pai. Não Lhe importava o que era; mesmo no Jardim do Getsêmani, quando Se defrontou com uma coisa que realmente não queria, mesmo ali Ele disse: "Todavia não se faça a minha vontade, mas a tua" (Luc. 22:42). Não quero beber este cálice, diz Ele, porém, se bebê-lo é fazer a Tua vontade, até isso farei – esse é o amor em sua máxima e melhor expressão, e essa é a verdade a respeito de todos quantos têm a Sua vida. O fim principal do cristão verdadeiro é a glória de Deus, pelo que ele passa o seu tempo buscando conhecer a vontade de Deus e fazê-la. Ele luta por fazê-la e gosta de fazê-la. Ele é dominado por esta única idéia. Tendo aprendido o que Deus fez por Ele e o que Deus é para Ele, tendo compreendido algo deste amor de Deus, ele diz: "Amor tão admirável, tão divino, requer minha alma, minha vida, meu tudo". E, portanto, o homem que tem a vida eterna tem este supremo objetivo e desejo em sua vida, fazer a vontade de Deus.

E isso me leva à minha última palavra neste estudo. A suprema manifestação da posse da vida eterna é que ela produz certos resultados em nossas vidas. Afortunadamente para nós, eles todos foram expostos num breve espaço pelo apóstolo Paulo em Gálatas, capítulo 5, versículos 22 e 23, onde ele fala do fruto do Espírito. Uma vez um homem disse uma coisa muito profunda, quando descreveu estes versículos como "A mais curta biografia de Cristo jamais escrita". Ele estava absolutamente certo. Essa é a perfeita descrição da vida do Senhor Jesus Cristo; essas foram suas características – "amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé (ou fidelidade), mansidão, temperança", e quem quer que tenha recebido dEle este dom da vida eterna, é alguém que, por sua vez, começa a manifestar essa espécie de vida; esse é o tipo de pessoa que ele se torna. "O reino de Deus", diz Paulo aos romanos, "não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rom. 14:17). "A inclinação da

carne é inimizade contra Deus" (Rom. 8:7); "a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz" (Rom. 8:6). Assim é que, quando nos examinamos neste momento, devemos fazer a nós mesmos este questionamento vital: pode Cristo cumprir em mim o objetivo da Sua vinda e da Sua morte? Diz Ele que fez tudo para dar-nos a vida eterna. Você recebeu a vida eterna? E um modo muito bom de testar isso é prosseguir e perguntar: o fruto do Espírito está se manifestando em mim? Porque Cristo é a vida eterna, e o Espírito produz o fruto da vida eterna em nós.

Porventura você conhece esta vida de Deus em sua própria vida? Tem você este gozo no Espírito Santo, algo que o torna independente das circunstâncias? Você conhece ou experimenta grande paz em seu coração, paz interior, paz com as outras pessoas, algo que, aconteça o que acontecer, deixa-o calmo? Você é longânimo? Ele foi longânimo quando sofreu a contradição dos pecadores contra Si. Acaso somos benignos; somos bondosos; somos pacientes com as pessoas, ou perdemos as estribeiras com elas? Estaríamos constantemente mostrando a nossa irritabilidade e as nossas suscetibilidades, ou realmente manifestamos longanimidade, benignidade e bondade, fidelidade, mansidão, humildade e temperança – ou domínio próprio? Haveria disciplina em nossas vidas? Há um controle e um equilíbrio quando se vive a vida de Cristo. Vejam estas coisas e lembrem-se de que Ele as ofereceu a nós. E eu faço estas perguntas, não somente para que as saibamos aqui e agora, mas para que as gozemos. Podemos receber o dom da vida eterna nesta vida e neste mundo, porém, se morrermos sem ele, não teremos a mínima possibilidade de gozar a vida de Deus na eternidade. Esta é apenas uma preparação, é uma prelibação. Não nos é dada a plena posse da grande propriedade, mas nos é dado o selo, o penhor, a escritura e a garantia da herança aqui, simplesmente significa que

nunca receberemos a herança completa lá.

Meus amigos, vocês receberam a vida eterna? O desafio mais momentoso com o qual vocês se defrontam é o Senhor Jesus Cristo, que morreu na cruz e que ressuscitou para dar-lhes este dom. Vocês encontram algo desta vida em vocês? Se encontram, bem, empenhem-se a partir deste momento a viver por esta bênção, a receber mais dela, para que possam crescer e desenvolver-se. Mas se vocês sentirem que nunca receberam esta vida, vão quietinhos e depressa para algum lugar em busca da presença de Deus, e digam-Lhe que vocês vêem claramente que nunca a tiveram; reconheçam e confessem a Ele o seu pecado, e desistam de confiar em si mesmos e em sua bondade pessoal.

Esta é a prova do cristão, não ser melhor do que todo o mundo, não ser membro de igreja, não simplesmente sustentar certas idéias, não orgulhar-se desta ou daquela forma de moralidade estrita. Não, esta é a prova do cristianismo, e nada menos, e, se você (amigo) percebe que não a tem, confesse-o a Deus, confesse toda a sua justiça própria, reconheça isso tudo. Lance-se a essa oferta que Deus faz da salvação gratuita em Cristo, que morreu por você, e peça a Ele que lhe dê este dom da vida eterna, este dom da vida divina que é verdadeiramente vida. E, uma vez que a tenha, começará a viver para Deus e para a Sua glória, e a fruí-lO. A religião já não será um dever, será o seu maior prazer. Termino como comecei, e lhe peço que ore:

Sopra em mim ó Sopro divino,
Enche-me de vida renovada,
Para que eu ame o que Tu amas
E que faça, Senhor, o que farias.
– Edwin Hatch

13

Seguros em Seu Reino Eterno

"Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste para fazer. E agora glorifica-me tu, o Pai, junto a ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." – **João 17:1-5**

Talvez seja igualmente bom, nesta altura, lembrar-nos do fato de que, quando o nosso bendito Senhor e Salvador apresentou esta oração a Seu Pai, Ele o fez audivelmente. Foi uma oração dirigida a Deus, mas com a intenção de que fosse ouvida pelos discípulos. E o caráter geral da oração, não somente nesta primeira parte que estivemos considerando, mas toda a oração registrada no capítulo inteiro, impele-nos à mesma conclusão – que o nosso Senhor tinha um grande objetivo ao fazer esta oração audivelmente, qual seja, que os Seus discípulos e seguidores conhecessem e tivessem como certa a segurança da sua posição. O teor geral da oração é que o nosso Senhor está pondo os discípulos na dependência de Deus o Pai, e está rogando a Ele que cuide deles, por assim

dizer, e Ele o faz audivelmente a fim de que eles soubessem disso. Mas, ao fazê-lo, Ele entra em certos detalhes, e é quando examinamos estes detalhes, como estivemos fazendo, que realmente captamos toda a grande e elevada doutrina e chegamos à conclusão de que a nossa posição é certa e segura.

Noutras palavras, estivemos engajados numa análise destes versículos para que todos nós nos vejamos experimentando realmente o que Augustus Toplady expressa em seu conhecido hino, a posição na qual o homem está confiante e seguro, certo de que nada pode jamais separá-lo do amor de Deus:

Nem as coisas futuras, nem as do presente,
Nem as coisas que embaixo estão, nem as de cima,
Podem fazê-lO a Seu propósito renunciar,
Nem minh'alma apartar do Seu grandioso amor.

Essa é a grande doutrina anunciada aqui nestes versículos – a segurança do crente. O nosso Senhor estava chegando ao fim da Sua vida terrena. Ele ia deixar o mundo e voltar a Deus para partilhar a glória eterna em sua plenitude, e o grande interesse do nosso Senhor era que os Seus seguidores – e por meio deles todos os que cressem por causa da sua pregação e todos os cristãos de todos os séculos e de toda parte – conhecessem e tivessem como certa a segurança da sua posição. E vemos, em conseqüência, um dos temas mais grandiosos de todas as Epístolas do Novo Testamento. Num sentido, é por isso que cada uma destas Epístolas foi escrita, a fim de que todos os cristãos pudessem *saber*, e os escritores os exortam a viver um certo tipo de vida por causa disso. Os cristãos não são exortados a fazer certas coisas para que finalmente possam chegar ao céu. Antes, é dito a eles que vivam esta espécie de vida porque foram destinados a isso, e é devido a isso que o pecado é tão impensável e tão incompatível.

João faz um sumário disso em sua Primeira Epístola, quando diz: "Qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo" (1 João 3:3), e por isso o que é importante é saber que temos esta esperança. Vocês podem vê-lo de novo, por exemplo, em Hebreus, capítulo 6, onde o autor exorta os cristãos hebreus a continuarem a fazer boas obras com toda a diligência, "até ao fim, para completa certeza da esperança" (versículo 11) – é o mesmo pensamento. Ele quer que eles saibam que têm uma âncora dentro do véu "onde", diz ele, "nosso precursor entrou por nós" (versículo 20). Essa é a maneira de viver a vida cristã. O cristão nunca foi destinado a ir por este mundo hesitante e indecisamente, duvidando se é cristão, esperando que numa ou noutra ocasião antes da sua morte lhe aconteça algo de súbito. Não, ele deve partir desta posição e deve caminhar firme e resolutamente em direção à sua esperança eterna. Esse, digo eu, é o propósito desta grande oração, e ela redunda especialmente na grande e sublime doutrina que estivemos estudando juntos nestes cinco versículos. Realmente, o nosso objetivo e emprenho ao considerá-los, é expor esse aspecto da verdade a fim de que todos nós gozemos "até ao fim", a "completa certeza da esperança".

Pois bem, estivemos fazendo isso minuciosamente, e o que eu desejo fazer aqui é tentar resumir tudo e ter uma daquelas vistas sinóticas do todo, de modo que possamos verificar como é que estamos no grande plano e propósito de Deus. Esboçamos isso como é ensinado aqui, e vimos algumas coisas a seu respeito. Vimos que não é algo contingente e fortuito, que é algo que foi planejado, e que os nomes dos que pertencem a Deus foram escritos no livro da vida antes da fundação do mundo. Esse é o ponto de partida, e o examinamos como revelado, e como promulgado e efetuado neste mundo. Noutras palavras, a nossa salvação depende do propósito eterno de Deus, efetuado na história, de modo que

não somos salvos por idéias ou por teorias, mas por certas coisas que foram feitas e decretadas uma vez por todas. Sempre devemos pensar em nossa salvação nestes termos e nestas categorias. Pertence à história e é tão definidamente histórica como o fato de que Júlio César invadiu a Grã-Bretanha em 55 a.C. Toda ela depende de certos eventos que realmente ocorreram. Assim, tendo adentrado estas coisas em detalhe, quero agora juntar as bases da nossa crença na segurança do autêntico cristão, e colocá-la na forma de vários princípios.

Primeiro, é-nos dito que o cristão é alguém que foi escolhido por Deus e que foi dado por Deus a Seu Filho, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". Pois bem, essa é uma declaração vital. Pergunto se vocês alguma vez notaram que o nosso Senhor a repete sete vezes só neste capítulo. Não quero que vocês só tenham interesse estatístico – não é esse o objetivo – porém eu quero que vejam a importância desta declaração. Aí está ela no versículo dois: "para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". Depois, no versículo 6, Ele diz: "Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste", e de novo, "eram teus, e tu mos deste" – portanto, ele a profere duas vezes nesse versículo seis. Depois a vemos outra vez no versículo nove: "Eu rogo por eles" – notem isto – não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus". Ele não ora pelo mundo, ora por aqueles que pertencem a Deus e que Deus Lhe deu – aí está a grande divisão. Depois a vemos no versículo 11: "E eu já não estou mais no mundo", diz Ele, "mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós". É a mesma referência. E novamente, no próximo versículo: "Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da

perdição". E finalmente nos é dada pela última vez no versículo 24: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória, que me deste: porque tu me hás amado antes da criação do mundo".

Ora, o claro ensino destas passagens das Escrituras é, obviamente, que Deus o Pai deu algumas pessoas a Deus o Filho, e o Filho veio a este mundo especificamente para dar a vida eterna a essas pessoas, e a ninguém mais.

"Ah", você dirá, "mas eu não entendo esse tipo de doutrina!"

Mas eu estou simplesmente explanando para vocês a declaração das Escrituras. Se houver alguma outra explicação concebível de declarações como esta, interessa-me ouvi-la. Isto não é teoria minha, nem de nenhum outro homem. O nosso Senhor faz esta declaração sete vezes só neste único capítulo, e é uma declaração que vocês podem ver percorrendo repetidamente as Escrituras, a saber, que Deus, Seu Pai, deu-Lhe, por assim dizer, uma multidão de pessoas, para que Ele desse a vida eterna "a todos quantos lhe deste". Portanto, o que cabe ao Filho é dar a vida eterna a cada uma daquelas pessoas. É isso que o nosso Senhor diz nesta grande oração sacerdotal, à sombra da cruz.

No entanto, quando eu digo algo como o que estou dizendo, as pessoas começam imediatamente a fazer perguntas. Elas dizem: "Não entendo o amor de Deus que pode fazer isso por algumas pessoas e não por outras".

Meus caros amigos, eu não entendo isso, e ninguém o entende. O nosso dever é vir às Escrituras e crer nelas. Não pretendo entender a mente eterna de Deus e como Sua mente opera. Não é meu propósito entendê-lo. Este é o problema dos filósofos. Eles dizem que não entendem como Deus pode fazer isto ou aquilo, querem explicar a mente do Deus todo-poderoso com suas mentes anãs, e não se pode

fazer isso. Por isso os filósofos acham tão difícil tornar-se cristãos. Tudo o que eu sei é que o bendito Filho de Deus, estando neste mundo, diz: "Não oro pelo mundo"; Ele ora somente por aqueles que Deus Lhe deu. Ele nem mesmo diz que os escolheu; diz que Deus o Pai os escolheu e os deu a Ele. E, como eu entendo esta doutrina, é que quando o Filho veio do céu, veio com uma grande comissão, uma grande incumbência dada pelo Pai. Era que Ele deveria fazer certas coisas neste mundo a fim de poder dar a vida eterna àquelas pessoas que Deus tinha separado para Si e tinha dado ao Filho como Sua herança.

Se vocês seguirem a pista desta doutrina através das Escrituras, vê-la-ão no Velho Testamento, e ali tão clara quanto no Novo Testamento; vê-la-ão em toda parte. A minha salvação e a de vocês era algo que Deus conhecia, e os nossos nomes foram escritos no livro da vida do Cordeiro, antes da criação do mundo. Você não entende isso, nem eu, mas, graças a Deus, não somos salvos por nosso entendimento, e sim por nossa aceitação da verdade. É de fato inteiramente antiescriturístico os homens e as mulheres colocarem dificuldades intelectuais na frente da clara declaração das Escrituras, e eu penso que precisamos reconsiderar esta questão. E não é nem um pouco surpreendente que achemos difícil equiparar certas declarações à nossa concepção do amor de Deus. Mas o apóstolo Paulo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, afirma que "aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (1 Cor. 1:21), mas os sábios, os que confiam em seu próprio entendimento, estes ficam confusos – "loucura para os gregos".

Meus diletos amigos, o jeito de começar a considerar estas questões é simplesmente (para cada um) lembrar-se do que é. Avalie a sua mente, o que você estabeleceu como o supremo tribunal de recursos e de autoridade, quão grande é? Que é que realmente entendemos com as nossas mentes?

Entendemos a nós mesmos? Entendemos a vida? Entendemos o grande mistério e a grande maravilha da criação? Entendemos "a mínima flor que desabrocha", a eletricidade, ou uma coisa tão diminuta como o átomo? Claro que não! E, no entanto, levantamos nossas minúsculas mentes contra a mente de Deus. Nossas mentes são pequenas demais, seu escopo é por demais limitado. Mas isso não é toda a verdade a nosso respeito. Não somente as nossas faculdades são limitadas para sequer começar com isso; nós, além disso, somos criaturas pecadoras. Não vemos nada direito, e tudo é influenciado por esse fato. A nossa mente está naturalmente em inimizade com Deus, e todo o nosso entendimento é defeituoso e é manchado e enlameado pelo pecado.

É por isso que a posição cristã é a seguinte: daí por diante eu deixo de colocar qualquer coisa em termos de "minha mente e meu entendimento". E eu venho à Bíblia como uma criança pequenina, apercebido de que a Bíblia não estará aberta para mim, exceto se a minha mente for iluminada pelo Espírito Santo – razão pela qual não confio em minha mente. Fé significa que nós nos abrimos voluntária e deliberadamente para a revelação da Bíblia, e que, quando não entendemos as coisas, dizemos: "Eu não entendo, mas estou contente por não entender. Eu confio na Palavra de Deus, e me firmo pessoalmente, e firmo toda a minha posição, inteiramente nela. Essa é a posição da fé. No momento em que você começar a apresentar a sua mente e os seus argumentos e a dizer que não pode perceber ou entender alguma coisa, você está se afastando da revelação e retornando à pecaminosa posição de estabelecer a sua mente como o supremo tribunal de apelação. Em, Romanos, capítulo 8, nos é dito que "os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho... e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou" (versículos 29, 30). Ele o fez; o cristão já está glorificado,

como também está justificado aos olhos de Deus, embora ainda na terra. Ele pode ser considerado como ovelha para o matadouro (versículo 36), mas está glorificado. Deus não faz as coisas do tipo retalho, Ele as faz como um todo, e Ele conhece o Seu povo. "O fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: o Senhor conhece os que são seus" (2 Tim. 2:19). Deus conhece os Seus desde o princípio, e os separou para Si. Paulo ora pelos efésios no sentido de que os olhos do entendimento deles sejam iluminados, para que saibam "qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos" (1:18). É a mesma doutrina; vemos isso em toda parte na Bíblia.

Portanto, esta é a primeira base, o primeiro fundamento da nossa segurança e da nossa certeza. Minha certeza repousa no fato de que, se afinal eu sou cristão, sou cristão porque Deus me escolheu para a salvação e me separou; Ele me tirou de tudo quanto me é impedimento, e deu o meu ser a Seu Filho para que o Filho me desse a vida eterna. Que bendita base sobre a qual viver! Que fato assustador! Oh, a indescritível loucura dos homens e das mulheres que pela filosofia tentam entender o inescrutável, o eterno, e rejeitar uma tal doutrina! Algumas pessoas acreditam que você pode receber do bendito Filho de Deus a vida eterna e depois perdê-la, e recuperá-la, e depois tornar a perdê-la, e assim prosseguir incertamente neste mundo, até morrer. Meus amigos, isso é um insulto a Deus! É um insulto ao glorioso plano divino de redenção, é um insulto ao modo divino de fazer as coisas – "para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". Que concepção, Deus dar o meu ser a Cristo, para que Cristo me salve e me dê a vida eterna.

Essa é a primeira base, mas passemos a outra. A segunda base da segurança e da certeza, em conformidade com o nosso Senhor, é que todos os obstáculos e impedimentos ao nosso recebimento deste dom da vida eterna foram removidos

pela obra bendita do nosso Senhor. "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer." Foi necessário que muitas coisas fossem feitas para que eu pudesse receber a vida eterna. Como homem natural, eu me perguntava como poderia obtê-la. Já consideramos o que é. Vocês se lembram de que a vida eterna realmente significa que somos participantes da vida de Deus e que estamos em comunhão com Ele. Não seria óbvio, então, que muitas coisas importantes tiveram que acontecer antes de podermos chegar a essa condição? Por isso, graças a Deus, a minha segunda base para a certeza é que tudo foi feito. Nada ficou por fazer. Ele tratou do problema da minha culpa, removendo-a. Ele me reconciliou com Deus, a lei de Deus foi satisfeita – "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?" (Rom. 8:33). Posso perguntar, sem nenhuma reserva: "Haveria alguém, em algum lugar, que possa intentar acusação contra mim como filho de Deus?" Não há ninguém que possa fazê-lo, pois "É Deus quem os justifica" (versículo 33). Ele próprio fez isso, "Pois é Cristo quem morreu, ou antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus" (versículo 34).

Povo cristão, *esta* é a posição que fomos destinados a ocupar. Permitam-me citar outro hino de Augustus Toplady:

Os terrores da lei e os de Deus
Comigo já não têm o que fazer.
A obediência e o sangue do meu Salvador
Cobrem e ocultam minhas transgressões.

Isso não é jactância, pois não estou confiando em mim, mas nEle – "A obediência e o sangue do meu Salvador cobrem e ocultam minhas transgressões", e, se você não pode dizer isso, há algo defeituoso em sua fé. Longe de ser gabolice jactanciosa, é isso que humilha o homem, é o que leva o

homem a lutar pela santidade em sua vida, porque é a verdade. Ou tomemos também aquelalinha de hino:

Da misericórdia da aliança eu canto.

Pois bem, é isso que o nosso Senhor está dizendo aqui. Ele diz a Seu Pai que tudo o que era necessário tinha sido feito, a culpa removida, a lei satisfeita, o Pai reconciliado, a nova natureza dada, o Espírito Santo dado, e a obra sendo levada a efeito até finalmente este filho de Deus ver-se sem defeito, sem culpa, sem mancha ou ruga, perfeito na presença de Deus. A nossa segurança é que a obra foi realizada, todos os empecilhos, todos os obstáculos, todas as barreiras foram removidos; porque Cristo fez tudo isso, Ele disse: "Vou preparar-vos lugar" (João 14:2), Ele fez o que prometeu, de modo que o resultado final é, como diz Toplady:

Mais felizes, porém não mais seguros,
Os espíritos no céu glorificados.

Que declaração! Conforme Augustus Toplady, com base nestas coisas, os espíritos glorificados no céu não estão mais seguros do que nós aqui na terra, porque a nossa segurança está em Cristo. Naturalmente, eles são mais felizes que nós, eles estão numa terra em que não há pecado, nem vergonha, nem tristeza, nem suspiros; mais felizes – sim – porém não mais seguros.

E eu lhes direi o porquê disso. Ser cristão, vejam vocês, não significa apenas que eu creio no Senhor Jesus Cristo e tenho os meus pecados perdoados. Também significa que eu estou em Cristo, eu estou nEle e Ele está em mim. Eu sou uma parte dEle; eu morri com Ele; eu ressuscitei com Ele. Ele é a minha vida e eu estou nEle. Portanto, estando nEle, estou tão seguro como aqueles que estão com Ele no céu, e isso porque Ele deu o devido tratamento a todas as barreiras,

a todos os empecilhos e a todos os obstáculos que nos impediam de receber esta vida abençoada.

A seguir, a terceira base ou fundamento da minha segurança e certeza é o próprio caráter e natureza da vida propriamente dita. Não preciso dilatar-me sobre isso porque já passamos algum tempo considerando-o. Vocês se lembram de que a natureza da vida eterna é que realmente nos tornamos "participantes da natureza divina", que nascemos de Deus, que somos Seus filhos e que somos participantes da vida do próprio Deus. Pois bem, eu afirmo que, em função disso, tal bênção é algo que não pode ir e vir. Não pode mudar. É algo que é estável e que dura para sempre. É, na verdade, vida eterna, e, quando a analisamos, vimos que "eterna" implica duração. Todos nós fomos destinados, ou à vida eterna, ou a uma vida de condenação e destruição, e ambas vão durar para sempre. A vida eterna é a vida de Deus e, por isso, dura para sempre, é sempiterna, e portanto, é vida eterna nesse sentido."

Acho sumamente extraordinário que alguém que se chama cristão possa acreditar que pode receber este dom da vida de Deus, e depois, por causa do pecado, pode perdê-la, e depois aceitá-la de novo, e depois perdê-la mais uma vez. Você não pode nascer e morrer continuadamente! Não, se você recebe a vida de Deus, Deus mesmo lhe dá este dom por meio de Seu Filho, e a própria qualidade, a natureza e o caráter desta vida significam que ela é imperecível. O nosso Senhor já dissera isso no Evangelho de João: "Ninguém as arrebatará da minha mão" (João 10:28) – é impossível. Ou, de novo, o apóstolo Paulo diz: "Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" (Rom. 8:38,39). Acresce que isso é especialmente verdadeiro porque Ele mesmo nos deu

esta vida. Por isso estamos nesta nova relação, pertencemos à família de Deus, estamos separados do mundo, fomos separados para Deus, somos parte do Seu plano e propósito, e pertencemos a Ele. É por isso que Paulo pode dizer com tanta confiança que "as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Rom. 8:18). Somos salvos pela esperança, esperança que é certa e segura, porque se baseia no caráter, realmente na vida, na vida do próprio Deus. Portanto, se sabemos que temos a vida eterna, este conhecimento deve encorajar-nos a saber que, uma vez que Deus nos deu esse dom, este é na verdade, como Deus mesmo disse, uma vida *eterna*.

"Bem, então", alguém dirá: "visto que estou salvo, significa que posso blasfemar e fazer qualquer coisa que eu quiser." Mas o homem que sabe que tem a vida eterna nunca raciocina desse jeito – "Qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3). O homem que sabe que tem a vida eterna e que vai defrontar-se com Deus no céu, é o homem que, mais do que ninguém, vai lutar pela santidade. É sempre esse o caso, é o argumento das Escrituras, e é desse modo que o povo de Deus tem argumentado através dos séculos. Acaso vocês sabem que a obra de missões estrangeiras foi iniciada originariamente por cristãos que criam em coisas como estas? A maior motivação para os empreendimentos missionários sempre foi que eles sabiam que Deus é o meio bem como o fim. Eles criam que Deus os tinha chamado para propagarem o evangelho, e por essa causa sacrificaram tudo, até suas vidas, e iam pregar. O homem que está mais pronto a sacrificar sua vida pelo evangelho é o homem que sabe que nem mesmo a morte pode separá-lo do amor de Deus, e que tem em si a vida de Deus. É por isso que os homens que crêem nestas verdades sempre têm sido os maiores trabalhadores do reino de Deus. É por seu seguro conhecimento de que são filhos

de Deus e possuidores da vida eterna.

Minha próxima base é uma das mais preciosas. Devemos elaborar o argumento fundado no fato de que o nosso Senhor sofreu muito e muitas coisas a fim de que tudo isso nos fosse possível. Esta é Sua declaração: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer". Ele estava Se referindo à Sua vinda do céu, ao fato de que Ele tinha posto de lado os sinais da Sua glória. Ele não Se agarrou ao Seu poder, nem o exaltou. Embora igual a Deus, humilhou-Se e decidiu viver como homem. Ele confiava inteiramente em Deus e no dom do Espírito Santo que recebeu. Ele humilhou-Se. Suportou a contradição dos pecadores, e suou gotas de sangue no Jardim do Getsêmani. Ele cambaleou sob o peso da cruel cruz, os cravos foram martelados em Suas mãos e em Seus pés, padeceu intolerável sede, e morreu. Ele fez tudo isso, e então – "se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rom. 5:10). "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?" (Rom. 8:32).

Esta lógica é completamente inevitável, e eu a desenvolvo assim: Cristo suportou e sofreu tudo isso por mim, para poder dar-me a vida eterna. Portanto, à luz disso, ainda seria possível acreditar que Ele fez tudo isso por mim e pela minha salvação e depois, de repente, abandona-me e me deixa perecer? Impossível! "Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos" – salvos até o fim – "pela sua vida" (Rom. 5:10). Que argumento maravilhoso e poderoso! Creio que é por isso que Ele orou em voz alta na presença destes homens: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer". Fiz tudo isso por eles, e, se fiz tudo isso por eles, nunca vou deixar que

pereçam ou que sucumbam agora.

Precisamos entender esse argumento e empregá-lo. O Filho de Deus fez o máximo por nós, e nunca nos vai falhar. Se sofreu até mesmo a cruz, então, lá no céu, glorificado, Ele vive "sempre para interceder por eles" (Heb. 7:25). Esta é a lógica, de acordo com o autor da Epístola aos Hebreus. Ele salva "perfeitamente" (versículo 25), até o fim. Ele nunca falhará, pois o Seu sangue, a Sua cruz, é uma garantia disso. Se Ele veio realizar a obra enquanto estava aqui na terra, quanto mais a levará a efeito em Seu estado glorificado. Assim, quando usamos este argumento, vemos que ele é uma grande e importante base da certeza e da segurança.

Mas a última base na qual me firmo é a que coloco nestas palavras: "Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste". É uma declaração de fato, uma declaração literal. Deus o Pai deu ao Filho, o Senhor Jesus Cristo, poder sobre toda a carne, sobre todas as coisas – não há nada que não tenha sido colocado sob Ele. Isso é Escritura novamente. Por certo vocês compreendem o que significa isso. O universo, o cosmos, cada astro em sua órbita, o sol e a lua, todo poder, todo átomo com sua força e energia magnética, tudo e todos estão sob o Seu poder. Tudo quanto há na natureza e na criação, o homem e todos os seus poderes, seus projetos, suas maquinações, tudo quanto ele é capaz de fazer, tudo está sob o poder de Deus, sob o poder de Cristo.

E a questão vai além desse ponto. O futuro está em Suas mãos. No Apocalipse há a figura de um livro que foi selado, e nos é dito que não se achou ninguém bastante grande ou forte para abrir o livro do curso da história, até que de repente apareceu o Leão de Judá. Ele prevaleceu porque era bastante forte e poderoso o bastante para abrir o livro. Tudo isso significa simplesmente que toda a história futura está nas mãos do Senhor Jesus Cristo. Vocês talvez estejam preocupados

com a situação internacional, não precisam estar, nem tampouco acerca de nenhuma força ou nenhum poder, porque a história toda está em Suas mãos. Naturalmente, não entendemos isso. Ele permite muitas coisas que não entendemos, porém o fato de que Ele as permite significa que tudo isso está em Seu poder. Não há nada fora das Suas mãos.

Desejo dar mais um passo e dizer que o diabo está sob o Seu poder. O diabo está sob o controle de Cristo, porque Ele tem poder absoluto e até o diabo está sujeito a esse poder. Cristo é o vencedor, e o que o diabo faz está sob a permissão de Deus, pelo inescrutável motivo e propósito de Deus. Somos tão espertos com a nossa filosofia que dizemos: "Ora, por que Deus fez isso? Por que não resolveu fazer-nos perfeitos? Por que satanás tem permissão para fazer isso?" E continuamos a fazer as nossas perguntas. Mas a posição da fé é que eu e vocês simplesmente nos humilhamos como crianças pequenas e nos rendemos ao fato de que Deus ordenou e decretou isso. Ele determinou os tempos, porém há um limite muito definido para o tempo. Deus sabe o dia em que o Senhor Jesus Cristo vai voltar a este mundo. Homens, nações, poderes e todos quantos se opõem a Deus, serão tomados por Ele e lançados no lago da perdição, e Ele dará a prova final de que toda a carne estivera sujeita a Ele e ao Seu poder onipotente.

Contudo, o argumento aqui é que Lhe foi dado todo o poder sobre toda a carne para que Ele pudesse dar a vida eterna. Por isso Cristo fez tudo o que estive descrevendo a fim de me dar o dom da vida eterna. Nesta vida e neste mundo a carne está dentro de mim e me arrasta para baixo. Há luxúrias e paixões e desejos em mim. Isso de ser humano perfeito não existe neste mundo, mesmo sendo cristão. As coisas daqui tentam puxar-me para baixo e roubar-me a vida eterna. Contra mim estão o mundo e o diabo, os quais tentaram até

o bendito Filho de Deus. Como posso resistir a tudo isso? Há somente um meio: Cristo pode controlar isso tudo. A garantia de que eu e vocês poderemos chegar ao céu e à glória é que Ele controla tudo isso e estamos salvos, apesar do mundo, da carne e do diabo. Visto que o "poder que opera em nós" é o poder de Deus, o poder que trouxe Cristo redivivo dentre os mortos, esse poder nos habilita a ir adiante através e além disso tudo.

Paulo fala disso nesta forma realmente extrema. Há alguns pregadores, diz ele, que estão edificando sobre um fundamento de madeira, palha e restolho. E no fim, quando chegar a hora da prova, todas as suas obras serão queimadas e destruídas, não restando nada. Tudo será queimado por ser falso e inútil. Todavia, diz ele, serão salvos "como pelo fogo" (1 Cor. 3:12-15). E o que os tem salvo? O poder do Senhor sobre toda a carne. Ele deixa que sejamos provados e tentados, mas nunca deixará que nos percamos. Homem nenhum, nada, pode arrancar-nos das Suas mãos. Ele exerce o poder, e continuará a exercê-lo, de modo que nem o homem, nem a história, nem o diabo, nem o inferno, nem coisa alguma poderá separar-nos dEle. E assim, nas palavras do hino, podemos dizer:

Daquele que agora tanto me ama,
Que força separar minh'alma pode?
A vida, a morte, a terra ou o inferno?
Não. DEle sou para sempre.
– James Grindlay Small

Meu caro amigo, se você está pondo a sua confiança em seu amor por Ele, ou em sua compreensão dEle ou em seu apego a Ele, sinto muito por você. Tenho pena de você, porque somente nEle está posta a minha confiança. O dom que Ele nos dá é a vida eterna – é Ele próprio. Portanto, o fim

e a consumação de tudo isso é que devemos confiar, e confiar unicamente, na fidelidade de Cristo. Ele fez tudo por você, e o manterá e o salvará até o fim, e o apresentará sem defeito, na presença da glória de Deus, com abundante gozo. Oh, como devemos ser-Lhe gratos por Ele ter elevado ao Pai esta oração audivelmente, para que pudéssemos saber onde estamos, e que estamos cercados por Seu amor, e salvos eternamente, e seguros em Seu reino eterno.

Por que os cristãos ficam abatidos, inseguros ou ansiosos? Poderia ser que às vezes deixamos de compreender o que o Senhor Jesus Cristo já realizou por nós? Antes do nosso nascimento, antes mesmo da criação do mundo, os que pertencem a Cristo foram destinados a uma herança eterna.

O Dr. Lloyd-Jones expõe os versículos iniciais da oração sacerdotal registrada no capítulo 17 do Evangelho de João para colocar diante de nós a profundidade e a majestade do plano divino de salvação.

MARTYN LLOYD-JONES foi, durante trinta anos, ministro da Capela de Westminster, em Londres. Seu ministério de pregação tem influenciado cristãos de todas as partes do mundo e de muitas denominações. Salvos desde a Eternidade é o primeiro de uma série de quatro volumes baseados em João, capítulo 17.